

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós-Graduação em História

ORIENTAR E DISCIPLINAR A LIBERDADE:

Um estudo sobre a educação nas milícias juvenis integralistas – 1934/1937

Giovanny Noceti Viana

Florianópolis

2008

Giovanny Noceti Viana

ORIENTAR E DISCIPLINAR A LIBERDADE:

Um estudo sobre a educação nas milícias juvenis integralistas – 1934/1937

Dissertação apresentada para a obtenção do título de Mestre pelo Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, sendo orientador o Prof. Dr. Adriano Luiz Duarte, e co-orientador o Prof. Dr. Paulo Pinheiro Machado.

Florianópolis

2008

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dedico esta pesquisa aos
meus pais, Claudete e
Wilson.

AGRADECIMENTOS

Elaborar os agradecimentos, em uma obra de feitura tão complexa, não somente é um trabalho emocionalmente desgastante - pois envolve o risco de esquecermos de alguma pessoa querida, além da inevitável hierarquização e do devido comedimento verbal que nos torna seres minimamente civilizados -, mas traz à tona o álbum de recordações desses três últimos anos. Alegrias e tristezas, saudades e reencontros, idas e vindas, perdas e ganhos. Agora olha-se do topo da montanha e vê-se o vale, antes pintado de um marrom outonal, hoje esboçando tons mais fortes de verde.

Esta foi uma dissertação escrita não só a duas, mas a dezenas, quiçá centenas de mãos. Mãos habilidosas, prontas a ajudar, a consolar, a guiar, ou mesmo a desfazer e desviar. Algumas anônimas, outras sempre presentes, e outras ainda presentes na ausência, porém, cada qual com uma contribuição, fosse um tijolo assentado, uma viga erigida, ou uma dica de como vender o edifício.

Meu primeiro e maior obrigado vai para os meus pais, sempre firmes, sempre presentes, sempre pacientes, meu alicerce, pessoas que me espelho pelo seu exemplo de vida e de batalha. Ao meu irmão, que, por mais que possa não saber, sempre foi exemplo do que eu ainda quero ser. À Kellen, por ter me iluminado com seu amor, seu carinho e companheirismo durante a maior parte dessa pesquisa. À Rafa, minha irmã-da-vida, sempre presente na ausência, minha guia e minha pupila, uma daquelas pessoas que a gente carrega a foto na carteira até o fim da vida.

Agradeço aos amigos, fonte inesgotável de alegrias e companheirismo, pessoas preciosas as quais tive a honra e a sorte de conhecer. Sempre em ordem alfabética, contribuíram, cada qual com sua beleza, com sua palavra ou com sua bronca: Alain Rojo, Aline Kruger, Ana Iervolino, Daniel Boeira, Déborah Lopes, Dismael Sagás, Fábio Dummel, Filipe Monteiro, Gustavo Perez, Juliana Vamerlati, Marco Antônio, Marilane Machado, Marcelo Luis Baldissera, Marília Mezzomo, Michelle Cherem, Miguel Angel, Milano Cavalcante, Nelci Leuchtenberger, Paulo Pinheiro Machado, Rafael da Cunha, Rafael Pereira, Raquel Leuchtenberger, Rodrigo Nóbrega, Rodrigo Santiago, Simone Rengel, Victória Gambetta, Wagner Nascimento.

Meu muito obrigado também ao *corpo técnico*, absolutamente indispensável na feitura de cada página deste trabalho. Aos meus orientadores, num primeiro momento o

professor Adriano Luiz Duarte, e, num segundo momento, o professor Paulo Pinheiro Machado, os quais agradeço pela paciência e disponibilidade. À Nazaré, sempre pronta a ajudar, aos professores da linha *Trabalho, sociedade e cultura* pela convivência e pelos ensinamentos, juntamente com outros professores do mesmo programa, através dos seus seminários. Agradeço também à minha banca de qualificação, composta pelos professores Ricardo Silva e Maria de Fátima Piazza, e à banca final, na figura dos professores João Fábio Bertonha, Janice Tirelli Ponte, Fátima Piazza e Paulo Pinheiro Machado. Aos tantos funcionários dos arquivos que visitei – da Biblioteca Pública de Santa Catarina, do Arquivo Público Municipal de Blumenau e de Rio Claro, SP. Agradeço aos camaradas do Grupo de Estudos do Integralismo (GEINT), especialmente ao Gilberto Calil, João Fábio Bertonha, Leandro Gonçalves, Márcia Carneiro e Renato Dotta, entre dezenas de outros que compõem não somente um grupo de estudos, mas um grupo de amigos que convivo já há quase 5 anos.

Por último, mas nem por isso menos importante, meu imenso obrigado ao povo brasileiro pelas horas de vida gastas trabalhando para a minha formação: tempo transformado em salário pelo patrão, em impostos pelo Estado, permitindo o financiamento não somente desta pesquisa, mas de toda minha vida acadêmica.

RESUMO

Proponho, com este trabalho, estudar as formas como a Ação Integralista Brasileira (AIB) planejava e executava a doutrinação política de um segmento específico de sua militância: a Juventude Integralista. Verifiquei que no período estudado – entre 1934 e 1937, ou seja, depois de consolidados no Brasil inteiro e iniciando sua expansão, que terminaria com a implementação do Estado Novo - os integralistas dialogaram com o movimento pedagógico da Escola Nova, adotando vários dos seus pontos na sua prática educacional. Além disso, analisei a estrutura administrativa dos Departamentos de Juventude da AIB, os diversos meios de doutrinação dos jovens - como atividades escoteiras, publicação de textos em jornais e revistas -, e parte do conteúdo ideológico direcionado àquela nova geração de Camisas-Verdes.

Palavras-chave: Integralismo, educação, juventude, escotismo, Escola Nova

ABSTRACT

My goal with this present research is to understand how the Ação Integralista Brasileira (AIB) - Brazilian Integralist Action - planned and executed the political policies of a specific part of its militancy: the Integralist Youth. I could observe at that time of history - between 1934 and 1937, when the movement was already disseminated countrywide -, that the integralists adopted many of the ideas from the Escola Nova (a kind of “Brazilian version” of North-American and European studies of experimental pedagogy from the beginning of the XX century), using it in their educational practice. I have also studied the administrative structure of the AIB Youth Departments, their scout activities, journal and paper’s publications and its ideological content directed to the new generations of the so called Green Shirts.

Key words: Integralism, education, youth, Scout, Escola Nova

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 – Exemplo de uniforme dos plinianos	89
Fotografia 2 – Plinianos do Núcleo Integralista da Ilha do Governador, RJ.	123
Quadro 1 – Comparativo entre a organização da tropa pliniana do regulamento de 1934 e de 1936	94
Quadro 2 – Comparativo entre o uniforme pliniano do regulamento de 1934 e de 1936	94

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 - A GRANDE ESCOLA NACIONAL	20
1.1 - A ETERNA BATALHA	21
1.2 - A QUARTA HUMANIDADE	24
1.3 - NUM PAÍS TROPICAL, ABENÇOADO POR DEUS	28
1.4 - REVOLUÇÃO, REVOLUÇÕES...	32
1.5 - POR UMA CULTURA INTEGRALISTA	37
1.6 - DA ROCHA BRUTA O NOVO HOMEM	40
2 - CONTEXTO PEDAGÓGICO NACIONAL E INTEGRALISTA	49
2.1 – TENDÊNCIAS EDUCACIONAIS NOS ANOS 30	50
2.1.1 – Sempre alerta: Escotismo e educação	50
2.1.2 – Em busca da hegemonia: liberais e católicos	55
2.1.2.1 – Educar para a vida: Propostas da Escola Nova	56
2.1.2.2 – Educar para a salvação: Propostas católicas	62
2.2 – EDUCAR PARA A NOVA HUMANIDADE: INTEGRALISMO E EDUCAÇÃO	66
3 – A JUVENTUDE INTEGRALISTA	82
3.1 - “O INTEGRALISMO MOBILIZOU A JUVENTUDE BRASILEIRA NUMA OBRA DE EDUCAÇÃO CÍVICA E FÍSICA, PREPARANDO-A PARA SER ÚTIL AO BRASIL”	82
3.2 – ATIVIDADES DOS PLINIANOS	95
3.2.1 – “Cultivarás todas as virtudes que te farão nobre, que te fortificarão a alma”	95
3.2.2 - “Um, dois, três plinianos sentados à sombra de uma árvore, contemplavam aquele lindo quadro, tão vivo e tão belo”	99

3.3 - “UMA JUVENTUDE INVENCÍVEL CRESCER EM TORNO DE MIM. A ELA PERTENCERÁ O BRASIL”	108
3.4 - “MAMÃE, EU HOJE NÃO QUERO IR AO CINEMA, QUERO FAZER MORTIFICAÇÃO PELA VITÓRIA DO INTEGRALISMO!”	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS	131
LISTA DE FONTES	131
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	133

INTRODUÇÃO

A Ação Integralista Brasileira (AIB) surgiu num período conturbado da história brasileira. No momento da sua fundação, em 7 de outubro de 1932, o país acabara de sair de uma guerra civil no estado de São Paulo, e ainda vivia os ecos da *Revolução de 30*, com o governo provisório de Getúlio Vargas e a constitucionalização do Brasil, com a promessa de eleições para 1938 e da volta da democracia representativa, sem contar as conseqüências da crise econômica internacional iniciada na bolsa de Nova York, em 1929. As posições políticas polarizavam-se cada vez mais entre aqueles que viam num governo autoritário a solução para os problemas nacionais, e os que viam na emancipação do proletariado a saída não só para a nossa sociedade, mas para o mundo inteiro, inspirados nos *sucessos* do fascismo na Itália e depois Alemanha, e do socialismo na então União Soviética.

Plínio Salgado, fundador, chefe nacional e principal ideólogo do Integralismo, elaborou o pensamento que orientou a produção de outros intelectuais do movimento. Sua reflexão possuía caráter pedagógico, pois almejava uma tomada individual de consciência, por meio de uma *revolução interior* liderada pela AIB, e que, por si só, resgataria a *verdadeira* cultura brasileira. Seria possível resgatar uma brasilidade inata que correria no sangue de todos os brasileiros, cujas raízes remontariam às primeiras miscigenações. Era como que uma versão espiritualista do mito das três raças – na qual, “através do processo de cruzamento étnico, de amálgamas sociais, o monoteísmo cristão absorveu as forças bárbaras [do povo Tupi e dos africanos] e refulgiu numa expressão inédita”¹, gerando uma raça nova, espiritual: o caboclo, o *verdadeiro* brasileiro.

Para *reeducar* a sociedade com objetivo de transformar o indivíduo, visando a tomada *natural* do poder depois que toda a sociedade estivesse impregnada da *idéia nova* do Sigma², a Ação Integralista montou uma estrutura nacional servida de núcleos por todos os estados da federação. Promovia palestras, concentrações públicas, ações sociais e de caridade, treinamento paramilitar para adultos, e, além de outras atividades, mantinha escolas de alfabetização para todas as idades, e reunia jovens em torno de uma milícia, os chamados *plinianos*. Sua função era ensinar a *doutrina integral*, e tudo aquilo que dissesse respeito ao comportamento e à disciplina de um bom militante, a partir de excursões, acampamentos,

¹ SALGADO, 1955, p. 67.

² A letra grega Sigma (Σ) foi adotada como símbolo máximo do movimento integralista.

esporte e ginástica, formando uma geração ambientada nos princípios camisa-verdes³, pronta para assumir as rédeas de uma nova sociedade, após uma pretensa *revolução* integralista, tornando, os meninos, adeptos aguerridos e passionais, genuinamente orgânicos ao movimento, e que tomariam a doutrina não racionalmente, mas com o coração.

O objetivo deste trabalho é estudar as formas como os integralistas educavam as suas milícias juvenis. A partir daí desdobram-se vários pontos que constituem aspectos da totalidade da formação da mocidade, como os pressupostos ideológicos e metodológicos para esta educação, a organização e trajetória histórica dos departamentos responsáveis pela formação juvenil, a maneira pela qual os veículos de informação integralistas divulgavam métodos, idéias educacionais, e a imagem dos plinianos, assim como a presença do culto à personalidade do Chefe Nacional dentro desse conteúdo formativo.

Por ter a especificidade de servir de direção ideológica para todo o movimento, e pelo seu caráter pedagógico de transformação da sociedade, afim dos objetivos desta dissertação, entendo por Integralismo a doutrina formulada por Plínio Salgado. Teóricos integralistas, como Miguel Reale ou Gustavo Barroso, também se destacaram pelas suas obras, mas prenderam-se a outros aspectos doutrinários, respectivamente à questão jurídica e econômica de implementação do Estado Integral e a questões históricas e conjunturais, focadas numa reflexão anti-semita – as quais se distanciam dos caminhos aqui traçados.

O pesquisador Héliog Trindade ressalta que alguns estudos sobre o Integralismo baseiam suas discussões nos textos revisados por Salgado nos anos de 1950, quando o antigo líder da AIB, na tentativa de *relançar* o Integralismo dentro da conjuntura de redemocratização daquela década⁴, tentou despir seus textos de um caráter mais agressivo e, segundo aquele autor, fascista: “... o chefe integralista, no afã de escamotear a linguagem fascista do seu discurso ideológico (menos enfático, deve-se reconhecer, do que transparece nas obras de Miguel Reale), provocou deliberadamente adulterações nos textos originais dos documentos originais transcritos”.⁵ Porém, para os meus propósitos, mesmo tendo utilizado esses textos, acredito não ter havido problemas quanto ao seu uso, pois o raciocínio que conduz nesta pesquisa está em afinidade com os dos autores que me pautei, em cujas obras utilizam as versões originais dos textos de Salgado.

³ Os militantes integralistas eram chamados de Camisas Verdes, devido ao uniforme que vestiam.

⁴ Para compreender a trajetória integralista no pós-guerra, quando é fundado o Partido de Representação Popular (PRP) em 1945, vide CRISTOFOLETTI, Rodrigo. **A celebração dos 25 anos do integralismo: o caso da Enciclopédia do Integralismo (1957-1961)**. Dissertação de mestrado. Assis (SP): UNESP, 2002; CALIL, Gilberto. **O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

⁵ TRINDADE, 197-. p. 311.

Norteando esta dissertação, segui o raciocínio de Ricardo Benzaquen de Araújo⁶, no tocante à importância das idéias de Plínio Salgado em relação à dinâmica das várias eras da humanidade, da luta entre materialismo e espiritualismo, até chegar-se à *Quarta Humanidade*: “... a distinção entre a concepção materialista e a espiritualista constitui-se num dos elementos básicos da proposta integralista de Plínio”⁷; assim, essas duas concepções “vão funcionar, na doutrina de Plínio, como verdadeiras *chaves da história*, quer dizer, como conceitos em condições de explicar qualquer situação ou evento, em todos os momentos e lugares, sem precisar, inclusive, fazer nenhuma alteração no seu sentido ou na sua moralidade inicial”⁸.

Ainda com Araújo, é importante frisar que “estes conceitos possuem uma tal força explicativa que mesmo os detalhes mais específicos da sua doutrina dão a impressão de não passarem de deduções, de prolongamentos dessas duas concepções, capazes de englobar a tudo e a todos – uniformemente – na sua inflexível lógica”⁹. Por isso o foco da minha concepção de Integralismo dá-se a partir destes princípios e de seus desdobramentos, tendo aplicado este raciocínio à estrutura da Ação Integralista Brasileira, ilustrando a forma como o movimento se organizava para alcançar a *idade nova* para o país. Junto a este autor, baseei-me, também, no estudo pioneiro de Héglio Trindade¹⁰ e nas reflexões de Rosa Maria Cavalari¹¹.

Trindade investiga as origens ideológicas da AIB, traçando a trajetória intelectual de seu *Chefe* desde os anos de 1910, analisando os seus escritos e os de outros ideólogos. Ele estuda a estrutura partidária da Ação Integralista e, por meio de uma série de entrevistas, traça um perfil geral dos Camisas Verdes e da ideologia integralista.

De acordo com a sua pesquisa, a dinâmica evolutiva da organização camisa-verde refletiu a virada dos objetivos imediatos do movimento: “Esta mudança marca o início de uma mutação estratégica do Integralismo e o desencadeamento do processo de negociação com o poder estabelecido. O movimento abandona suas pretensões *revolucionárias* e torna-se um partido político”¹². Porém, mesmo com pretensões eleitorais, essa estrutura não deixa de satisfazer as necessidades de socialização ideológica dos militantes, formando-os e

⁶ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Totalitarismo e revolução**. O integralismo de Plínio Salgado. RJ: Jorge Zahar, 1988.

⁷ Ibidem, p. 34.

⁸ Ibidem, p. 35.

⁹ Ibidem, loc.cit.

¹⁰ TRINDADE, Héglio. **Integralismo**. O fascismo brasileiro na década de 30. SP/RJ, DIFEL: 1979.

¹¹ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**. Ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru, SP: Edusc, 1999.

¹² TRINDADE, op.cit, p. 176 e 178.

conformando-os à doutrina do Sigma: ela “desempenha também o papel de um instrumento de socialização político-ideológico dos militantes e de preparação dos futuros cidadãos do Estado Integralista”.¹³ Assim,

a organização da AIB prevê uma série de mecanismos e atividades destinadas à transmissão de valores, símbolos e estilos de comportamento compatíveis com a concepção de sociedade e Estado integralistas. Estes agentes de socialização ideológica articulam-se entre si para assegurar o aprendizado político-ideológico dos militantes, desde o nascimento do futuro integralista até a idade adulta, através de um complexo de rituais e instrumentos de formação intelectual, moral e cívica.¹⁴

E é a partir dessa estrutura formativa que Cavalari aprofunda o estudo do autor acima, e estuda alguns mecanismos de doutrinação da AIB, principalmente os impressos, como jornais e livros. Analisando jornais integralistas de São Paulo e outros documentos do movimento, ela demonstra como era feita a doutrinação dos militantes adultos – homens e mulheres -, e, em parte, dos jovens:

Em síntese, o Integralismo, além de disciplinar seus quadros, ou seja, aqueles que já tinham sido convertidos à *boa nova*, pretendia atingir dois objetivos claramente definidos: arregimentar novos adeptos (...) e preparar a *elite*, aqueles que iriam exercer funções de comando dentro do Movimento. Buscava, ao mesmo tempo, a consolidação e a expansão do Movimento.¹⁵

Assim, meu intuito foi o de compreender o Integralismo como um movimento educacional, cuja organização dos departamentos e secretarias refletia essa motivação, mesmo sabendo que, após 1936, a sua ênfase foi a de *fabricar* eleitores suficientes para competir nas eleições presidenciais de 1938.

A escassez de fontes sobre a juventude da AIB e o caráter inédito do objeto de pesquisa foram determinantes para a escolha de uma análise a mais abrangente possível, reunindo a totalidade da documentação histórica e apresentando a juventude integralista como um todo. Claro que o problema da educação das *novas gerações* do Sigma é o cerne desta pesquisa, mas a eleição de um determinado tema dentro daqueles expostos de forma ampla no decorrer, principalmente, dos dois últimos capítulos, seria prejudicada pela falta de documentação suficiente para amparar um devido aprofundamento.

¹³ Ibidem, p. 188.

¹⁴ Ibidem, loc.cit.

¹⁵ CAVALARI, p. 49.

Assim, no decorrer da pesquisa - já desde a época da graduação -, acabei deparando-me com várias questões, mas, pelos fatores mencionados acima, poucas com elementos suficientes para uma resposta satisfatória sobre, por exemplo, como eram as relações classistas *dentro* das juventudes integralistas, nas quais crianças de várias camadas socioeconômicas conviviam num ambiente de suposta harmonia; quais relações entre intelectuais integralistas e não-integralistas levaram à adoção de conceitos educacionais de cunho progressista e liberal para a educação dos pequenos Camisas Verdes; como os chefes dos departamentos e secretarias da AIB eram escolhidos – em específico, os da juventude; ou, também, como era o cotidiano das tropas mirins e a relação entre os meninos e deles com os instrutores e demais membros da hierarquia. Até mesmo perguntas simples ficaram sem resposta, como a quantidade de inscritos nacional e localmente, quais eram os nomes dos responsáveis nacionais pelas milícias juvenis e quem eram, ou quando foi decidida a implementação de grupos de escoteiros do Sigma.

Desde meados de 2003 - antes da minha monografia de final de curso em História - dedico-me ao estudo do Integralismo, focalizando-me cada vez mais na questão educacional do movimento. Naquele meu primeiro trabalho, fiz uma abordagem geral sobre o significado da juventude para a AIB e as práticas do partido voltadas à ela, utilizando somente pequenas matérias dos jornais integralistas de Joinville, Blumenau e Jaraguá do Sul – região de colonização alemã situada no nordeste de Santa Catarina, e que assumiu importância nacional para a Ação Integralista pela grande receptividade ao movimento, chegando a eleger os Camisas Verdes para algumas prefeituras e câmaras legislativas locais. Desde então, minha busca por trabalhos similares me levou a encontrar somente o livro da professora Rosa Cavallari, que mencionava a temática juvenil em poucas páginas, não se aprofundando suficientemente. Foi esta falta que me impulsionou a estudar os *plinianos* – a milícia juvenil integralista -, desde a graduação até o mestrado. Raros são, por exemplo, até mesmo os trabalhos que discorrem sobre a organização mais próxima do meu objeto que pude encontrar, o Escotismo¹⁶. Assim, muitas das considerações aqui feitas são fruto de pesquisa exclusiva, com dados levantados nas poucas fontes disponíveis.

¹⁶ Cf. NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Escotismo e nacionalismo no Brasil. **Educação é história**. [Diário Eletrônico (Blog)]. http://jorge.carvalho.zip.net/arch2006-12-31_2007-01-06.html. Postagens de 1, 2 e 5 de janeiro de 2007; NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. Educação e civismo: o movimento escoteiro em Minas Gerais (1926 – 1930). **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, SP, n° 7, p. 43-73, jan/jun 2007; CYTRYNOWICZ, Roney; ZUQUIM, Judith. Notas para uma história do escotismo no Brasil: A “psicologia escoteira” e a teoria do caráter como pedagogia de civismo (1914 – 1937). **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n° 35, p. 43-58, julho 2002.

O trauma psicológico vivido na época também se refletiu no curso desta pesquisa, na negação de antigos participantes em depor, principalmente aqueles descendentes de imigrantes europeus, duramente perseguidos no sul do Brasil – o que pude perceber nas minhas tentativas de aproximação com ex-membros da juventude integralista de Joinville. Por fim, jornais e revistas camisa-verdes foram uma das poucas fontes que restaram da época, e são o material básico desta pesquisa, fora algumas poucas diretrizes partidárias, encontradas nas cidades de Florianópolis e Rio Claro, São Paulo.

As revistas que tive acesso foram a *Anauê* e a *Brasil Feminino*, ambas de doutrinação integralista, ilustradas e de circulação nacional, depositadas no *Fundo Plínio Salgado* do Arquivo Histórico Municipal de Rio Claro, São Paulo – que reúne o maior acervo sobre a AIB, preservando a documentação pessoal do antigo *Chefe Nacional*. A primeira revista compreende 22 números, do período entre início de 1935 a fins de 1937, e a segunda 4 números aproximadamente – embora eu só tenha usado os dois exemplares disponíveis no acervo paulista -, todas da segunda metade de 1937. Outros periódicos utilizados foram o *Monitor Integralista* – único órgão autorizado a divulgar as resoluções oficiais da AIB -, do mesmo acervo, e os jornais integralistas da área de colonização alemã em Santa Catarina – o *Anauê*, de Joinville, o *Alvorada* de Blumenau, e *O Jaraguá* de Jaraguá do Sul, os três encontrados na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

A partir do volume sobre educação da coleção *Enciclopédia do Integralismo*, tirei algumas reflexões educacionais dos Camisas Verdes e de personalidades consideradas postumamente afins do projeto integralista – caso do dr. Everardo Backheuser. Esta *Enciclopédia* foi uma tentativa dos remanescentes integralistas do Partido de Representação Popular (PRP) – espécie de rearticulação de antigos militantes e simpatizantes, fundado no fim dos anos 40 - de *passar a limpo* o passado da AIB, e apresentar um conjunto doutrinário coeso, mostrando os seus feitos históricos e tentando projetar uma imagem para o futuro:

Concebida para fazer parte das comemorações dos 25 anos do Integralismo, a *Enciclopédia...* surgiu como uma proposta de apresentação ordenada da leitura de mundo dos integralistas. A apresentação desse corpo doutrinário pautou-se pela necessidade de seus escritos parecerem um conjunto coerente e sólido, uma vez que, por meio dele, seus membros pretendiam divulgar suas realizações.¹⁷

¹⁷ CHRISTOFOLETTI, 2004, p. 22.

Ainda contei com diretrizes da Ação Integralista Brasileira – os regulamentos do *Departamento Nacional de Juventude* e da *Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e de Juventude*, ambos datilografados e de 1936 -, o guia de *Protocolos e Rituais* do Integralismo, que previa as regras comportamentais dos militantes e mecanismos de doutrinação e uniformização ideológica do movimento, e o *Manifesto-programa*, documento que sintetizava os pontos doutrinários dos Camisas Verdes, e que era voltado para a campanha presidencial que ocorreria em 1938 – todos guardados em Rio Claro. Além disso, utilizei os livros doutrinários de Plínio Salgado, reunidos na coleção *Obras Completas* deste autor: *Psicologia da Revolução*, *O que é o integralismo*, *Palavra nova dos tempos novos*, *Madrugada do Espírito* e *A Quarta Humanidade*.

Encontram-se diversos tipos de texto nas revistas e jornais da AIB. Um desses são relatos de acontecimentos com crianças, os quais mostram sempre algum aspecto da doutrina integralista. Mesmo anunciadas como fatos ocorridos, não há como saber se são histórias verdadeiras, mas as revistas *Anauê* e *Brasil Feminino*, e alguns dos jornais aqui estudados, possuem diversos textos que demonstram como as crianças vivenciavam o cotidiano de um ambiente militante, e como assimilavam o conteúdo ideológico da AIB – estimulava-se, até, o envio dessas histórias. Há, por exemplo, o caso de um menino que recusava-se a tomar um remédio muito amargo, até o momento que o pai falou-lhe que engolisse de vez, pois era ordem do Chefe Nacional - no que a criança *cumpriu* imediatamente¹⁸. Ou um outro, gravemente doente e que, à beira da morte, pediu sua camisa verde e disse a saudação *Anauê!* como último suspiro, morrendo em seguida.¹⁹

Há também descrições de atividades integralistas e, interesse desta pesquisa, de atividades ligadas à juventude, como as excursões e desfiles narrados nos jornais locais. Elas são cruciais para a compreensão do cotidiano dos *plinianos* – onde encontram-se os métodos e atividades educacionais utilizadas -, embora sob o ponto de vista do narrador, geralmente o chefe da milícia juvenil: “O instrutor dos Escoteiros expunha a musculatura, convidando três rapazes a subirem em seus ombros, passeando, com eles, pelo salão, o que lhe proporcionou ‘fortes aplausos’ dos companheiros. Formavam pirâmides, exerciam ginástica, divertiam-se...”²⁰

¹⁸ ANAUÊ (R), n3p24.

¹⁹ ANAUÊ (J), a2n11p2.

²⁰ Idem, a1n15p1.

Os comentários doutrinários estão presentes em todas as formas de comunicação da AIB. Geralmente, o autor do texto em questão debate algum fato contemporâneo à luz do Integralismo, ou disserta sobre determinado ponto doutrinário, como o texto do Padre Leopoldo Aires, que contrapõe a proposta de educação pliniana às propostas liberais, criticando, por extensão, o utilitarismo norte-americano e a liberal-democracia, colocando o Integralismo como o único fim possível para um futuro melhor para o Brasil.²¹

Por fim, podem-se listar as histórias para crianças, de conteúdo moralizante, presentes somente nas revistas. Geralmente compunham-se por estórias de reinos distantes onde o justo sempre vencia, ou casos de crianças onde a pobreza e a humildade sempre eram ressaltadas em relação ao materialismo e ao orgulho, ou mesmo, no caso analisado na pesquisa, uma série chamada *Sinhá*, sobre uma menina que aprende (e ensina aos pequenos leitores) lições práticas e curiosidades – como história, por exemplo.²² Diferente desta série, evitei o estudo dos primeiros não só porque não apresentavam conteúdo doutrinário explícito, mas pela falta de outros materiais semelhantes, vindos de periódicos não-integralistas, e que me servissem como baliza para compreender se as temáticas dos contos eram lugar-comum em publicações voltadas às crianças da década de 1930, ou se havia um direcionamento específico desse material dentro do contexto da revista *Brasil Feminino*.

Esta pesquisa foi dividida em três capítulos. No primeiro, fiz uma introdução ao universo ideológico integralista, expondo a visão de mundo de Plínio Salgado e o cerne da ideologia por ele criada, transformada em movimento político. Buscando evitar a mera explicação dos ritos e símbolos, escrevi o capítulo a partir da idéia de que o Integralismo era um grande movimento de educação da população brasileira para aquilo que o seu chefe nacional dizia ser a *Quarta Humanidade*: momento em que o Brasil *despertaria*, e mostraria ao mundo um novo ser humano, cujo aspecto espiritual se sobressairia ao material, irradiando uma era de harmonia entre as classes.

No capítulo seguinte contextualizei e analisei o pensamento de determinados ideólogos do Sigma quanto à educação da juventude. Nele, objetivo demonstrar que os integralistas não só estavam à par das novidades pedagógicas do início do século – estas que enxergavam a criança como um ser especial, e que elaboravam um plano formativo específico para as diferentes fases do desenvolvimento infantil -, mas que também possuía conceitos de

²¹ ANAUÊ (R), n17, p. 42-43.

²² BRASIL FEMININO, n 36, p. 6, e BRASIL FEMININO, n 38, p. 43.

educação que, embora não fossem originais, serviram como base para a sua aplicação prática no cotidiano dos departamentos de juventude da AIB de todo o Brasil.

No terceiro capítulo, analisei a estrutura educacional integralista voltada para a formação de sua juventude, expondo as diversas diretrizes nacionais no decorrer da história da AIB. Também entram aí os símbolos, os métodos educacionais e as atividades elaboradas para os plinianos. Para tanto, utilizei o exemplo da cidade de Joinville, pois o seu jornal integralista, o *Anauê*, divulgava muitas notas descrevendo as atividades e o pensamento dos responsáveis pela juventude. Por fim, estudei o culto à personalidade de Plínio Salgado voltado aos jovens, e qual a imagem que a mídia integralista fazia das novas gerações criadas sob a bandeira do Sigma.

1 - A GRANDE ESCOLA NACIONAL

A partir de uma visão peculiar de mundo, que considerava a eterna luta entre dois princípios – o espírito e a matéria -, Plínio Salgado construiu um ideário que dizia ser o responsável pela reordenação daquelas duas forças, num movimento onde a primeira subjugaria a segunda, instaurando o que chamava de *Quarta Humanidade*. Ele desejava implantar essa nova fase de equilíbrio não como todos os sistemas de pensamento fizeram no decorrer da história, a ferro e fogo, mas sob a forma de uma revolução espiritualista, que teria a incumbência de mudar substancialmente o modo de ser dos homens. Assim, o escritor de São Bento do Sapucaí, desiludido com o sistema liberal, engendrou, durante parte da década de 20, uma doutrina que seria apresentada como uma opção política para o país, ante uma crise que o ideólogo enxergava na sociedade. Depois de uma longa viagem como tutor do filho de Egídio Aranha pelo Oriente Médio e Europa, Salgado, tendo conversado com o próprio Mussolini, afirmou que era algo parecido com o fascismo que o país precisava²³.

Primeiramente como um movimento de cultura²⁴, Salgado articulou, nacionalmente, grupos que pudessem auxiliá-lo nessa tarefa de espalhar o seu evangelho pelo Brasil. Após um curto tempo de maturação institucional na Sociedade de Estudos Políticos (SEP), também articulada por ele - e cuja Ação Integralista era somente uma seção -, ele dissolve a SEP e investe na AIB, fundando-a como instituição independente em 7 de outubro de 1932, tendo por objetivo a transformação da sociedade, no equilíbrio entre espírito e matéria, rumo a uma civilização plenamente cristã. A organização institucional integralista foi pensada, num primeiro momento, para essa finalidade – a de conquistar aos poucos corações e mentes, até que todo o Brasil, América e mundo, estivessem sob a égide da *Idéia Nova*. De acordo com o pensamento camisa-verde, para essa conquista seriam necessários a conscientização e o disciplinamento dos indivíduos para que se pudesse controlar a força dos instintos, que, sem uma moral, um princípio regulador, descambariam para um estilo de vida que não levaria em conta aquilo que Plínio chamava de finalidades superiores da vida, como a solidariedade, a compaixão, e, até mesmo, Deus e a salvação humana, resultando em guerras, barbárie e

²³ “Tenho estudado muito o fascismo; não é exatamente esse regime que precisamos aí [no Brasil], mas é coisa semelhante. (...) Volto para o Brasil disposto a organizar as forças intelectuais esparsas, coordená-las, dando-lhes uma direção, iniciando um **apostolado**” (grifo meu). TRINDADE, 1979, p. 75. Este autor não indica adequadamente a obra em que se encontra essa frase.

²⁴ “O movimento integralista brasileiro é um movimento de cultura que abrange: 1º) Uma revisão geral das filosofias dominantes até o começo deste século (...); 2º) A criação de um pensamento novo, baseado na síntese dos conhecimentos que nos legou, parceladamente, o século passado”. SALGADO, 1955, p. 83.

morte, como vinha ocorrendo desde o advento do capitalismo, e culminara, na época, na Primeira Grande Guerra.

Dessa forma, tratarei de percorrer algumas trilhas dentro do ideário integralista de Plínio Salgado, que me permitirão compreender o que era essa nova proposta para a humanidade, como se chegaria a ela, e no que resultaria, aprofundando-me, por fim, sobre o que acaba delineando-se como uma proposta pedagógica para a sociedade. Depois de exposto o arcabouço ideológico, seguirei com uma rápida análise sobre os processos gerais de transformação dos militantes nos novos homens e mulheres do futuro Estado Integral, a partir da estrutura doutrinária da AIB.

1.1 - A ETERNA BATALHA

O cerne da doutrina integralista, tal qual foi formulada pelo seu único líder²⁵ e principal ideólogo, é o eterno embate entre os princípios espirituais e materiais: “Durante toda a marcha da Humanidade, dois conceitos de vida e de finalidade se revezaram, ou se antepuseram, ou se conciliaram, de um ponto de vista formal, para de novo se separarem”²⁶. É daí que se desdobrará sua concepção de homem e de história, o sentido do Integralismo como movimento de intervenção na sociedade, a organização do Estado, a ênfase na pátria e na família, além de outras minúcias ideológicas.

O princípio materialista é aquele ligado à força dos instintos. Nesse sentido, Plínio parte do pressuposto de que, para os que defendem o materialismo, “não existe Deus, não existe a Alma, e, como consequência natural, tudo o que se relaciona com essas duas idéias puramente espirituais”, ou seja, a moralidade, a dignidade, a compaixão, o amor, e a própria estética – que, “sendo uma disciplina dos sentidos, segundo aspirações transcendentais, perde os seus pontos de referência”²⁷ - e o conceito de Pátria – “que não passa, então, de simples convencionalismo”²⁸. Dessa forma, um mundo regido, ou grandemente influenciado pelo materialismo, seria um lugar de luta incessante pelo poder, já que o sentido de disciplina e de

²⁵ O movimento possuía diversos ideólogos, sendo os mais destacados Gustavo Barroso e Miguel Reale, além de outros “menores”. Porém, o responsável pela matriz do pensamento integralista era Plínio Salgado, cujas idéias deram o tom tanto das reflexões secundárias de outros autores, quanto do material ideológico divulgado nas revistas e jornais da AIB.

²⁶ SALGADO, 1957d, p. 19.

²⁷ SALGADO, 1957d, p. 20.

²⁸ *Ibidem*, p. 20.

altruísmo seria substituído pela constante disputa por riquezas, poder e prestígio: “Quando predomina o materialismo, também predomina o orgulho, a vaidade, a rebeldia, a discórdia, a indisciplina, razão pela qual as civilizações desabam, as Pátrias sucumbem, a sociedade apodrece na confusão desmoralizadora dos costumes”²⁹. Os vencedores esmagam sem piedade os vencidos, e estes, por sua vez, se revoltam contra os primeiros, na impossibilidade de subjugar-los: “a vida se torna insuportável para os que não estão no Poder, acastelados no governo ou na riqueza”³⁰

Mas o que faz o materialismo estar ligado aos instintos? Ele está ligado ao movimento selvagem da natureza, ao comportamento estudado por Darwin e seus contemporâneos – o *struggle for life*, a sobrevivência dos mais aptos. Na natureza o que há é a lei da sobrevivência, onde o forte vence o fraco, “o embusteiro audacioso vencendo os virtuosos, uns morrendo de fome e outros de indigestão”³¹. Nela não há certo ou errado, não há moralidade. Salgado não vê isso como a personificação do mal em si, e ilustra a situação com o exemplo duma casa onde os móveis são postos de cabeça para baixo: “eles estarão certos, obedecendo à lei da gravidade e nenhuma crítica ou censura lhes poderemos fazer, apreciando-os quanto às leis naturais”³². Se há erro, então, é em relação aos interesses do dono da casa, que não tem porque usar os móveis ao contrário. Como o erro é relativo, podemos, então, inferir que o materialismo passa a ser maligno quando ultrapassa a parte animal existente em cada ser humano, esta regida pelas *leis naturais*, e passa a ditar as regras da vida e da sociedade, contradizendo “a complexidade da natureza humana”, pois o “homem é espírito e inteligência; é sentimento; é dignidade e personalidade”³³.

O espiritualismo é o princípio contrário, pois “considera a vida humana como um fenômeno transitório, condicionando uma aspiração eterna, superior. Para os que adotam esse conceito, existe Deus, existe a Alma, e, como consequência natural, tudo o que se relaciona com essas idéias”³⁴. Ele, racional, seria o responsável pela dominação da matéria, submetendo-a à finalidade superior, que é Deus. No caso do seu predomínio, ele traria a harmonia para a sociedade, já que valores como a solidariedade, a compaixão, altruísmo e bondade (“tudo o que se relaciona com essas idéias”), passariam a conduzir o ser humano, retirando-o do turbilhão de sofrimento e conflitos, que tão catastroficamente Salgado retrata

²⁹ Ibidem, p. 22.

³⁰ Ibidem, loc.cit..

³¹ Idem, 1957c, p. 51.

³² Ibidem, loc.cit.

³³ Idem, 1957d, p. 50.

³⁴ Ibidem, p. 20.

nos seus escritos: “Sob o signo espiritualista, a luta se atenua, porque entram na sua composição fatores modificativos, como sejam a bondade, a solidariedade humana, o anseio de aperfeiçoamento moral, o predomínio do senso estético e religioso”³⁵.

Num artigo intitulado *Ariel e Calibã*³⁶, Salgado ilustra o eterno conflito entre esses dois princípios, expondo, assim, sinteticamente, aquilo que para ele é o motor da história. No texto do chefe integralista, Ariel, espírito de luz, encarna o altruísmo, a bondade, qualidades opostas às da matéria, representada por Calibã, que é inconsciência, animalidade, luta. Este último vive nos indivíduos, vive na sociedade, e sempre esteve presente na história: “... é a nossa tristeza, são as nossas amarguras, (...) nossas cóleras fulmíneas (sic) (...) [,] são as insuficiências morais de cada um, revelando-se (...) em atitude de egoísmo (...)... Calibã vive no corpo da sociedade e **vive dentro do sangue daqueles mesmos que pretendem dominá-lo**”³⁷ (grifo meu). Ele é o “espírito materialista do Século (...) [,] negação de Deus (...) [,] a grosseria de uma sociedade governada pelo sexo e pelo estômago”³⁸. Por outro lado, Ariel é algo superior, o princípio ordenador, definido de forma vaga pelo escritor: “esta coisa misteriosa que nós mesmos não podemos decifrar (...), este ‘não sei quê’, esta secreta vibração, (...) fonte de resistência aos sacrifícios, alegria da luta, auréola de combatentes”³⁹.

Esses dois princípios estão sempre em movimento, com Calibã a espezinhar a humanidade, e Ariel a surgir, redentor, dominando aquelas forças da matéria: “Quando Calibã pensa que dominou, que venceu, que esmagou Ariel, é exatamente quando Ariel está senhor absoluto dos [seus] músculos (...), que o espírito alado – Pensamento intangível, sentimento superador – aproveita no plano material para a execução de seus desejos”⁴⁰, ou seja, essa força misteriosa domina o princípio animalesco do materialismo como se fosse, nas palavras de Salgado, os homens que guiavam as quadrigas nas corridas da Roma antiga, dirigindo a força animal dos cavalos para a vitória. Temos, assim, o motor, o princípio da História – o conflito entre esses dois gênios -, e sua finalidade – o equilíbrio final, o domínio das forças do espírito sobre os terríveis instintos. Cabe, agora, a compreensão das etapas que a humanidade passou para chegar no seu fim último, que é essa espécie de equilíbrio das forças.

³⁵ Ibidem, p. 22.

³⁶ Idem, 1957b, p. 323-330.

³⁷ Ibidem, p. 326-7.

³⁸ Ibidem, p. 327.

³⁹ Ibidem, p. 326.

⁴⁰ Ibidem, p. 324-5.

1.2 - A QUARTA HUMANIDADE

Plínio concebeu quatro eras - ou humanidades, como ele se refere – na trajetória do homem sobre o planeta. A primeira, Politeísta, seguida da Monoteísta, da Ateísta e, por fim, a Quarta Humanidade, Integralista. Cada qual possuindo características próprias, que as insere em determinados momentos do jogo entre o natural e o sobrenatural, as quais, respectivamente, são a adição, a fusão, a desagregação e a síntese. Cada sociedade conteria, em potência, a outra: “As sociedades espiritualistas acusam índices de materialismo; das sociedades materialistas despontam traços de espiritualismo. É esse o aspecto geral dos séculos e nenhum pôde fugir dessa fatalidade”⁴¹. E, ainda, não se situam precisamente, numa cronologia: “não há etapas cronológicas para estas três Humanidades. (...) [Já que] Dentro do mesmo tempo, mas nos diferentes espaços, há selvagens politeístas, populações de profundo sentimento monoteísta, e civilizações eminentemente ateístas”⁴², embora, de forma geral, predominassem as forças que figuram naquela seqüência.

No ocidente, Plínio compreende a Humanidade Politeísta como sendo do início das organizações sociais (tribos, clãs), até o fim da civilização greco-romana, e o surgimento e fixação do cristianismo. No início, caracterizada pela adição do espírito e da matéria, os deuses eram imediatos, representados por animais ou plantas nos totens - “óbvios representantes do materialismo”⁴³ -, e tinham as características e o poder desses seres; assim, os dois princípios conviviam paralelamente, um ainda sem ter forças para bater o outro⁴⁴. Os clãs crescem, e, nos “povos primitivos, a luta dos contrários é o começo da organização definitiva”⁴⁵, na medida em que os clãs se unem em tribos, e estas em sociedades maiores, sob um único monarca, surgindo daí a organização estatal, devido à necessidade de proteção contra os inimigos.

Nesse momento, como dito acima, surgem os elementos das humanidades que se seguirão: de um lado, algumas civilizações que se dedicaram muito aos afazeres do Estado, à cobiça da conquista e da riqueza, e se estruturaram mais distantes dos deuses como, segundo Plínio Salgado, os gregos e, em seguida, os romanos. Outras, como os hebreus, possuíam uma concepção mais sobrenatural da vida e do Estado, e se escoraram mais na divindade, na

⁴¹ Idem, 1955, p. 36.

⁴² Ibidem, p. 40.

⁴³ ARAÚJO, 1988, p. 36.

⁴⁴ Ibidem, p. 35.

⁴⁵ SALGADO, op.cit., p. 26.

moral. “Ambos vieram do politeísmo, pelo mesmo caminho, mas separaram-se porque cada um deveria constituir uma força na dialética da História”⁴⁶; assim, cada civilização cumpriria um papel nessa dialética pliniana, onde os hebreus abstrairiam as considerações materiais e se baseariam no espiritualismo, e a civilização greco-romana o contrário, movimentando as engrenagens da história, cuja finalidade seria a síntese, a harmonia dos contrários, a Quarta Humanidade⁴⁷.

A seguir, tendo o princípio espiritualista se entranhado na hora da decadência romana, por intermédio do cristianismo, iniciou-se a Humanidade Monoteísta. Esta caracterizou-se por ter sido “totalista (sic), integralista, dedutivista (sic)”⁴⁸, ou seja, tudo se reduzia à explicação divina, e não havia *inquietações dos espíritos*, causadas pela dúvida racional, vinda da Grécia, e que, por fim, transformou-se na Terceira Humanidade. Havia uma consciência de Universo, inexistente no Politeísmo, que era a da fusão de todas as coisas, na sublimação de todos os aspectos da vida humana, enraizada no legado do povo hebreu e continuada, neste momento, no culto cristão. Essa fusão conseguia “dissolver as distinções e barreiras que separavam os homens, homogeneizando o seu comportamento em função de uma moral religiosa que pregava, como valor mais alto, a busca de uma existência piedosa, fraterna e estritamente disciplinada”⁴⁹. Assim, tudo se submetia às certezas divinas, às “autoridades transcendentais”, que seguiam um “princípio de causa, de fim”⁵⁰. Dessa forma, a Idade Média, na Europa, é o exemplo máximo desta era, surgida do substrato espiritualista dos judeus que conseguiu superar, temporariamente, o seu oposto helênico, embora ela não tivesse sido perfeita, pois o seu *excesso* de espiritualismo enfraqueceu a capacidade de resistência dos homens, deixando brechas para a invasão do materialismo.

Percebe-se, na teorização de Salgado, que a Renascença fora uma espécie de transição entre humanidades. Havia fortes traços de espiritualismo, porém, rompidos “os freios da escolástica, que continha, nos séculos IX e XI os exageros dos espíritos, a inteligência humana manifestou-se pelas mais variadas formas interpretativas do Universo e da Vida, multiplicando as correntes filosóficas, todas oriundas das elucubrações do gregos antigos”⁵¹, os quais, como já vimos, faziam parte do ramo materialista da primeira fase da

⁴⁶ Ibidem, p. 30.

⁴⁷ A leitura dos textos doutrinários de Plínio Salgado nos mostra sua constante preocupação em apontar sempre uma finalidade para a história, um destino inevitável para o homem, que é realizar-se plenamente na quarta e última civilização.

⁴⁸ Ibidem, p. 37.

⁴⁹ ARAÚJO, op.cit. p. 37-8.

⁵⁰ SALGADO, op.cit., loc.cit.

⁵¹ Ibidem, p. 44-5.

evolução humana no ocidente. Surgem, então, as concepções que serão os sustentáculos da Humanidade Ateísta, como o individualismo, sufrágio universal, novas percepções de Estado e política⁵², e, pairando sobre esses temas, a “superstição científica, que se dogmatiza e se transforma em cego fanatismo”⁵³.

Após as expressões materialistas terem atingido “elevada altitude no Enciclopedismo e na Revolução Francesa”⁵⁴, o século XIX presenciaria o ápice da Humanidade Ateísta. Sobre esse período, que se estendia até a sua contemporaneidade, o chefe integralista teorizou mais profundamente, procurando encontrar nela os elementos que provassem a inevitabilidade de sua ruína, e o surgimento duma era seguinte que se estruturaria sobre as experiências dos tempos precedentes. Como se pode intuir pelo próprio nome, esse era o reinado do materialismo, sob o signo da dissociação. Dessa vez, as leis naturais pareciam, como Calibã, ter triunfado, com suas possantes máquinas e seus arrogantes cientistas: “A máquina enxotou o homem das cidades, depois de o ter chamado para a ilusória fartura”; ela criou camadas privilegiadas com riqueza e luxo, mas “que estarão sempre inquietas, pois a cada dia há novos condenados por ela, a descer para a forçosa proletarização”⁵⁵. É uma civilização em agonia perene, pois a moral e o consolo sobrenatural se afastam cada vez mais, e o indivíduo - fragmentado pelas diversas concepções filosóficas, ou gozador de prazeres mundanos - ou se acha desprotegido pelo Estado liberal *indiferente* – “a doutrina econômica de Adam Smith é estóica: o Estado cruza os braços”⁵⁶ -, ou oprimido pelo Estado *absorvente e esmagador* Soviético -:

É possível socializar os meios de produção (...); distribuir alimentos por meio de cupons, burocratizando todos os movimentos humanos. Mas o que nunca se tornará possível será, na hora da morte, ou na hora do sofrimento moral profundo, distribuir rações de afetos, bondade por cupons, conforto sentimental em pacotinhos, como se as coisas do espírito pertencessem ao Estado.⁵⁷

Tudo é luta: “da criança contra os pais e mestres”, “de empregados e patrões”, “na concorrência comercial desenfreada”, “dos partidos políticos”, “dos orgulhos e

⁵² “... umas fundadas sobre o individualismo em detrimento do pessoalismo (sic), como nos casos de Locke ou Rousseau; outras baseadas numa concepção de Estado absorvente e anulador das liberdades humanas, como no caso de Hobbes. Umas são como a deificação do Indivíduo, outras como a deificação do Estado, ambas baseadas na exclusiva consideração do Homem sem Deus”. Ibidem, p. 45.

⁵³ Ibidem, loc. cit.

⁵⁴ Ibidem, p. 42.

⁵⁵ Ibidem, p. 57.

⁵⁶ Ibidem, p. 38.

⁵⁷ Idem, 1957a, p. 414-5.

suscetibilidades feridas”, por fim, “das insatisfações da matéria”⁵⁸, que, mergulhada na sede de prazer e poder, corrói cada vez mais o homem – este, agora, livre “do império da consciência, cata-vento de todas as irreflexões, entregou-se a todos os vícios, sob a capa de todas as liberdades”⁵⁹.

A ciência, com seu experimentalismo, sua dúvida, sua fragmentação da totalidade para a análise separada das partes⁶⁰, desafia o legado medieval da autoridade, da harmonia social, da submissão da realidade ao domínio espiritual: “Desse modo, através do privilégio do livre-arbítrio, do relativismo e da experimentação, os argumentos racionais chegam a abrir uma brecha e abalar o caráter absoluto e invariável do cristianismo medieval, dando passagem ao mundo moderno”⁶¹. A máquina submete o homem à miséria, enquanto ela puder produzir mais e melhor. Miséria não só econômica, pela extinção de postos de trabalho, mas social, na medida em que o indivíduo se submete ao seu ritmo, torna-se um apêndice, um autômato, e cujo trabalho não possui mais uma finalidade espiritual, criativa, e sim, de lucro: “O homem, então, deixa de ser considerado como um *artista*, capaz de uma relação criativa com a matéria, através da mediação do espírito, e passa a se comportar como um verdadeiro *autômato*”⁶². Ele passa a ser uma mercadoria, que, quando não produz mais, é substituída por outra nova, e seu destino de peça quebrada é o descaso do regime liberal.⁶³

Enfim, é esse o quadro pintado por Plínio Salgado para a sua época: conflitos, egoísmo, vaidade e angústia. Mas, dentro desse cenário *catastrófico* de *orgias* burguesas e *mazorcas* de *mentalidades revoltadas*, o escritor encontra um pequeno veio espiritualista no coração do Brasil, que seria responsável pela superação do materialismo, por hora vitorioso: o caboclo. Essa figura, formada pelo contexto único da formação do povo brasileiro, reúne, em potência, as qualidades necessárias para a efetivação da Quarta Humanidade, a era da síntese, do Estado e do Homem Integral. Dessa forma, para analisar este último passo das sociedades, é importante, antes, compreender o papel do nosso país nessa revolução definitiva.

⁵⁸ Idem, 1957b, p. 313.

⁵⁹ Ibidem, p. 312-3.

⁶⁰ “Na ciência, é a análise contínua, dividindo e subdividindo, transformando as teses em corolários na marcha permanente, em que se renega cada dia a verdade de ontem. (...) Tudo é suscetível de decomposição, de dissecação e de vivissecação”. (Idem, 1957c, p. 95).

⁶¹ ARAÚJO, op.cit., p. 39.

⁶² Ibidem, p. 43.

⁶³ Ibidem, p. 43-4.

1.3 - NUM PAÍS TROPICAL, ABENÇOADO POR DEUS

A descoberta do Brasil deu-se no período da Renascença, que, como vimos, foi uma fase de transição entre as humanidades descritas pelo doutrinador paulista, e que ainda continha elementos do período monoteísta. Os europeus que aqui chegaram encontraram populações indígenas num *nível de espiritualidade* muito grande, principalmente os Tupi, cujo totem máximo era a Anta, “um mamífero ‘dócil’ e ‘meigo’, definido, dessa forma, por propriedades que remetem diretamente ao mundo do espírito”⁶⁴, o que facilitou a penetração do catolicismo, trazido pelos missionários: “O cristianismo, como revolução espiritual profunda, é a religião por excelência destinada ao *gentio*”⁶⁵. O elemento africano, com sua religião própria, também contribuiu para forjar o que, por fim, transformou-se no caboclo⁶⁶. Dessa forma, compartilhando do mito das três raças, em voga na época, ele afirma que “através do processo de cruzamento étnico, de amálgamas sociais, o monoteísmo cristão absorveu as forças bárbaras e refulgiu numa expressão inédita”⁶⁷. Assim, o resultado dessa fusão foi uma raça nova, mas não no sentido físico. A ênfase que Salgado imprime em sua análise é de cunho moral, tanto no legado das fusões entre aborígenes, europeus e africanos, quanto na sua doutrina de salvação do homem. Os resultados dos caldeamentos raciais ilustram isso, produzindo uma nova humanidade cujas características são mais de personalidade do que meramente materiais. Então, vemos que, ao sertanejo, são atribuídas determinadas qualidades, tais como

a) - A agudeza dos instintos (...) [, essa] **fina inteligência** do nosso caboclo, **desconfiado, arguto**, capaz de compreender tudo por um simples olhar (...). b) - A **extrema bondade**, (...) que nos dá uma **capacidade moral** inigualável para considerar os problemas sociais e internacionais numa atitude superior, **isenta de pavores e ódios** que solapam os povos antigos. c) - A profunda **espiritualidade** (...). d) - A **tenacidade na luta**.⁶⁸ (grifos meus)

Com seu próprio *Homem Novo*, o líder integralista faz coro com outros autores, citados por ele mesmo, que afirmavam o nascimento de uma raça especial no Brasil, destinada

⁶⁴ SALGADO, Plínio. **Despertemos a nação**. RJ: José Olympio: --. p.29-51. *apud* ARAÚJO, op.cit., p. 51.

⁶⁵ SALGADO, 1955, p. 67. Podemos notar que, a despeito da exagerada ênfase nacionalista, Salgado ainda tem alguns conceitos eurocêntricos, embora a religião católica se arvore na sua universalidade.

⁶⁶ Por fim, Salgado enfatiza mais o elemento indígena na formação desse homem novo nas obras consultadas. Cf. SALGADO, 1957c e SALGADO, 1955.

⁶⁷ SALGADO, 1955, p. 67.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 73.

a liderar uma nova fase no mundo decadente que se findava⁶⁹: “Em seu livro ‘Raça Cósmica’, o sociólogo mexicano José de Vasconcelos estabelece, para a ‘quarta humanidade’, (...) o trecho da América compreendido entre as bacias do Amazonas e do Prata. É mais ou menos, a opinião de Keyserling”⁷⁰, que fala a respeito do “‘homem telúrico’ (...) no seu estudo sobre a América Latina, [o qual] está muito próximo, pelas suas raízes étnicas, do selvagem politeísta do Novo Mundo”⁷¹. O autor de *O Estrangeiro* ainda afirma, reforçando o caráter salvador – e, porque não dizer, messiânico – do latino-americano, que o caminho das civilizações se dá no sentido do Oriente para o Ocidente, corroborando com Alberto Torres, em *Organização Nacional*, quando este afirma que o destino do homem é retornar à zona intertropical, depois de ter se aventurado para as zonas frias: “É natural que o homem tente voltar para seu berço, sempre que aí encontre terras férteis e climas propícios à vida”⁷².

As características espiritualistas mantiveram-se, segundo o discurso pliniano, durante todo o período colonial, facilitadas pelo isolamento natural que a nova terra impunha ao homem. À imensidão do território, aliaram-se as densas florestas, as serras intransponíveis e os rios violentos e caudalosos, dificultando a comunicação com o resto do mundo, isolando os povoados uns dos outros e também em relação à metrópole: “Portugal estava tão longe de nós e nos excluía de tal forma de sua vida política e social, que tratávamos de viver uma vida em separado. Uma **vida espontânea, bárbara e selvagem**”⁷³ (grifos meus). Isso permitiu ao país ter uma existência independente, forjando uma *democracia natural*, baseada nas dificuldades encontradas no desbravamento da América, pois, no período colonial, a vida era

de luta, de ascetismo, modéstia e pobreza, tanto para os latifundiários (...) como para o pequeno plantador (...), ou os auxiliares, capatazes e camaradas. Todos se vestiam mais ou menos igualmente; comiam juntos, patrões e camaradas; folgavam nas festas do Divino ou da Santa Padroeira, numa promiscuidade que era bem a expressão da grande democracia criada, não pelas conquistas do espírito filosófico, mas pelos imperativos da mesma vida na imensa terra. (...) O Brasil era realmente independente sob o aspecto do seu caráter e do seu tipo de vida⁷⁴.

⁶⁹ Podemos confirmar, neste momento, o comentário de Marilena Chauí sobre essa necessidade, por parte dos escritores autoritários, da busca de autoridades externas que referendem seu discurso. Cf. CHAÚÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAÚÍ, 1978 p. 127 a 133.

⁷⁰ SALGADO, op.cit., p. 71.

⁷¹ Ibidem, p. 66.

⁷² Ibidem, p. 69-70. O autor não localiza a citação de Alberto Torres no livro.

⁷³ Idem, 1957c, p. 126.

⁷⁴ Ibidem, p. 136-7.

Até mesmo a escravidão encontrara a mesma democracia. Os cativos não eram maltratados, pois “a regra comum era a que imprimia às relações entre o escravo e o senhor, o mesmo caráter das relações entre pais e filhos”. Somente alguns senhores *desalmados* se passavam, e geralmente “eram tidos em baixa conta pelo consenso geral”⁷⁵, sendo que, “seja lá como for, nem de leve, podemos comparar os rigores da escravidão no Brasil com os da América do Norte”⁷⁶, e, mesmo se houve exageros, tudo foi por causa não dos donos de escravos, mas sim “à conta do próprio liberalismo e insuficiência do poder público”⁷⁷. Ou seja, Salgado culpava não o povo *dócil e democrata*, mas sim as instituições alienígenas que imperavam no país, reforçando, assim, a contraposição entre o nacional, o *natural*, e o forasteiro, *artificial*. Mesmo nas exceções de crueldade, ainda assim eram exceções (“e se, em **alguns casos**, houve excesso de castigo”⁷⁸) (grifo meu) a uma pretensa regra de fraternidade *natural*.

Os mesmos imperativos que determinaram o caboclo, também engendraram um outro tipo, aventureiro e destemido: “O espírito de aventura, de crueldade, de coragem arrojada dos brancos vai, com o correr dos tempos, através dos cruzamentos, retemperar-se na própria energia virginal dos indígenas, criando as figuras ásperas dos caudilhos”⁷⁹. Este desponta em diversos episódios da história brasileira e latino-americana, desde os Bandeirantes até Zumbi, de Tupac Amaru a Simon Bolívar e D. Pedro I. Como podemos ver, serão eles os responsáveis pela independência dos povos americanos, dentre outras realizações postumamente chamadas de *heróicas*, embora mais tarde alguns deles se despedacem em guerras entre si. A própria história da independência brasileira, capitaneada, nessa teogonia pliniana, por um deles, segue com os seus próprios caudilhos, até a época do autor, segundo o próprio. Mas, ao mesmo tempo em que esses homens audaciosos se entregavam a rompantes de heroísmo, as poucas elites letradas do litoral começavam a absorver as idéias de liberdade, democracia e revolução da velha Europa. O *caudilhismo* representava um individualismo autóctone, à parte do individualismo liberal, embora os dois viessem a se chocar, e, de certa forma, a civilização instaurada pelo liberalismo estrangeiro viesse a transformar esse caudilho

⁷⁵ Ibidem, p. 138. “A ‘mucama’ era a confidente da ‘sinhá-moça’; a ‘mãe-preta’, a ‘tia’, gozavam de muito prestígio entre as crianças às quais contavam suas histórias; o ‘moleque’ era bem o ‘demônio familiar’ cujas diabruras divertiam; havia pretos que tomavam conta dos negócios do senhor, gerindo-os com todos os poderes”. Ibidem, p. 137.

⁷⁶ Ibidem, p. 138.

⁷⁷ Ibidem, loc.cit.

⁷⁸ Ibidem, loc.cit.

⁷⁹ Ibidem, p. 103.

no *representante* das forças do materialismo no interior do Brasil, se desdobrando na figura dos coronéis e latifundiários, explorando e escravizando os caboclos.

Vemos, desta maneira, que após a Independência, em 1822, nessa visão *sui generis* do chefe do Integralismo, o país passa a se distanciar do interior, e as elites do litoral, imbuídas das então *modernas* leituras européias, tentam submeter o Brasil às idéias *importadas* de liberdade e democracia. Como vimos, o Novo Mundo já havia gerado sua própria liberdade⁸⁰ e democracia naturais, resultado dos fatores da terra e do espírito dos seus habitantes, e que se diferenciava daquelas do Velho Mundo, decorrentes de uma concepção material de vida que foi absorvida pelas nossas elites. Dessa forma, o elemento caboclo vai ficando cada vez mais periférico, sem voz, e esquecido. Submete-se aos potentados locais, embora em seu sangue ainda mantivesse aquele veio espiritualista resultado dos amálgamas dos séculos:

As grandes forças, as **grandes reservas do caráter** e da índole populares do vastíssimo “hinterland” não tinham voz com que se manifestassem. A sua própria índole, de esperar que tudo viesse do alto; o próprio feitio das populações brasileiras, de se conformar com as decisões e iniciativas governamentais, essa psicologia que até hoje não se modificou de uma linha sequer, que subordina todos os movimentos livres dos nossos aglomerados, todo o orgulho e altivez individuais, todos os exclusivismos localistas, ao respeito à autoridade remota que enfeixa e centraliza a expressão global do Poder, - tudo isso era suficiente para fazer calar a massa de agricultores, criadores, tropeiros e comerciantes, em face do que fosse decidido na Capital do Império, pelos “homens que cuidavam da coisa pública”. Daí o não pronunciamento das massas do interior, **o império absoluto das elites e povilêu das Capitais e, conseqüentemente, a feição artificial de nossa vida política**, desde os primeiros tempos, feição que tenta prolongar-se até agora, depois de cento e tantos anos de erros acumulados.⁸¹ (grifos meus)

Uma burguesia nativa forma-se e instaura-se nesse século XIX de profundas transformações mundiais, a ponto de o Brasil chegar ao século XX como um país profundamente marcado pelo materialismo: a Humanidade Ateísta aportara definitivamente em terras tupiniquins. Os novos caudilhos disputam o poder após a queda do Império, através das suas tantas Repúblicas estaduais, resultantes da Política dos Estados. As forças materialistas, enfim, operam nas batalhas econômicas entre estados, nas polarizações dos partidos políticos e da democracia liberal, nas quarteladas, chegando à *Revolução de 30* e outras lutas que seguiram:

⁸⁰ “o conceito de liberdade vinha da própria lição das distâncias geográficas. Dispondo de um continente inteiro, o homem do Brasil sentia a possibilidade de locomover-se para onde quisesse, em que direção entendesse”. Ibidem, p. 134.

⁸¹ Ibidem, p. 144-5.

Nação desorganizada, onde o homem se encontrava completamente desamparado, à míngua de toda a proteção do Estado; nação dividida em 21 nações, governadas por tiranetes; nação sem finalidade moral, só cogitando do objetivo do lucro pessoal e do comodismo, não podia deixar de ser o teatro das inglórias batalhas de oligarquias, que carreavam no seu bojo a massa amorfa e sem capacidade de reação intelectual dos votantes.⁸²

1.4 - REVOLUÇÃO, REVOLUÇÕES...

No ideário de Plínio Salgado, somente uma verdadeira revolução poderia subjugar o monstro Calibã, o grande responsável pela expansão do materialismo no mundo. Ela traria, finalmente, a Quarta Humanidade, integralista. A sua era seria marcada pela síntese, pelo senso de totalidade. A ciência, que antes fragmentava a realidade, que destruíra “o sentimento de subordinação do Homem e da Sociedade a uma Causa, a um Fim”⁸³, passaria a considerar seus objetos de estudo como um todo, submetendo-se, ela, aos imperativos do espírito – “Temos de restaurar (...) o primado do Espírito”⁸⁴; as artes recuperariam seu senso de estética, fugindo da dissociação modernista, da deformação do real, pois, para o conceito espiritualista de vida, “a estética, isto é, a idéia da beleza, torna-se precisa, jamais descambando para as aberrações, que traduzem quase sempre confusão dos instintos ou perversões sexuais ou da sensibilidade”⁸⁵; o sentimento de ordem e da autoridade retornaria à voga, submetendo os governos e os povos ao ritmo da moralidade, extinguindo – claro, leia-se *encobrindo* - a luta de classes por meio da regulação corporativa da economia; a disciplina faria o indivíduo perceber seu papel na sociedade de mantenedor, pela constante mobilização, da *nova* ordem; haveria uma *nova* democracia e uma *nova* liberdade, espelhadas naquelas que o homem latino-americano, na ficção da ideologia, já conhecia. Assim, o Integralismo considera o homem como um ser capaz de “compreender os imperativos da harmonia social para a efetivação da felicidade de cada um, e, por conseqüência, **uma personalidade, que aceita**, com dignidade e por espontânea vontade, **a disciplina e a hierarquia**, porque compreende que só assim poderá **evitar a crueldade das lutas** sem respeito à autoridade da Nação”⁸⁶ (grifos meus), efetivando, para isso, o estado que atenda aos grupos *naturais*, como a família, sindicato e município, substituindo a democracia partidária “pela verdadeira representação,

⁸² Idem, 1957d, p. 63.

⁸³ Idem, 1957c, p. 88.

⁸⁴ Ibidem, p. 179.

⁸⁵ Idem, 1957d, p. 21.

⁸⁶ Ibidem, p. 26.

que é a (...) corporativa. (...) Só a corporação exprime os legítimos interesses da Nacionalidade, não só porque constitui uma expressão econômica, mas principalmente porque representa uma expressão ética”.⁸⁷

Os Camisas Verdes diziam que o Brasil estava farto das quarteladas, dos golpes de estado, todos travestidos de novidade, mas que, no final, traduziam-se no mesmo, ou seja, a liberal-democracia, com seus caudilhos, manda-chuvas, na luta pelo poder: “Revolução não é mazorca de soldados amotinados; não é rebelião de camponeses ou proletários; não é movimento armado de burguesias oligárquicas; não é movimento de tropas de governos provinciais; não é golpe de militares”, mas sim “o dom da palavra das Nacionalidades. (...) O Brasil aprendeu a falar. Já não precisa de caudilhos. Já não quer conspirações na treva. Já dispensa o jogo dos partidos. (...) Já sabe que eleições de nada valem. Já rejeita os medalhões, os protetores, os ‘pais da pátria’”⁸⁸.

Mesmo na Rússia, que vivia, à época, um processo revolucionário, não experimentava nada mais que uma decorrência do capitalismo – Plínio afirma que o marxismo somente continua a obra da economia clássica burguesa, já que “é o próprio Marx quem confessa, declarando que não nega as leis que foram sendo descobertas, desde os fisiocratas, mas a elas vem acrescentar outras que ele descobriu”, e conclui: “Ele é um continuador de Adam Smith”⁸⁹. O comunismo era, na visão de Salgado, o ápice do capitalismo, pois era o reinado do último burguês - o Estado -, dono de toda a propriedade - a socialização dos meios de produção -⁹⁰, aplicando uma moral materialista – o marxismo -, que só considerava o homem no seu aspecto econômico, sem enxergar seu lado sobrenatural: “o Comunismo (...) age, destruindo os últimos resquícios do que há de nobre e espiritual no homem”⁹¹, pois “abandona a parte moral (...), curando tão-somente do seu aspecto econômico”, acabando por “propagar as idéias materialistas, de sorte a destruir a religião, a família, a pátria (...) [e] combater, embora por política não afirme isso, a inteligência, a cultura, os padrões morais e tradicionais”, os quais constituiriam empecilhos para a instauração do socialismo⁹², de acordo com o autor. O indivíduo seria esmagado devido ao coletivismo, o qual o Estado tomaria as

⁸⁷ Ibidem, p. 75.

⁸⁸ Idem, 1957b, p. 220.

⁸⁹ Idem, 1957a, p. 406.

⁹⁰ “Os burgueses mais fracos são engolidos pelos mais fortes, num processo que faz com que o capitalismo venha a se tornar cada vez mais monopolista, deslocando as ‘riquezas de pluriproprietários para o menor número de detentores, como será um dia, do menor número de detentores para o detentor único, isto é, o Estado-Capitalista” SALGADO, Plínio. **Sofrimento universal**. RJ: José Olympio, 1934. p. 86-7. *apud* ARAÚJO, op.cit., p. 47.

⁹¹ SALGADO, 1957a, p. 409.

⁹² Idem, 1957d, p. 48-9.

crianças para si para serem os novos *escravos* de Moscou, pois lá já “nacionalizaram a paternidade e racionalizaram a criação de homens nas creches do Estado, transformando o homem em galináceo e substituindo o lar pelas chocadeiras automáticas dos asilos”⁹³, aniquilando, assim, a família, única fonte de moralidade, pressuposto fundamental para o pensamento do Sigma.

A revolução que Salgado imaginava penetraria devagar, mudando corações e mentes, num movimento interior de conscientização dos valores espirituais – ligados à concepção integralista de mundo -, havia tanto tempo esquecidos. Era uma Revolução do Espírito, que se processaria não por um golpe de força, como em 1789 - pois esse tipo duraria somente enquanto houvesse o despotismo, a repressão do Estado -, mas, sim, numa obra interior e lenta de transformação do pensamento: “Nossa campanha durará, pelo menos, um século. Os Camisas Verdes realizarão paradas e desfiles, conferências, cursos, estudos”⁹⁴, pois é preciso mudar a mentalidade de toda uma nação. Oferecerão a outra face e perseverarão como os primeiros cristãos, até a vitória da Idéia:

No Coliseu, rugem os leões. **Quem vai enfrentá-los? Crianças, velinhos; mães com os filhos ao regaço, donzelas inermes.** (...) A ‘idéia nova’ penetra no Fórum, nas Termas, no Palatino (...). Desde o início, a brutalidade dos tiranos impulsionou a Grande Revolução. As perseguições romanas vitalizaram-na. (...) Ninguém poderá deter a marcha do Espírito e a Renovação da Terra.

Durante a batalha ferida entre os comunistas e integralistas na Praça da Sé, em S. Paulo aqueles gritavam: “Morra Deus!”. No Alto, sorria um grande céu azul. Em baixo os integralistas derramavam seu sangue por uma idéia. **Mulheres e crianças resistiam cantando ao fogo das metralhas.** Não! Deus não morre no coração dos homens! ⁹⁵ (grifos meus)

Assim, nessa visão um tanto piegas, os Camisas Verdes, como os mártires cristãos sob as feras, eram os portadores de uma nova luz. Eles subjugariam o materialismo vigente, não importando o quanto se precisasse sofrer, como aqueles devorados pelos leões, cuja idéia *vencera* o império romano. Eles seriam responsáveis por acordar uma nação⁹⁶ da letargia do século XIX, de dominar o colosso Calibã, consistindo nos primeiros brasileiros despertos:

⁹³ Idem, 1957a, p. 414.

⁹⁴ Idem, 1957b, p. 256-7.

⁹⁵ Ibidem, p.226-7.

⁹⁶ Os integralistas não cantavam a segunda parte do hino nacional (“Deitado eternamente em berço esplêndido...”), pois consideravam que o seu chefe teria acordado a nação.

Só nós, e mais ninguém, pode se propor a modificar as linhas do atual regime político, o qual, no momento, é a ordem de que necessitamos para trabalhar, para realizar uma obra de cultura, de educação, de formação da consciência das massas, pois enquanto essa obra não for executada, será um crime perturbar ainda mais um país que já se encontra, sob muitos aspectos, em franca anarquia.(...) E se a Constituição é débil; se toda a organização e estrutura do Estado não são suficientes para defender nossa Pátria da invasão dos Sovietes da Rússia, talvez nas **forças bárbaras da Terra, nas energias profundas da Raça**, que produziu a epopéia do Conselheiro e o romance de aventuras de Lampião, estejam as últimas esperanças da vergonha, da moralidade, da fé cristã e do espírito imortal de um Povo.⁹⁷ (grifos meus)

Podemos ver, então, que Salgado coloca a AIB como o movimento que será, por excelência, responsável pelo domínio da besta cega semeadora de todo tipo de aflição na humanidade (“só nós, e mais ninguém”), já que os próprios Camisas Verdes já estariam construindo, dentro de si mesmos, esse Ariel dominando Calibã.

Dizia-se que ricos e pobres estavam sendo contagiados, numa tentativa discursiva de harmonização classista: “Essa idéia nova, que é o Integralismo, está penetrando as classes proletárias, tão sofredoras; está penetrando, como um memento, nas casas dos ricos materialistas e roubando-lhes os filhos moços, mais capazes do que eles, de compreender o drama da Pátria”⁹⁸. Mulheres, homens, crianças e velhos - todos foram chamados pelo chefe nacional para conquistar, pela luta, essa nova sociedade:

eu [Plínio Salgado] tenho **abandonado** muitas vezes a **minha casa, para me por a trabalho pela tua família**. (...) Levanta-te, patricio, do Nordeste, da Amazônia, do Planalto, do Centro e do Sul, como se fosses um pedreiro, para bater comigo o malho nesta imensa construção, que é a Pátria Organizada. (...) Lê este livro (...) e diz, resolvendo-te a ser um integralista sincero: - ‘Vou **abandonar todos os compromissos**, pois tenho de construir a casa de meus filhos’ (grifos meus)⁹⁹;

Os lutadores da causa integralista deveriam ser jovens, mesmo que velhos: “Que os ‘Camisas Verdes’ de todas as idades não envelheçam. Essa é uma palavra de ordem”¹⁰⁰, pois é com ânimo juvenil que a ação dos militantes conseguiria romper com a velha sociedade e se disciplinar para alcançar os objetivos supremos: “Mocidade é **anti-materialismo**, é anti-ceticismo, é anti-comodismo, é anti-melancolia. (...) Ser moço é ser livre. É ser tão livre ao ponto de **guerrear a licença e criar a disciplina**”¹⁰¹. Juventude é energia, virilidade, porque é

⁹⁷ Ibidem, p. 218.

⁹⁸ Ibidem, p. 228.

⁹⁹ Idem, 1957d, p. 11-13.

¹⁰⁰ Idem, 1957b, p. 187.

¹⁰¹ Ibidem, p. 189-90.

“força, otimismo e energia criadora”¹⁰², e somente aqueles que se deixarem embeber de mocidade poderão executar a marcha rumo à Humanidade Integralista: “é preciso iluminar-se de perpétua juventude, para formar em nossas fileiras”¹⁰³.

Dessa forma, a regra era para cada Camisa Verde deveria cultivar um comportamento específico para se tornar um combatente da nova era, e uma *mobilização permanente* de toda a população contra o materialismo era exigida, contra um inimigo escondido nas entranhas de todos, num enorme envolvimento do indivíduo para que a luz reinasse sobre o Calibã vivente em cada pessoa. Era necessário regrar-se para se purificar e não se deixar *cair em tentação* ante as *seduções* da Civilização Atéia; é devido à isso que o ideólogo clama a Ariel que iluminasse os seus militantes “para que aprendam cada vez mais, a sofrer, para que neles cintile por sobre as triturações de todas as dores, a tua luz e a tua força”¹⁰⁴, pois essa “força é cada vez mais viva, quando se tira partido do sofrimento para que ela resplandeça. É preciso sofrimento. É preciso muita dor”¹⁰⁵ para o espírito sobrepujar a matéria: é pelo sofrimento que se chega ao domínio da mente sobre o corpo, do espírito sobre a matéria, pois deve-se renunciar aos prazeres fáceis, corpóreos, esses que se desdobram em vícios, em vaidade, em egoísmo, os quais acabam por se projetar, na sociedade, em vários níveis, por meio da *questão social*, do capitalismo desumano, do comunismo destruidor: “Essa tremenda batalha [propiciada pela ausência do espírito] (...) se generaliza desde o armazém da esquina até ao grande ‘trust’”¹⁰⁶. Porém, sabendo da imperfeição do homem, Plínio adverte: “Compreendo que haja mesmo instantes de covardia diante das imposições de uma sociedade tirânica na sua estupidez grosseira, na sua pervertida concepção do mundo e da vida. Devei, porém, reagir”¹⁰⁷. Todavia, “não precisais ir aos extremos de contrariar a natureza humana; mas **o que exijo de vós é que não contrarieis**, de nenhum modo, **as leis do espírito**, não só porque são também humanas, como porque são **elas que devem traçar as normas para o mundo material**, e para os hábitos sociais”¹⁰⁸ (grifos meus).

Assim, os Camisas Verdes, primeiros homens-novos da nova humanidade que o Integralismo se propunha a instaurar, deviam ter “uma compreensão serena, equilibrada, sensata, ponderada da vida”, a qual se dá “a César o que é de César e a Deus o que é de

¹⁰² Ibidem, p. 189.

¹⁰³ Ibidem, p. 191.

¹⁰⁴ Ibidem, p. 330.

¹⁰⁵ Ibidem, p. 328.

¹⁰⁶ Ibidem, p. 313.

¹⁰⁷ Ibidem, p. 314.

¹⁰⁸ Ibidem, p. 315.

Deus”, e guiada sempre pelo “senso profundo das virtudes cristãs”¹⁰⁹. Dado esse desafio, a AIB se estruturou de forma a educar os brasileiros para o novo tempo, revestindo-se com a áurea de uma grande escola nacional. Ela era, antes de tudo, um movimento de cultura¹¹⁰, que retomaria o espiritualismo encontrado nos momentos monoteístas da história, não excluindo as necessidades mundanas, já que essa nova proposta integra, sintetiza espírito e matéria num único tempo, diferente da Idade Média, cuja ênfase era unicamente espiritual – o que teria sido um erro, já que sua ascese teria permitido o ressurgimento do materialismo. Sendo, então, um movimento que ensinaria ao Brasil e ao mundo uma nova cultura, um outro modo de vida em sociedade, apoiado numa elite ilustrada, imbuída da idéia nova, e cujo objetivo era a mudança de mentalidade do povo, cabe compreender o que significava essa *cultura* para o Integralismo.

1.5 - POR UMA CULTURA INTEGRALISTA

A professora Rosa Cavallari, ao estudar o aspecto educacional da Ação Integralista Brasileira¹¹¹, afirma que cultura, para essa instituição, era todo o conhecimento que pudesse ilustrar o indivíduo, como ciências, línguas, e humanidades:

Embora o termo não apareça explicitado claramente, **tudo leva a crer** que o Integralismo identificava cultura como **a posse de determinados conhecimentos**, tais como os **ligados à arte, à literatura, à filosofia e à ciência**. Cultura era, por conseguinte, um bem que podia ser transmitido por aqueles que o possuíam.

A partir dessa visão, o Integralismo podia afirmar que o brasileiro não tinha cultura (...). Por isso, de acordo com o Integralismo, “um dos grandes planos que temos a executar no Brasil, não é simplesmente o da alfabetização: é o da elevação do nível cultural das massas” (grifos meus)¹¹²

Essa noção pode, num primeiro momento, realmente se confundir com a descrição acima, mas, ao confrontarmos-na com o conteúdo ideológico integralista aqui estudado, esse conceito se mostra insuficiente para a minha abordagem do fenômeno educacional camisa-verde. Na verdade, a própria autora revela um significado para *cultura* mais próximo daquele afim ao meu trabalho, como pode-se verificar, mas, que por algum motivo, ela não o

¹⁰⁹ Ibidem, loc.cit.

¹¹⁰ “O movimento integralista brasileiro é um movimento de cultura”. Idem, 1955, p. 83.

¹¹¹ CAVALARI, 1999.

¹¹² SALGADO, Plínio. **Palavra nova dos tempos novos**. RJ: José Olympio, 1936. p. 180 *apud* Ibidem, p. 42.

desenvolve: “A massa popular, segundo Salgado, é o monstro inconsciente e estúpido. **Transformar o monstro em cidadão para o Estado Integralista** era tarefa do Integralismo”¹¹³ (grifo meu); também: “Havia necessidade de que alguém, **que possuísse todas as virtudes que lhe faltavam** [à massa popular], interpretasse suas aspirações, a conduzisse e guiasse”¹¹⁴ (grifo meu). Alguém – as elites – possuía o conhecimento para transformar o povo ignorante no “cidadão para o Estado Integralista” (“Cabia a elas [as elites intelectuais] o papel de guiar e conduzir esse povo-criança”¹¹⁵). Então, se a posse deste tipo de cultura mencionado pela autora correspondesse aos pré-requisitos para se ter consciência dos deveres para como espírito, como vimos repetidamente aqui, como as elites letradas brasileiras não se haviam percebido dessa *força cabocla*, calada no interior do país, e como elas, que vinham de encontro à índole nacional, fruto da miscigenação das três raças, se deixaram iludir com as idéias saídas de uma Europa *decadente e materialista*?

A dinâmica da história, na versão de Salgado, e, por conseguinte, a base de seu ideário, diz respeito ao eterno conflito entre o espírito e a matéria, já exaustivamente mencionado neste capítulo. Ao retermos o sentido desse conflito, e seu desdobramento histórico em diversas etapas, podemos afirmar que o índice de espiritualidade de uma civilização é medido, principalmente, pelo seu *nível* de moralidade. Temos, nos hebreus - uma ramificação monoteísta do Politeísmo, *precursora* da Idade Média -, um alto índice de moralidade. Aliás, o que distinguia os israelitas era justamente a sua moral, centrada na lei mosaica, e que era o seu único fator de união, dadas as inconstâncias da sua fixação num território. E temos, no medievo, o predomínio da Igreja Católica, tendo sido, segundo Plínio, o ponto da humanidade que se chegou ao maior índice moral, e onde as ações e coisas se submetiam à finalidade única, divina: “A Idade Média possuía a mais perfeita consciência do **mundo moral**, compreendendo o Homem e o Universo por uma forma total, isto é, sem exclusão dos valores espirituais. O centro de tudo era Deus, para o qual o Homem se dirige; e tudo na vida social, deveria objetivar o destino supremo da criatura humana”¹¹⁶. No que consistia, em geral, essa moral? Uma disciplina e um princípio de autoridade (o Pentateuco hebreu e o ascetismo católico), uma hierarquia (o divino precedendo o terreno), e senso de finalidade (submissão de todas as coisas ao seu próprio criador divino). Ao perderem essas virtudes, os povos caem em desgraça, corrompendo-se na sedução das leis naturais – como o

¹¹³ Ibidem, loc.cit.

¹¹⁴ Ibidem, p. 44.

¹¹⁵ Ibidem, loc.cit.

¹¹⁶ SALGADO, 1957c, p. 86[rodapé].

caso do Bezerro de Ouro no Antigo Testamento¹¹⁷, e da Declaração dos Direitos do Homem¹¹⁸, este *seguido* do capitalismo e suas conseqüências. Sendo assim, a conquista da Quarta Humanidade – definitivo equilíbrio entre Ariel e Calibã -, também se basearia nessa retomada do senso de espírito perdido nos séculos. Como o Integralismo pugnava por esse objetivo, seu chefe prescrevia um comportamento específico para os seus militantes para alcançá-lo.

Assim, àqueles que combateriam sentimentos tão fortes quanto o desejo, a ira, dentre outros – causas desse *desequilíbrio* primordial -, era mister aceitar a disciplina, a autoridade, e a hierarquia. A disciplina daria a força moral para combater o inimigo interno, e sujeitá-lo ao imperativo das leis maiores, da moral cristã, enquanto a autoridade seria um dos fatores que evitariam o caos, um “princípio de manutenção das estruturas orgânicas da sociedade”¹¹⁹; da hierarquia, por sua vez, viria a compreensão do papel do indivíduo na sociedade na caminhada para a harmonia social imaginada por Plínio: “O Integralismo proclama que não há direito algum que se sobreponha aos direitos da Nação, limitados estes pelos princípios do Direito Natural, baseados em Deus, pois assim esta garantirá eficientemente os direitos dos indivíduos, dos grupos de indivíduos, dos municípios, das províncias, dirimindo contendas, harmonizando interesses”¹²⁰. Além dessas características, essa pessoa deveria ter o senso de autoridade e finalidade humana, ou seja, dentro desse esquema ideológico, compreender que Deus é o início e o fim das coisas, e que todos devemos obedecer as leis morais para obter a harmonia interna e social – “Consideramos que a finalidade do homem é transcendental (...) [,] um ser complexo, com aspirações na Terra, como corpo, e aspirações no Infinito, como centelha da Luz Eterna”¹²¹. Constata-se que essas condições seriam básicas para qualquer um que queira superar o reinado da matéria com convicção e compreensão do seu papel e do seu dever.

Portanto, para a realização da revolução integralista, era necessário ter essa conduta específica: aprender a ser o homem novo, imbuído dessa moral espiritualista, detectável em

¹¹⁷ Enquanto Moisés recebia, de Deus, as leis no monte Sinai, o povo de Israel quebrou os mandamentos construindo um bezerro de ouro como divindade, passando a fazer sacrifícios, a dançar e divertirem-se diante da estátua. Javé, por intermédio de Moisés, puniu os transgressores com a morte e reafirmou a Sua autoridade. Cf. Ex 32, principalmente o versículo 22.

¹¹⁸ A Declaração dos Direitos do Homem, de 1789, dava liberdades, concedia direitos; mas isso não cabia num lugar onde a democracia *brotara da terra* desde a sua descoberta pelos europeus, pois era necessário restringir, e não liberar: o Brasil “**pedia** exatamente o contrário, isto é: ordem, organização, disciplina” (SALGADO, op.cit., p. 169), diferente da elite do litoral, embriagada com o liberalismo que só fazia “favorecer o capitalismo internacional (...) [e] **desmoralizar os costumes**” (Ibidem, p. 169) (grifos meus).

¹¹⁹ Idem, 1957b, p. 294.

¹²⁰ Idem, 1957d, p. 77.

¹²¹ Ibidem, p. 25.

diversos momentos da história - e que, no entanto, assumia formas conjunturais e *incompletas* -, encontrando, na doutrina do sigma sua forma final, com o domínio de Ariel sobre Calibã – e não no predomínio desmedido de um ou outro. Dessa maneira, se fazer a revolução era conscientizar sobre a nova idéia, *dar cultura* à massa, e a AIB era, auto-proclamada, a responsável por essa obra, então podemos compreender *cultura*, como sendo *a sua própria doutrina*. A Ação Integralista necessitava, então, mobilizar o povo em prol dos interesses da pátria, encarnados, segundo seu chefe, no Sigma, para cumprir essa tarefa hercúlea de erguer uma nação como o Brasil. Para isso, seria necessária uma instituição que desse conta de reunir os interessados, organizá-los e conscientizá-los da suas tarefas de revolucionários, numa grande ação *pedagógica*¹²², por meio não só de escolas, mas de várias outras formas de doutrinação, como veremos mais a frente.

1.6 - DA ROCHA BRUTA O NOVO HOMEM

A AIB possuía uma organização interna composta por diversas subdivisões, responsáveis por atender cada uma das áreas de interesse do Integralismo, tanto na esfera nacional, quanto estadual e municipal. Esta disposição administrativa sofreu uma alteração significativa após sua primeira elaboração, fruto das adaptações do movimento à conjuntura sócio-política nacional. Paralelamente, a Ação Integralista firmava um conjunto de regras e protocolos que intensificava a presença do movimento na vida pessoal do militante, impondo um modo de vida próprio, mobilizando constantemente o indivíduo para a causa *revolucionária*.

O professor Hégio Trindade¹²³ demarcou duas fases nessa estruturação administrativa. A primeira foi marcada pelo cunho eminentemente cultural do movimento, ainda com as prerrogativas ideológicas dos primeiros anos: o Integralismo recusava-se “a ser assimilado, numa primeira fase, a um partido político (...) [, e definia-se] apenas como um movimento cultural e cívico. Esse fato se explica mais por razões de estratégia política e coerência ideológica do que apoliticismo”¹²⁴. Nesta, a AIB era composta por seis departamentos, “órgãos de execução dirigidos por um secretário nacional, sob a dependência

¹²² “A campanha integralista é, de fato, uma campanha pedagógica”. ANAUÊ (R), nº. 2, p26.

¹²³ TRINDADE, 1979.

¹²⁴ Ibidem, p. 163.

e o controle direto do Chefe Nacional”¹²⁵, instaurados segundo o Congresso de Vitória, em março de 1934: “Organização Política, Doutrina, Propaganda, Cultura Artística, Milícia e Finanças. Além destes, o Chefe cria o Departamento de Justiça”¹²⁶. Há também os gabinetes Civil e Militar, responsáveis, dentre outras atribuições, pela proteção de Plínio Salgado e pelo jornal oficial – o *Monitor Integralista* –, e o *Conselho Nacional*, órgão consultivo de assessoria do chefe.

Na segunda fase, determinada pelo Congresso de Petrópolis (março de 1935) e pelas mudanças elaboradas por Salgado em meados de 1936¹²⁷, os departamentos são aumentados para dez e transformados em secretarias, se especializando cada vez mais, e tendo como marca o estatuto de partido político que o Integralismo passara a ter. Temos então as Secretarias de Corporações e Serviços Eleitorais, Doutrina e Estudos, Educação (Moral, Cívica e Física), Finanças, Propaganda, Arregimentação Feminina e Plinianos, Cultura Artística, Assistência Social, Imprensa e Relações com o Exterior¹²⁸, todas elas submetidas ao controle último do Chefe Nacional. Essas mudanças também se refletiram nos órgãos representativos: é dissolvido o *Conselho Nacional*, e são criados, em 1936, a *Câmara dos Quarenta*¹²⁹, o *Conselho Supremo*¹³⁰, e as *Cortes do Sigma*¹³¹ - sem contar a *Câmara dos Quatrocentos*, criada mais tarde, em 1937, prévia de uma futura *Câmara Corporativa*. A partir daí, o movimento assume um caráter mais pragmático, enfatizando menos a *Revolução do Espírito*, e inserindo-se no jogo político brasileiro, concorrendo a cargos eletivos:

¹²⁵ Ibidem, p. 173.

¹²⁶ Ibidem, loc.cit.

¹²⁷ Enquanto Héglio Trindade afirma que o Congresso de Petrópolis se deu em junho de 1936, tendo sido a partir dele que se sucederam as reformas na estrutura da AIB (Ibidem, p. 176), Elmer Broxson diz que o referido congresso se deu em março de 1935, tendo firmado algumas mudanças estruturais para facilitar os trabalhos eleitorais do referido ano (criação da Secretaria Nacional de Justiça e do Departamento Nacional de Corporações e Serviços Eleitorais), e se antecipando à Lei de Segurança Nacional, dissolvendo a Milícia Integralista e criando a Secretaria de Educação (Moral, Cívica e Física) no seu lugar – manobra para mascarar a continuidade das atividades paramilitares integralistas. A desmobilização da Milícia descontentou alguns setores do movimento e criou uma crise interna que faria Salgado alterar a estrutura do movimento, concentrando pastas importantes sob o seu comando, como o antigo Departamento de Milícia, e transferindo seus desafetos para postos subordinados, mantendo o controle sobre a AIB e abafando os descontentes (BROXSON, 1972, p. 183-192).

¹²⁸ TRINDADE, op.cit., p. 177.

¹²⁹ Órgão consultivo, mas pouco funcional, era formado por quarenta personalidades de alto gabarito moral e intelectual, que poderiam opinar sobre questões suscitadas pelo Chefe Nacional. Cf. Ibidem, p. 173.

¹³⁰ Órgão também consultivo, mas formado pelos dez principais dirigentes integralistas mais próximos geograficamente, dada a dificuldade de convocação do antigo *Conselho Nacional* pelas distâncias entre os estados. Cf. Ibidem, p. 173.

¹³¹ Órgão máximo de representação na AIB, era convocada exclusivamente por Salgado, composta pelos representantes da alta cúpula integralista. Cf. Ibidem, p. 175.

A transformação do movimento em partido político coincide com a passagem da fase “revolucionária” do integralismo à sua fase “eleitoral”. A partir deste momento, a mensagem ideológica não se dirige somente a militantes consagrados à ‘revolução integral’, mas a eleitores potenciais¹³².

Disseminaram-se escolas para a alfabetização e, por consequência, cadastro eleitoral, visando formar um eleitorado cativo: a Secretaria de Arregimentação Feminina e Plinianos era prova disso, tornando o aproveitamento das *Blusas Verdes* na obra educacional integralista mais claramente eleitoreiro a partir da criação deste órgão¹³³ – “como consequência, pode-se observar que a partir de 36 intensificaram-se, no interior da AIB, as campanhas de alfabetização, com ênfase à alfabetização de adultos”¹³⁴, sendo que “à medida que a campanha eleitoral para a Presidência da República de 37 se aproximava, a alfabetização ganhava mais destaque na Imprensa Integralista”¹³⁵. É um momento de rápida expansão, tanto no número de militantes, quanto na importância dos Camisas Verdes na política do país – é nessa época que os integralistas conquistam diversos cargos eletivos, principalmente algumas prefeituras em Santa Catarina.

Pode-se perceber, olhando-se *de perto* as funções de cada departamento/secretaria, que quase todas eram voltadas diretamente à Revolução do Espírito. A Milícia Integralista, antes da Lei de Segurança Nacional¹³⁶, era comandada pelo Departamento de Milícia, depois transformado em Secretaria de Educação Moral, Cívica e Física. Independente da proibição da formação de milícias por qualquer um que não fosse autoridade pública¹³⁷, os treinamentos se mantiveram, camuflados em exercícios de educação física. Elas possuíam estatuto próprio, e uma hierarquia inspirada no Exército, abrangendo diversas armas: “infantaria, cavalaria, engenharia, artilharia e aviação”¹³⁸. Sua função era fazer a guarda do movimento, e implementar um espírito de disciplina e sacrifício pelo ideal, como diz o juramento do miliciano: “juro: primeiro, absoluta disciplina aos meus chefes (...), dar a minha vida, se necessário, pela causa da revolução Integralista (...), amar, respeitar e fazer respeitar o Chefe Nacional”¹³⁹. Além disso, teria um papel fundamental no futuro Estado Integral, agindo nos

¹³² Ibidem, p. 163.

¹³³ CAVALARI, p. 62.

¹³⁴ Ibidem, loc.cit.

¹³⁵ Ibidem, p. 62-3.

¹³⁶ “Salgado was right in feeling that he would not be able to save the Integralist militia, for the National Security Law, approved by the Federal Congress on March 30, 1935 and promulgated by President Vargas in April”. BROXSON, op.cit., p. 123.

¹³⁷ “Only the public authorities have the prerogative to constitute militias of whatever nature”. BRASIL, Lei nº 38, abril de 1935. RJ: Imprensa Nacional, 1935, p. 11. *apud* BROXSON, op.cit, loc.cit.

¹³⁸ TRINDADE, op.cit., p. 179.

¹³⁹ Ibidem, p. 180.

moldes da Guarda Nacional, como uma força civil de manutenção da ordem política e social, protegendo a família e a *tradição* brasileira.¹⁴⁰

O Departamento de Justiça era encarregado de cuidar das questões jurídicas internas do movimento, baseado numa série de regulamentos, desde um código penal e processual próprios, até um código de conduta do militante. Trindade cita algumas proibições, como fumar diante dos superiores, demonstrações de familiaridade que pudessem afetar a hierarquia, e deixar de punir as faltas disciplinares dos subordinados.¹⁴¹ Os Camisas Verdes eram incentivados a denunciar os faltosos, e eram previstas uma série de punições, até a exclusão, caso houvesse reincidência.

A Secretaria de Propaganda tratava da divulgação do movimento, principalmente na formação e constituição de um corpo de oradores autorizados na difusão *correta* da doutrina¹⁴². Centralizando as funções ideológicas, havia a Secretaria de Doutrina, que dispunha de “um setor responsável pela orientação ideológica, encarregado de zelar pela ortodoxia da doutrina”¹⁴³, que também censurava possíveis desvios de representantes do movimento. Já a Secretaria de Corporações e Serviços Eleitorais, derivada do antigo Departamento de Organização Política, tratava da parte sindical e corporativa, orientando politicamente, alistando eleitores, e recolhendo informações políticas estratégicas. O órgão antecessor ocupava-se da direção da ala feminina, juvenil, e universitária, além do serviço de inteligência da AIB, investigando membros e *leigos*.¹⁴⁴ O Departamento de Cultura Artística ambicionava “criar, difundir e controlar as atividades artísticas e culturais do Integralismo”¹⁴⁵, na tentativa de fundar uma estética própria do sigma. Por fim, daquele mesmo Departamento de Organização Política, surgiu a Secretaria de Arregimentação Feminina e Plinianos, responsável pela mobilização, instrução das militantes e da juventude (os chamados *Plinianos*), e da educação da população em geral, por meio de escolas¹⁴⁶.

Essa estrutura administrativa da AIB era fundamental na implementação do futuro Estado Integral, e no estabelecimento da Quarta Humanidade, organizando os militantes para a luta por estes dois objetivos. Depois de 1936, ainda segundo Trindade, o movimento experimenta uma organização claramente pré-estatal, como um laboratório que seria

¹⁴⁰ AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, 1936a, Capítulo III, parágrafo 9.

¹⁴¹ TRINDADE, op.cit, p. 184.

¹⁴² Ibidem, p. 185.

¹⁴³ Ibidem, loc.cit.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 183-4.

¹⁴⁵ Ibidem, p. 186.

¹⁴⁶ CAVALARI, op.cit., p. 65-6.

transplantado para o Estado de fato após a conquista do poder¹⁴⁷. Além da disposição burocrática que permitia o funcionamento do movimento, havia todo um conjunto de regras que definiam o papel hierárquico de cada função e indivíduo nos quadros da Ação Integralista, e sua conduta, pública, privada e institucional, como Camisa Verde. Havia também uma regulamentação protocolar, que indicava, minuciosamente, as cerimônias que os militantes participavam no núcleo e no cotidiano – além de eventos e das datas comemorativas, as cerimônias particulares, relativas à batismos, casamentos e funerais -, conformando-os, desde o nascimento, ao novo modo de ser da futura sociedade integralista.

O que primeiramente chama atenção na AIB é a sua simbologia, o que faz o Integralismo ser identificado diretamente, sem nenhuma matização, com o nazi-fascismo europeu. Os símbolos eram o elo entre os militantes de norte a sul do país, e sintetizavam a doutrina integralista, a começar pelo sigma (Σ), letra grega estampada em todo material ligado ao movimento, e signo máximo da Ação Integralista Brasileira. É atribuído ao sigma o significado matemático da adição das pequenas partes, e, dentre outros, também era o símbolo usado para representar Deus entre os primeiros cristãos¹⁴⁸. Algo também notório nos militantes era a saudação e o uniforme. Todos os integralistas deveriam se cumprimentar erguendo a mão direita, dizendo em voz alta *Anauê!*, que, pretensamente em Tupi-Guarani, significaria *tu és meu parente*¹⁴⁹. Havia toda uma regulamentação sobre os usos da saudação¹⁵⁰, explicitados nos *Protocolos e Rituais* da AIB, conjunto de normas protocolares e de conduta para o militante – onde, como, e quando se pode cumprimentar em pé, sentado, a cavalo, por exemplo. Da mesma forma, o uniforme era padronizado, e deveria ser usado somente nas situações previstas nos *Protocolos*¹⁵¹. Seu uso nas reuniões era obrigatório, e para os homens, era composto por uma camisa verde de manga comprida, uma gravata preta, um emblema circular com o sigma no centro, pregado no braço esquerdo da camisa, e calça

¹⁴⁷ “(...) o Estado Integralista em potencial, implantado no seio do Estado brasileiro, é muito mais do que um ‘contragoverno’ ou gabinete de oposição. Ele funciona como um verdadeiro Estado totalitário que possui não somente uma ideologia de Estado e uma estrutura autoritária, mas utiliza-se de meios estatais como de um aparelho burocrático interno, de Forças Armadas paralelas (a Milícia), de uma política de socialização e de reeducação dos militantes e de uma legislação própria (resoluções, regulamentos, medidas de censura, etc), assim como de um tribunal e de um corpo de ‘magistrados’ para julgar as ações dos seus membros”. TRINDADE, op.cit., p. 176.

¹⁴⁸ AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, 1937, Capítulo III, artigo 12.

¹⁴⁹ Até mesmo um dos grandes intelectuais da AIB, Câmara Cascudo, tinha dúvidas sobre a origem do vocábulo, e analisa-o num artigo da revista *Anauê*, nº 12, p. 29. Curiosamente, os escoteiros brasileiros, até a década de 1930, utilizavam esse mesmo cumprimento, mas pararam logo quando perceberam que os integralistas também estavam usando (se por influência ou mera coincidência): “Até a década de 30, todas as vezes que os escoteiros brasileiros se encontravam costumavam usar a expressão *Anauê!* Palavra da língua Tupi, significa “Salve!”. Todavia, depois que esta saudação foi adotada pela Ação Integralista Brasileira os escoteiros decidiram abandoná-la”. NASCIMENTO, janeiro de 2007.

¹⁵⁰ AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, op.cit., capítulo VII, artigos 60 a 77.

¹⁵¹ *Ibidem*, capítulo IV, artigos 31 a 36.

preta ou branca¹⁵². Não se pode esquecer de mencionar as bandeiras e brasões, que representavam publicamente o movimento, tendo cada um sua especificidade e uma norma específica para uso. A principal bandeira era a do movimento em si, composta por um círculo branco de bordas pretas e com um sigma maiúsculo ao centro, imerso num retângulo azul¹⁵³.

Ainda no âmbito coletivo, o Integralismo caracterizava-se, em sua obra de formação do novo homem, por rituais específicos, que celebravam datas importantes do calendário do movimento, e reafirmavam pontos da doutrina. Durante sua vigência, foram três as datas integralistas: no dia 28 de fevereiro, o rito da *Vigília da Nação* - que consistia, em suma, em um minuto de silêncio, seguido de um pequeno discurso e do juramento ao Chefe Nacional -, celebrava o aniversário do Congresso de Vitória, em 1934; no dia 23 de abril, havia o rito das *Matinas de Abril*, lembrança da primeira marcha de Camisas Verdes, na cidade de São Paulo. Nas palavras de Héglio Trindade, era o ritual mais *bizarro* do movimento¹⁵⁴, pois os militantes enfileiravam-se de frente ao leste, e, antes do nascer do sol, saudavam a alvorada da pátria - num ar de paganismo -, com *anauês* e discursos: “‘Camisas Verdes!’ Este sol iluminou quatro séculos da História Brasileira; iluminou a primeira marcha dos Integralistas e iluminará a vitória do Sigma”¹⁵⁵. Por fim, em 7 de outubro, data da primeira tiragem do manifesto fundador da AIB, era realizada a *Noite dos Tambores Silenciosos*, para lembrar os Camisas Verdes da extinção da sua milícia. Era um longo ritual iniciado às 21h, no qual eram renovados os juramentos e realizadas leituras de partes do Manifesto de Outubro, seguida de discursos, e cujo ápice se dava à meia-noite, quando a autoridade presente proferia algumas palavras pré-determinadas nos *Protocolos*, e todos os integralistas oravam silenciosamente, ao som do rufar de caixas surdas. Após a oração, um declamador recitava o poema *Noite dos tambores silenciosos*, finalizando com um texto também pré-definido, e quatro *anauês* a Deus, única ocasião a qual se pode realizar esse gesto privativo do Chefe Nacional¹⁵⁶.

Além desses rituais coletivos, efetuados simultaneamente em todo o país, a reafirmação e a socialização ideológica integralista estavam também presentes nas fases da vida do militante, e nos ritos privados, como batismos, casamentos e funerais. Assim, o primeiro passo na vida de um Camisa Verde era *nascer* para o movimento, com um juramento efetuado quando da sua entrada na AIB. Os adultos recitavam: “Juro por Deus e pela minha honra trabalhar pela Ação Integralista Brasileira, executando, sem discutir, as ordens do Chefe

¹⁵² Para outros uniformes, como o da Milícia, o feminino, e o dos plinianos, ver AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, op.cit., capítulo IV, artigos 26 a 30.

¹⁵³ Ibidem, capítulo III, artigo 13.

¹⁵⁴ TRINDADE, op.cit., p. 196.

¹⁵⁵ AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, op.cit., capítulo XI, artigo 169, alínea c, p. 55.

¹⁵⁶ Ibidem, loc.cit., artigo 167.

Nacional e dos meus superiores”¹⁵⁷, obedecendo todo um protocolo no núcleo, enquanto para os Plinianos, desde 1936, a partir dos 7 anos de idade era dado um juramento específico, o qual apresento o trecho inicial: “Prometo ser um soldadinho de Deus, da Pátria e da Família; prometo ser obediente a meus pais, a meus mestres e a meus chefes”¹⁵⁸. Já a cerimônia integralista de batismo era concomitante ao ato religioso, onde havia a presença de Plinianos, e *dava-se* o primeiro *anauê* ao futuro militante, envolto na bandeira azul e branca da AIB, num templo cristão¹⁵⁹. Para o enlace dos noivos também havia cerimônias integralistas próprias – uma para o casamento civil, outra para o religioso. Em ambas, os militantes deveriam comparecer vestidos com seus uniformes, inclusive os noivos – excetuando a noiva, no religioso, que só portaria no peito um sigma -, além de uma disposição própria dos Camisas Verdes dentro do lugar da realização das cerimônias, e os discursos e juramentos de praxe¹⁶⁰.

Da mesma forma que se nascia para o movimento, em caso de falta grave o militante estava sujeito à expulsão, o que equivalia a *morrer* para o Integralismo. Nessa ocasião, o núcleo reunia vinte Camisas-Verdes, e a autoridade proferiria que “Nosso companheiro F... é morto; ele faltou à sua fé e à sua palavra de honra”, sendo que todos responderiam “Seja esquecido!”¹⁶¹, tendo sua ficha queimada na presença de todos. Entretanto, o integralista que falecesse não morria para o movimento. Diferente do faltoso, seguiria para a *milícia do além*: “No Integralismo ninguém morre! Quem entrou neste Movimento imortalizou-se no coração dos ‘Camisas Verdes’”¹⁶², era parte do discurso proferido na cerimônia fúnebre, onde o caixão era envolto na bandeira do sigma, procedendo-se as exéquias e outros pronunciamentos.

Por fim, a AIB mantinha uma outra maneira de doutrinação e socialização dos seus valores: a imprensa. Esse meio permitia a todos os militantes acompanharem os rumos do movimento, tanto em nível nacional quanto regional, além de avivarem constantemente a doutrina do sigma de diversos modos, presentes nesses periódicos. Assim, a imprensa constituía um veículo importante na uniformização partidária e ideológica, ao prestar contas da situação do Integralismo nacionalmente ao Camisa Verde, apontando os feitos do seu e de outros núcleos espalhados pelo país, criando um senso de comunidade nacional, e ao divulgar, de formas diversas, a ideologia do sigma, popularizando os trabalhos dos ideólogos

¹⁵⁷ Ibidem, capítulo X, artigo 146.

¹⁵⁸ Ibidem, loc.cit., artigo 148.

¹⁵⁹ Ibidem, loc.cit., artigo 155.

¹⁶⁰ Ibidem, loc.cit., artigo 156.

¹⁶¹ Ibidem, loc.cit., artigo 154.

¹⁶² Ibidem, loc.cit., artigo 158.

integralistas, sob um rígido controle editorial – ele desempenhava a “função de atualização e popularização do *corpus teórico* integralista junto aos militantes”¹⁶³.

A imprensa integralista era composta por duas categorias de jornais: o órgão oficial da AIB, o *Monitor Integralista* - que fazia o papel de *Diário Oficial* do movimento, único autorizado como veículo da *correta* ideologia, já que era ligado ao gabinete da chefia nacional, e passava por rigoroso controle -, e os periódicos locais, que eram vinculados ao Integralismo, reunidos na *Sigma Jornais Reunidos* – um *pool* que centralizava o conteúdo e a forma dos jornais do Brasil ligados à ela – , mas não se constituíam em *órgãos oficiais*, para evitar que possíveis desvios fossem vinculados à AIB:

O Chefe Nacional (...) resolveu pôr um termo à imprensa oficial do Integralismo em todas as Províncias, conservando essa qualidade, a um órgão, apenas – o ‘Monitor Integralista’, do Rio de Janeiro, - subordinado, diretamente, à Chefia Nacional. Todos os demais órgãos Integralistas não envolvem nas suas publicações, a responsabilidade da Ação Integralista Brasileira, o que entretanto não lhes tira, de maneira nenhuma, o dever de obediência à orientação da Secretaria Nacional de Imprensa e das autoridades Integralistas provinciais e locais¹⁶⁴

Os seus periódicos eram eminentemente doutrinários. Mesmo as notícias locais, quando havia, eram um veículo para demonstrar que os integralistas estavam certos. O conteúdo dos jornais caracterizava-se por utilizar diversas estratégias para ressaltar constantemente a doutrina e os deveres do militante, tanto em pequenos lembretes no meio da diagramação – como, por exemplo, lembrar-se de sempre usar os distintivos, de ler os jornais e livros do movimento, ser pontual¹⁶⁵ -, quanto em transcrições de trechos de livros, discursos, ou mesmo na repetição desses na mesma tiragem, com algumas modificações, e, até, na vinculação de certos produtos com a AIB, como as *Pastas de dente Anauê*, os *Cigarros Sigma*, e outros¹⁶⁶:

Integralistas!
A Pátria precisa de homens VIGOROSOS E FORTES.
Força e Vigor só se adquire bebendo “QUINO FERROL PALAMONE”.
(Fórmula do Dr. Luiz Bento Palamone)
Cumpra o seu dever usando-o com frequência¹⁶⁷

¹⁶³ CAVALARI, op.cit. p. 79.

¹⁶⁴ AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, op.cit, capítulo XVII, artigo 219.

¹⁶⁵ CAVALARI, op.cit, p. 99.

¹⁶⁶ Ibidem, p. 101.

¹⁶⁷ Jornal “O Nacionalista”, Araraquara, ano I, nº 5, 3 de fevereiro de 1935, p. 5. Apud CAVALARI, op.cit, p. 102.

Na década de 30, a Ação Integralista Brasileira montou um amplo e poderoso esquema doutrinário, que chegou a congregar, em fins de 1937, entre aproximadamente 500 mil e um milhão de militantes, distribuídos em núcleos por todo o país, e até no mar (Núcleos Flutuantes) e no exterior. Manteve uma rede nacional de alfabetização e doutrinação, com objetivo de ensinar não somente a ler, mas também sobre a nova era para a humanidade. Cada grupo local, em consonância com o movimento nacional, tinha por objetivo confraternizar, vivenciar o homem do futuro Estado Integralista, mediante uma série de rituais e diversas outras formas de expressão cotidiana da doutrina, todas de protocolo minuciosamente estudado para criar um sentimento de pertencimento ao Sigma, e de disciplina e ordem, para alcançar a meta da submissão dos instintos ao imperativo espiritual, princípio fundamental da ideologia do Integralismo brasileiro. Cabe agora seguir nesta trajetória sobre a ação pedagógica da AIB, e estudar a aplicação deste conjunto de práticas e idéias na doutrinação na juventude do movimento – os chamados *Plinianos*.

2 - CONTEXTO PEDAGÓGICO NACIONAL E INTEGRALISTA

Como já visto, para o militante em geral a Ação Integralista Brasileira oferecia toda uma estrutura doutrinadora, que, dos mínimos gestos aos grandes desfiles, ensinava-o a combater e dominar os impulsos da matéria, impulsos esses que teriam impregnado a sociedade contemporânea a Plínio Salgado com um ambiente de constante luta pela sobrevivência, gozo dos prazeres mundanos e indiferença pelo sofrimento alheio. Ritos, símbolos, treinamento miliciano, assistência social, dentre outras características e atividades, formavam e conformavam o indivíduo na ideologia integralista. Porém, havia um aspecto deste processo educacional que demandava uma atenção especial: como formar as crianças e jovens inscritos na AIB, fossem filhos ou não de militantes?

A Ação Integralista congregava uma enorme diversidade de intelectuais: pedagogos, professores, literatos, jornalistas, juristas, enfim, diversos pensadores que, dentre outras coisas, também estavam interessados no dilema educacional da juventude, e dispunham de seus serviços para auxiliar no trato do movimento do Sigma com as primeiras idades do ser humano. Assim, durante a vigência da AIB, pude encontrar nos textos das revistas e jornais do partido alguns diálogos entre estes intelectuais e o contexto de sua época, e alguma elaboração teórica sobre questões pedagógicas específicas dos Camisas Verdes.

Dessa forma, neste capítulo eu exponho parte do contexto educacional dos anos de 1920 e 30, e analiso os poucos textos que encontrei¹⁶⁸ voltados especificamente para a questão da formação dos militantes mirins da AIB.

¹⁶⁸ O próprio Salgado teve dificuldades em encontrar material suficiente para montar o tomo “O Integralismo e a educação”, da “Enciclopédia do Integralismo”: “os organizadores desta ‘Enciclopédia’ respigam, nas coleções e exemplares avulsos existentes, o material com que erigir este monumento escrito comemorativo do maior esforço cultural e educacional que o Brasil conheceu”. SALGADO, 196-, p. 12-13.

2.1 – TENDÊNCIAS EDUCACIONAIS NOS ANOS 30

2.1.1 – Sempre alerta: Escotismo e educação

Desde fins do século XIX, em conjunto com as novas descobertas na área educacional, ocorreram experiências em relação à formação do caráter juvenil fora do ambiente escolar. Porém, diferentemente dos pioneiros das escolas-novas, que elaboravam métodos e reflexões acerca de como adaptar o ser humano à sociedade que criou, esses movimentos caracterizavam-se por ter um enfoque específico, levando em consideração a suposta degeneração da sociedade industrial, buscando no campo a fonte do *verdadeiro* caráter e vitalidade do homem - um dos precursores do escotismo, Ernest Seton, com o seu *Woodcraft Indians* nos Estados Unidos, “culpava o crescimento urbano, a industrialização e as competições esportivas espetaculares”¹⁶⁹ pela frouxidão moral da sociedade estadunidense.

Foi a partir da sua participação na *Boy's Brigade*, entidade com profundo caráter religioso, e uma das primeiras organizações de juventude do mundo, que o herói da Guerra dos Bôeres Robert Stephenson Baden Powell sugeriu a mudança das práticas daquela instituição a partir de jogos de treinamento, com o intuito de reforçar o caráter daqueles jovens.¹⁷⁰ Como o seu programa não fora muito bem aceito, Baden Powell resolveu trilhar um caminho à parte, e em 1907 promove o lendário acampamento na Ilha de Brownsea, marco fundador do movimento escoteiro, e lança o texto *Scouting for boys*:

O sucesso alcançado naquele primeiro acampamento foi seguido do lançamento de seis fascículos intitulados *Scouting for boys*, em 1908. Esses fascículos continham todas as prerrogativas do movimento que estava sendo criado e foram também publicados posteriormente em forma de livro.¹⁷¹

A partir da vivência no campo, do aprendizado de técnicas de sobrevivência na natureza, de jogos e da sujeição dos grupos de jovens à determinadas situações que os levassem a tomar decisões por si mesmos, almejava-se formar o caráter do cidadão, e “combinando novas idéias da psicologia preocupada com as passagens entre a infância e a

¹⁶⁹ CYTRYNOWICZ; ZUQUIM, 2002, p. 49.

¹⁷⁰ Ibidem, loc.cit.

¹⁷¹ NASCIMENTO, jan/jun 2007, p. 46.

adolescência e dinâmicos métodos organizacionais, os propagadores do movimento escoteiro construíram organizações e recrutaram voluntários adultos e multidões de meninos”.¹⁷²

Assim, temos que o escotismo nasceu num momento o qual “a recreação tornou-se uma ferramenta a mais na formação do caráter”¹⁷³, quando os jogos e as brincadeiras receberam atenção na educação, ao mesmo tempo em que percebeu-se a criança como um ser de desenvolvimento diferente do adulto. E é a partir dessas constatações que vários intelectuais brasileiros abraçaram o método escoteiro como forma de incutir nas novas gerações sentimentos nacionalistas e de civismo: “Juntamente com a erradicação do analfabetismo, questão política de ampliação das bases eleitorais, grande ênfase foi dada à educação cívica, considerada elemento fundamental para o soerguimento moral da nação, para a cultura do patriotismo e para a defesa da nacionalidade”.¹⁷⁴

Esse interesse repentino pela educação, e, mais especificamente, pelo escotismo, condiz com a situação política da década de 1920: o renascimento dos ideais republicanos, frente às frustrações com a *República possível*, expressa na *política dos Estados*, o que impulsionou a crença na redenção do Brasil pela educação, e na sua colocação entre as nações mais desenvolvidas:

Parece que são os velhos sonhos do republicanismo histórico que voltam a perturbar a mente dos republicanos quase desiludidos; por exemplo, o sonho da República espargindo as luzes da instrução para todo o povo brasileiro e democratizando a sociedade, ou sonho de, pela instrução, formar o cidadão cívica e moralmente, de maneira a colaborar para que o Brasil se transforme numa nação à altura das mais progressivas civilizações do século.¹⁷⁵

A Primeira Grande Guerra provoca no Brasil uma onda nacionalista. A situação a qual nos encontrávamos – intelectuais cultuando costumes e idéias estrangeiras, poucos e dispersos habitantes, um vastíssimo território desocupado, governos corruptos, eleitos pelo voto de cabresto, enfim, uma nação desunida e frágil – preocupou uma parcela da intelectualidade nacional, e sensibilizou-a quanto à necessidade de *buscar a nação*, de se armar de todas as maneiras contra a ambição estrangeira: “(...) quistos de imigrantes, vazios demográficos, amplidão de território... Este quadro denota claramente a fragilidade da nossa situação no panorama internacional, ampliando o fantasma da cobiça externa”¹⁷⁶.

¹⁷² CYTRYNOWICZ; ZUQUIM, op.cit., p. 51.

¹⁷³ Ibidem, p. 50.

¹⁷⁴ ROSA, nov 2000, p. 110.

¹⁷⁵ NAGLE, 2001, p. 134-135.

¹⁷⁶ VELLOSO, 1993, p. 2.

Além da guerra européia, vivia-se um clima de desilusão para com a República, pois os ideais que levaram à queda da Monarquia não foram alcançados, o que impulsionou vários intelectuais a elaborarem interpretações sobre as razões do atraso sócio-econômico do país, e a projetarem soluções das mais diversas para superar o descompasso brasileiro em relação aos países mais ricos. É nesse momento que os letrados brasileiros se colocam como tendo um papel fundamental nesse processo de soerguimento da nação: eles direcionam “suas reflexões para os destinos do país, pois o momento é de luta e de engajamento”¹⁷⁷.

Assim, se a educação era vista, no começo da República, como simples medida acessória para esse projeto *regenerador*, logo na segunda década do século XX a educação passaria a ser proposta como a solução por excelência para o *atraso* do povo brasileiro: “Regenerar as populações brasileiras, núcleo da nacionalidade, tornando-as saudáveis, disciplinadas e produtivas, eis o que se esperava da educação, erigida nesse imaginário em causa cívica de redenção nacional”¹⁷⁸. Nascia, assim, uma ânsia de controle social e de modernização econômica, cujo tema da *organização do trabalho* condensava as expectativas dos intelectuais dos anos 20 em torno da educação no país. De Olavo Bilac à Associação Brasileira de Educação (ABE), um entusiasmo pedagógico tomou conta dos círculos letrados, contaminando-os com a crença da redenção nacional pela escola, o que resultou em diversas idéias sobre como transformar o decadente *Jeca Tatu* em um cidadão produtivo, ordeiro e saudável.

Vemos na Liga de Defesa Nacional, criada por Olavo Bilac, Pedro Lessa e Miguel Calmon, em 7 de setembro de 1916, na cidade de São Paulo, uma das primeiras materializações desse pensamento embebido de entusiasmo patriótico. A base do nacionalismo militante da Liga era o nivelamento dos brasileiros pelo Exército, já que este seria um denominador comum da nação, responsável pela construção do novo cidadão: o quartel consistiria na

(...) escola da ordem, da disciplina, da coesão; o laboratório (...) do patriotismo. É a instrução primária obrigatória; é a educação cívica obrigatória; (...). Para rebotalhos da sociedade a caserna seria a salvação (...): dela sairão conscientes, dignos, Brasileiros, esses infelizes sem consciência, sem dignidade, sem pátria¹⁷⁹.

¹⁷⁷ VELLOSO, 1993, p. 2.

¹⁷⁸ CARVALHO, 2003, p. 10.

¹⁷⁹ FIGUEIREDO, 2003, p. 260.

Os princípios da Liga giravam em torno da educação moral e cívica do povo, onde a defesa da conscrição obrigatória – campanha a qual rendeu a Bilac o título de *patrono do serviço militar brasileiro* – era sua bandeira principal, mas também havia a defesa da ocupação do povo com atividades *nacionalistas*, como a criação de *linhas de tiro*, batalhões patrióticos, grupos escoteiros, difusão do estudo da língua e história brasileira, medidas as quais impregnariam o povo, segundo o grupo nacionalista, com os ideais propagados pela instituição.

A importância dessa agremiação está não só na difusão do nacionalismo pelo país, o que permitiu a fundação de unidades estaduais desta, e congêneres¹⁸⁰, mas no valor que imputaram à educação no processo de formação da nacionalidade e da força de trabalho, e na influência exercida sobre intelectuais que, ou estavam presentes nas fileiras da Liga – como Miguel Couto, importante médico e educador -, ou foram sensibilizados com seu discurso – como Menotti Del Picchia, que participou do grupo modernista *Verde-Amarelo* junto com Plínio Salgado.

Já no decênio seguinte, a Associação Brasileira de Educação, fundada em 1924 na Escola Politécnica do Rio, discutia a *terapia cultural* que o país necessitaria passar para alcançar a tão sonhada *organização nacional*, colocando nas costas de uma *intelligentsia* demiúrgica a tarefa de modernização em prol do bem comum: “A tendência de subordinar a dinâmica da sociedade e de seus conflitos ao princípio abstrato da organização vai ser constante nesses anos. E explica, em larga medida, o frenesi pedagógico que pretende reformar a sociedade pela educação, criando técnicos e renovando as elites”¹⁸¹. Foi a partir dela que surgiram as principais políticas públicas educacionais dos anos 30, “promovendo inquéritos, debates, cursos e, especialmente, organizando congressos nacionais de educação”¹⁸².

Enfim, a onda nacionalista que marcou o Brasil no início do período entre-guerras impulsionou a utilização do escotismo como um dos métodos mais eficazes de ensino e consolidação do civismo e do patriotismo nas novas gerações. Esse entusiasmo refletiu-se em nível institucional, quando da adoção, pelo governo do estado de São Paulo, da organização

¹⁸⁰ Nagle cita a Liga Nacionalista do Brasil, cujo núcleo de São Paulo - dirigente nacional - foi o mais atuante desses movimentos patrióticos. Destacou-se pela implementação de escolas de alfabetização e de postos de alistamento eleitoral, para capacitar os brasileiros a votarem e, assim, expressarem-se politicamente, além de pressionarem os governos para darem atenção à educação. Dali também saíram personalidades influentes no campo da instrução, como Sampaio Dória, responsável pela reforma educacional de São Paulo na década de 1920. Ver NAGLE, 2001, p. 69-72.

¹⁸¹ LAHUERTA, 1998, p. 98.

¹⁸² CARVALHO, 2003, op. Cit., p. 115.

escoteira nas escolas primárias. Assim, desde 1917, após um acordo entre a Diretoria de Ensino paulista e a Associação Brasileira de Escoteiros, começou-se a instituir em toda rede estadual o escotismo escolar, reunindo, voluntariamente, os jovens a partir de 10 anos, em atividades dentro e fora da escola:

De acordo com o Decreto 3.355, de 27/5/1921, que regulamentou a Reforma da Instrução Pública, todos os alunos matriculados nas escolas públicas seriam considerados aspirantes a escoteiros. (...) Os professores de ginástica das escolas normais e das escolas complementares seriam os instrutores do escotismo.¹⁸³

Sua implementação tornou-se obrigatória naquele estado, como dito acima, a partir de 1921, tendo não só um caráter de educação cívica e moral, mas também possuindo objetivos de instrução militar, talvez resquício dos antigos *Batalhões Infantis*¹⁸⁴: “o escotismo foi compreendido como ‘os exercícios, tanto quanto possível militares, para melhor desenvolvimento físico dos alunos e também o conhecimento das máximas cívicas para o seu aproveitamento moral’”.¹⁸⁵

Apesar da dificuldade inicial em obter-se instrutores capacitados, o escotismo fora um sucesso, tendo despertado a admiração de diversos profissionais da educação: “O entusiasmo pelo escotismo foi grande no início da década de 1920. A ele se referiam os educadores como ‘magnífica escola de moral e civismo’. Os profissionais da educação buscaram dar-lhe toda a ênfase possível e adaptá-lo aos hábitos e costumes paulistas”.¹⁸⁶ A imprensa pedagógica fora-lhe um grande impulsionador, tendo recebido grande destaque nos *Anuários de Ensino* dos anos 20, e também a ponto de o escotismo ganhar uma seção específica no periódico *Revista Escolar*, “incluindo artigos enfatizando a relevância do mesmo, sua relação com a educação moral e a educação cívica e instruções sobre os princípios do Manual dos Escoteiros, sobre como proceder perante a Bandeira e o Hino nacionais, marchas em colunas, exemplos de aula sobre polidez, entre outras orientações”¹⁸⁷.

¹⁸³ ROSA, op.cit, p. 112.

¹⁸⁴ Os *batalhões infantis* foram regulamentados em 1904 no estado de São Paulo, e eram grupos formados nas escolas, que recebiam treinamento pré-militar, com direito a uniforme, fuzis de madeira, estandarte próprio do batalhão, e, “à semelhança das organizações militares, os batalhões infantis, reunindo pequenos soldados, simbolizavam uma das finalidades primordiais da escola pública: a celebração cívica”. Ibidem, p. 108. Extinguiram-se no período da Primeira Grande Guerra, mantendo somente os exercícios de ginástica. (Vide ROSA, nov 2000.).

¹⁸⁵ COLEÇÃO de Leis e Decretos do Estado de São Paulo, 1890-1950. Decreto 3.531, de 22/11/1922. *apud* Ibidem, p. 113.

¹⁸⁶ Ibidem, loc.cit.

¹⁸⁷ Ibidem, p. 115.

Seu auge chegou por decorrência das comemorações do Centenário da Independência, em 1922, tendo os escoteiros participado de uma concentração cívica de 12 mil crianças junto ao monumento do Ipiranga, porém, depois de exercícios preparatórios que envolveram 100 mil escoteiros em todo o estado, o que nos dá uma noção da massa envolvida nesse processo educativo.¹⁸⁸ O ocaso deste artifício escolar em São Paulo deu-se em 1925, com a aprovação da nova reforma do ensino, que omitiu esta modalidade educacional, porém, ela continuou a ser praticada “nas escolas públicas paulistas até meados do século XX, [mas,] sem o caráter de obrigatoriedade e a euforia que marcaram os anos 20”.¹⁸⁹

Os esforços dos intelectuais pelo Brasil acima mencionados, e o caso do escotismo em São Paulo, ilustram a importância que a formação juvenil teve no período que antecedeu a fundação da Ação Integralista Brasileira, e demonstram a existência de um ambiente que predisponha ações educativas como as dos integralistas. Visto isso, é importante destacar o debate pedagógico específico dos anos 30, que, de uma forma ou outra, dialogou com as propostas educacionais dos Camisas Verdes, influenciando-os na elaboração de suas práticas pedagógicas.

2.1.2 – Em busca da hegemonia: liberais e católicos

No início da década de 1930, duas correntes de pensamento educacional se destacavam como importantes forças no jogo político da época, o que se explicitou nos trabalhos da Assembléia Constituinte de 1933: liberais-escolanovistas, representados pela Associação Brasileira de Educação (ABE), e católicos, representados pela Liga Eleitoral Católica (LEC). Ambas já possuíam um debate interno anterior, e foram também as únicas a se organizarem e se pronunciarem em relação à comissão parlamentar responsável pelo capítulo sobre educação da futura Constituição. Quanto aos liberais-escolanovistas, essa dianteira deu-lhes “uma grande vantagem técnica sobre outros grupos com interesses próprios, porém mais gerais”¹⁹⁰, enquanto aos católicos, sua prioridade em relação à educação

¹⁸⁸ Ibidem, p. 115-116.

¹⁸⁹ Ibidem, p. 117.

¹⁹⁰ Dentre esses outros grupos, estavam os industriais e a bancada operária, os primeiros somente apoiando os liberais, sem qualquer maior suporte teórico, e os últimos, “não se mantiveram coesos durante todos os trabalhos da Constituinte”, votando em conjunto com as classes dominantes em alguns casos. GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991, p. 92.

era “fazer passar emendas que garantissem, de alguma forma, o ensino religioso nas escolas”.¹⁹¹

Por fim, a Carta Magna assentou avanços em relação à proposta governamental, como a gratuidade e a obrigatoriedade do ensino fundamental, e a destinação de no mínimo 10% do orçamento da União, estados e municípios para a educação, porém também abriu brechas comprometedoras, como a possibilidade de o Estado vir a complementar financeiramente as instituições de ensino particulares, e a isenção de impostos para aquelas de cunho filantrópico.¹⁹²

2.1.2.1 – Educar para a vida: Propostas da Escola Nova

O demônio do antropocentrismo que incomodava a Igreja desde fins da Idade Média dava sinais de triunfo, mais notadamente depois da Revolução Francesa. A heresia luterana, assim como as evidências empíricas pelas experimentações científicas de Copérnico e Galileu – somente para citar dois exemplos -, abriram as portas da razão, da reflexão, e do questionamento das verdades imutáveis que até então reinavam, pois todo o pensamento ocidental durante o medievo prestava reverência à autoridade dos santos-filósofos e suas interpretações de autores da Antiguidade.

Da mesma forma que em diversas disciplinas, com a educação não foi diferente. Os modelos medievais, baseados na autoridade do professor e dos grandes mestres, são questionados devida à contínua trajetória de independência das ciências em relação à teologia. Na medida desse afastamento, compreendia-se a educação como um processo cada vez mais experimental, culminando, no século XIX, com as primeiras experiências pedagógicas com métodos que uniam o ensino à ferramentas científicas, como as recém-nascidas psicologia, biologia, e fisiologia. O grande dilema era que o tipo de aluno saído da escola tradicional - esta de característica rígida, autoritária, disciplinadora - não condizia com a realidade de uma sociedade que experimentava o dinamismo das relações capitalistas de produção. Os séculos XIX e XX exigiam que a escola fosse cada vez mais útil para que lhe provesse os profissionais necessários ao funcionamento do sistema.

¹⁹¹ Ibidem, p. 90.

¹⁹² Ibidem, p. 97.

Assim, um grupo de educadores europeus e estadunidenses, ligados a essa nova percepção pedagógica, na transição para o século XX, concebiam um mundo em crise: o homem não teria evoluído com a mesma rapidez da máquina, que o tinha imposto novos paradigmas e novos problemas. Assim, ele estaria em descompasso entre a realidade que se impunha e a sua formação social, suas instituições. Os novos impasses eram solucionados com preconceitos e conceitos arcaicos, vindos de uma sociedade que deixava de existir. Por mais que o método científico trouxesse uma nova consciência de si para o ser humano, ele não estava adaptado às constantes mudanças inerentes ao capitalismo: “Vivendo o presente, est[ava] ainda preso a uma mentalidade ultrapassada”, pois ainda havia pessoas que “resist[iam] apoiando-se numa tradição cuja concepção de vida é inadequada ao mundo novo”¹⁹³.

Por aqui não era muito diferente, guardadas as proporções. A realidade do Brasil no período que imediatamente sucedeu a Primeira Guerra era diferente da velha ordem rural do século antecedente. O conflito europeu tinha brindado o país com um pequeno surto industrial, devido à substituição das importações, o que deu uma perspectiva diferente de desenvolvimento para o país, mas também trouxe consigo, mais agudamente, o que se chamava de *questão social*. Na medida em que as relações de produção capitalistas se entranhavam no país, algumas pessoas começavam a perceber o descompasso entre as instituições nacionais e os novos tempos. Um exemplo dessa diferença eram as escolas, que continuavam a reproduzir modelos educacionais arcaicos, baseados no ensino bacharelesco, e que não condiziam com as novas necessidades do nascente mercado moderno de trabalho, contribuindo, somente, para perpetuar as antigas relações oligárquicas.

Segundo Jorge Nagle, o país viveu uma retomada do liberalismo na década de 20¹⁹⁴, e esse surto assemelhava-se àquele visto na proclamação da República. Isso se refletiu fortemente no setor educacional, e resultou na ascensão de novos atores na história da educação do Brasil. O pensamento liberal na área educacional já era manifesto, por exemplo, desde Rui Barbosa¹⁹⁵, mas foi com os chamados Pioneiros da Escola Nova que ele se tornou presente, com toda uma metodologia e uma filosofia pedagógica próprias, inspirada nos

¹⁹³ CURY, 1986, p. 67.

¹⁹⁴ “Renascem, assim, principalmente a partir de meados da década de 1920, as pregações das idéias liberais, bem como reaparece a tentativa para a sua institucionalização”. NAGLE, op.cit., p. 312.

¹⁹⁵ “Não foi casual, agora no caso brasileiro, o fato de que a mais ampla crítica à “escola tradicional” e as primeiras manifestações que denunciam a presença do novo ideário educacional partissem de um liberal, o Conselheiro Rui Barbosa”. Ibidem, p. 311.

mestres estadunidenses e europeus, anunciada no *Manifesto dos Pioneiros*, de 1932, e aplicada, em menor ou maior grau, desde a segunda década do século XX.

Claro, é a partir de um conjunto básico de princípios em comum que pode-se falar de escolanovismo no Brasil, já que nomes que iam desde a esquerda (como Roldão de Barros) à direita (como Francisco Campos) defenderam a nova pedagogia, e, até mesmo, empreenderam reformas em seus estados - como no caso de Campos em Minas Gerais. Neste caso podemos perceber um enlace não necessário entre liberalismo e método ativo, embora aquele tenha sido o suporte ideológico para o desabrochar deste. Exemplo disso é o pensador ligado à Ação Católica, Everardo Backheuser – e que foi, como veremos adiante, requisitado por Plínio Salgado para exemplificar, mesmo postumamente, a concepção integralista de educação -, que desenvolveu reflexões acerca do *aprender a aprender* à luz de finalidades morais. Apesar disso, quando digo *escolanovista* ou *Pioneiro*, me refiro, de forma geral, aos signatários do supracitado *Manifesto dos Pioneiros*¹⁹⁶, documento este que firma um ideal comum – de tendências claramente liberais –, e marca posição nas preparações para a Constituinte de 1933, na esperança de conseguir dar rumos à Revolução de 30, competindo com outros projetos de *construção do Brasil*, pretendendo “fixar uma autêntica e sistematizada concepção pedagógica, indo da filosofia da educação até formulações pedagógico-didáticas, passando pela política educacional”¹⁹⁷.

Para a superação da crise, os escolanovistas receitavam a aplicação daquilo que eles chamavam de *humanismo científico-tecnológico*. Constituía-se de um conjunto de pressupostos os quais permitiriam adaptar o homem ao estado de coisas que ele mesmo criara, e que, porém, ainda não dominara conscientemente. Assim, a nova sociedade requisitava um homem que, à luz da ciência, se desprendesse de crenças e dogmas, e almejasse trabalhar para seu próprio bem e o da humanidade. Ele “se sente fazendo o progresso. Ele constrói e reconstrói, no seu poder, sua civilização”¹⁹⁸. Esse homem só o é em relação à sociedade: ele está preso ao seu contexto local.¹⁹⁹ Assim, imbuído da ciência, que otimiza e acelera seu progresso, ele evolui e, por interação, a sociedade também evolui, e vice-versa. Essas idéias

¹⁹⁶ “Signatários do ‘Manifesto’: Fernando de Azevedo (redator), Afrânio Peixoto, Sampaio Dória, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Roquette Pinto, Frota Pessoa, Júlio de Mesquita Filho, Raul Briquet, Mário Casassanta, Delgado de Carvalho, Almeida Junior, J.P. Fontenelli, Roldão Lopes de Barros, Noemey da Silveira, Hermes Lima, Attilio Vivacqua, Francisco Venâncio Filho, Paulo Maranhão, Cecília Meireles, Edgard Sussekind de Mendonça, Armanda Álvaro Alberto, Garcia Resende, Nóbrega da Cunha, Paschoal Lemme, Raul Gomes”. GHIRALDELLI, op.cit., p. 52 (rodapé).

¹⁹⁷ Ibidem, p. 52.

¹⁹⁸ CURY, op.cit., p. 73.

¹⁹⁹ “O homem existe em sociedade e só por ela se faz homem”. Ibidem, p. 74.

científicas traziam consigo uma nova ordem econômica - a industrialização, que potencializaria as capacidades humanas e reduziria a quantidade de trabalho - e social - a democracia, que, com o surgimento e a expansão da classe média, ofereceria um ideal de igualdade e cooperação, abrandando os conflitos de classe:

Socialmente, a industrialização se faz acompanhar da democracia social. Só nesse tipo de sociedade é que se desenvolve entre os homens os ideais de solidariedade e cooperação através do trabalho e que tende, pela criação de uma classe média cada vez mais larga, a nivelar as classes e a reduzir os seus conflitos.²⁰⁰

Dessa forma, o homem era entendido como um ser social, e suas faculdades como tendo origem na interação do ser com a sociedade. Isso se estende à moral também, que, para eles, dependia do contexto histórico, variando de acordo com a evolução – para cada época, uma moral diferente -, sendo esse um dos pontos de discórdia com os seus rivais católicos. Essas faculdades, sendo resultado dessa interação, também eram evolutivas, já que a sociedade e o homem também o eram. O homem é um ser complexo, formado por várias partes, inclusive uma parte da mente *escondida* da consciência – o subconsciente. Assim, ele é

por natureza um ser animal e biológico, cujas funções físico-biológicas estabelecem uma série de necessidades a serem satisfeitas de acordo com a sua evolução. Tais necessidades também são psicológicas e advém da própria natureza do ser humano.²⁰¹

A educação se insere nesse processo contínuo de adaptação para a satisfação dessas necessidades. O indivíduo deve *aprender* a sociedade, já que seu raciocínio, suas idéias, vêm dela, e não do sobrenatural. A educação, como reflexo do meio, evoluiria com ele, fazendo com que o homem também evoluísse, pois é nas escolas que a sociedade se reproduz. Essa concepção entende o homem a partir de si mesmo, das suas relações reais, no mundo real. Essa idéia exclui a possibilidade da interpretação revelada (teológica), tanto porque a ciência, agora, conseguia dar explicações racionais aos fatos; dessa forma, o pensamento antigo, da antiga sociedade, deveria ser superado por uma nova moral, científica, baseada não na autoridade, ou num deus, mas sim na experimentação e na consideração da evolução humana e social como um fato. Empurrado para o nível pessoal o culto religioso, o homem se vê livre para buscar em si mesmo a finalidade das coisas, e descobre que “a atividade humana deve

²⁰⁰ Ibidem, p. 75.

²⁰¹ Ibidem, p. 77.

causar prazer por ela mesma”²⁰², já que é ali que se encontram seus fins. Da mesma maneira, os fins da educação estão na própria vida em si, e não na *salvação eterna*, como propunham os intelectuais católicos.

Dessa forma, a educação deve integrar as novas gerações à sociedade moderna, caracterizada pelo dinamismo, tornando-as adaptáveis às mudanças. Deve ter como base uma filosofia ligada ao mundo concreto; é aí que entram as ciências da educação, que se valem de diversas disciplinas que, articuladas, buscam compreender quem são homem e sociedade, para uma eficaz intervenção. Objetivando realizar os ideais de aperfeiçoamento e adaptação do aluno à sociedade, mediante o conhecimento e o estímulo consciente das suas faculdades biológicas e psicológicas, recorre à experimentação, ao conhecimento alicerçado no real.

A despeito do ensino tradicional, que preparava o aluno, a partir da memorização de fórmulas e dados sem qualquer experimentação, para uma ordem estática que deixava de existir no Brasil, o movimento da Nova Escola almejava ensinar o estudante a aprender, a se adaptar, a viver, pois é a própria vida que seria praticada nos estabelecimentos, uma comunidade em miniatura, submetida à estímulos relativos ao estágio biológico do aluno. Segundo Carlos Cury, a educação, para os Pioneiros, era a aplicação de princípios científicos a fim de dirigir o desenvolvimento natural da pessoa, levando em consideração o indivíduo sob uma perspectiva integral e integrada, ligada à sua origem, ou seja, o ensino sempre remete ao social.²⁰³ O caráter biológico do aluno, então, obrigando a escola a centrar-se nas suas fases de desenvolvimento, torna-o foco da instituição. E a instituição, para servir aos objetivos da sociedade, deve recriá-la em suas dependências, criando um clima propício para esse constante aprendizado, e para despertar aptidões segundo os seus interesses – e aí está o diferencial da Escola Nova, quando propõe o despertar da curiosidade natural no aluno, tornando prazeroso o aprendizado.

É vendo esse processo como partindo do indivíduo, sob uma perspectiva biológica, que os reformadores do ensino no Brasil contrapunham este método *natural* a qualquer intromissão classista, relativa a uma visão ideológica do indivíduo – ou seja, se apresentavam neutros, o que, por si só, é uma operação ideológica, ao se colocarem como acima de qualquer interesse. Dessa forma, os educadores, por essa perspectiva liberal, viam a escola, baseada nessas *leis naturais*, como niveladora da sociedade, onde o indivíduo biológico se desenvolveria, à parte de interferências exteriores à essa condição, sejam elas classistas ou religiosas.

²⁰² Ibidem, p. 79.

²⁰³ Ibidem, p. 85.

Ao mesmo tempo dessas afirmações ditas *para além das classes*, a Escola Nova se punha como a escola do trabalho, e “estando a sociedade moderna apoiada na organização do trabalho, a escola deve estimular a atividade criadora, pesquisadora e investigadora do aluno”²⁰⁴. Ela existe em sua função, de preparar a futura mão-de-obra, de acordo com as realidades das comunidades, fixando o homem no seu lugar de origem, seja o campo, o litoral ou a cidade. Assim, ela também se desdobra na *escola-comunidade*, conciliando indivíduo e sociedade, estimulando a convivência, a cooperação e o labor em grupo. Essa sua função integradora, entre a realidade biológica da criança e as necessidades da vida e da sociedade, é a escola com função de socialização, já que ela emana da comunidade em sua própria função, contribuindo para a formação integral do aluno: “Pela escola-comunidade, o aluno vai vivendo e aprendendo a agir e pensar em função do interesse coletivo”²⁰⁵.

Baseada nessas premissas, a Escola Nova se arvorava como a escola da democracia. A escola seria comum e única para todos os brasileiros, porém, cada instituição seria adaptada à realidade da comunidade, preparando os indivíduos para a vida naquele grupo, mas munidos de uma cultura universal de respeito, tolerância e cooperação entre os do local, do país e da humanidade. Ela não pretendia discriminar qualquer setor da população – pelo contrário: desejava unir, formando cidadãos que respeitassem as diferenças. Mas, ainda assim, a concepção dos reformadores da educação era elitista, dado que a “estabilidade social e o equilíbrio das instituições só se mantêm quando existe a formação de classes dirigentes e a educação das massas populares. Essas, educadas, engrossam a camada ponderante (sic) que é a classe média”²⁰⁶.

Todas as características desenvolvidas acima expressavam o consenso de um grupo de intelectuais imbuídos daquele entusiasmo pela educação e de um otimismo pedagógico - nas palavras de Jorge Nagle -, que marcou as décadas de 20 e 30. Vários dos signatários do *Manifesto dos Pioneiros* tentaram aplicar na prática esses princípios, com as famosas reformas estaduais dos anos 20. Porém, embora tenha surtido algum efeito prático, como, por exemplo, na mudança de função de certas disciplinas práticas, e na difusão do próprio ideário escolanovista, as bases da educação que se pretendia reformar continuavam as mesmas, com as disciplinas ministradas de forma linear, sem muitos indícios do livro didático – ou seja, o professor ainda era o centro da instrução, dentre outras.²⁰⁷

²⁰⁴ Ibidem, p. 96.

²⁰⁵ Ibidem, p. 97.

²⁰⁶ Ibidem, p. 94.

²⁰⁷ Cf. NAGLE, op.cit., p. 322-331

2.1.2.2 – Educar para a salvação: Propostas católicas

A Igreja Católica no Brasil do início do século vivia um momento de reestruturação e tentava reaver corações e mentes para o caminho da salvação. O processo de laicização do Estado, iniciado em 1890²⁰⁸, liberou, na verdade, a direção da instituição eclesiástica, antes presa ao governo, e permitiu a reaproximação da Igreja brasileira com Roma.

Os bispos se encarregaram desse reencontro, e as orientações do catolicismo ultramontano, adotadas pela Santa Sé, também o foram no país. O clero, independente do controle governamental, passou a trabalhar na *recatolização* do Brasil: “A meta consistia em trazer a nação de volta ao catolicismo, atingir o governo e as instituições, reafirmar sua presença nas manifestações públicas”.²⁰⁹

O processo de reorganização católica implicava, dentre outras ações, na criação de entidades laicas de suporte à expansão da Igreja. Ela tratou, então, de formar uma intelectualidade fiel aos princípios do Vaticano, e que fosse a ponta de lança nessa cruzada pela alma do brasileiro. Sob a benção de D. Sebastião Leme, primeiro cardeal da América Latina, e principal figura do clero na *retomada* do Brasil para Cristo, formou-se a revista *A Ordem*, em 1921, dirigida por Jackson de Figueiredo, intelectual católico reacionário. Nela contribuíram diversos pensadores, mas Jackson dava o tom ideológico, sendo o principal articulista. Ele era a figura central do laicato, e sua doutrina refletia, obviamente, a posição da Igreja, porém, defendia-a sem o comedimento das cartas pastorais dos bispos, tornando-se um converso agressivo, preso aos dogmas, e um eficiente doutrinador. Na sua luta pela autoridade e pela ordem, afirmava que “não é mesmo a contra-revolução que se tem a fazer, mas o CONTRÁRIO DA REVOLUÇÃO”²¹⁰, já que ela subverteria a ordem e a autoridade, “pois é hierárquica a natureza humana. O desprezo deste princípio provoca a desordem social”.²¹¹

Em 1922 é fundado, em torno da revista, o *Centro Dom Vital*, uma organização do laicato com o objetivo de reunir a intelectualidade sob as diretrizes da Igreja. Foi presidida, num primeiro momento, pelo seu fundador, Jackson de Figueiredo, e, depois de sua morte, em 1928, por Alceu Amoroso Lima. O centro foi responsável pelo debate político e intelectual dos interesses da religião de Roma, e “foi organizado com a finalidade de catolicizar as leis,

²⁰⁸ O fim do regime de Padroado, decretado pelo então ministro Rui Barbosa, data de janeiro de 1890.

²⁰⁹ DIAS, 1996, p. 26.

²¹⁰ FIGUEIREDO, Jackson. *Correspondência*. RJ: ABC, 1983 *apud* DIAS, 1996, p. 73.

²¹¹ *Ibidem*, loc.cit.

lutar pela paz, responder aos apelos formulados por D. Leme em sua Carta Pastoral de 1916, enfim, para contribuir com o episcopado na obra de recatolicização da intelectualidade”.²¹² Partindo do *Centro*, o laicato organizou-se também na frente de combate pedagógica, elaborando uma discussão específica sobre o tema, chegando até a tentar influenciar, por meio da Liga Eleitoral Católica, os rumos da Constituição de 1934.

Os católicos, por sua vez, possuíam determinadas diretrizes para a educação, e não especificamente, no caso brasileiro daquela época, um método pedagógico específico. Segundo eles, o desregramento da ordem divina, incentivado pelo liberalismo econômico e todos os seus desdobramentos sociais, só poderia resultar em anarquia, na desordem moral, no *sensualismo*, na luta de todos contra todos - enfim, no *mal* dos séculos XIX / XX: a luta de classes. Porém, no noventa, no seu período pós-I Guerra, os católicos vêem nascer os regimes e movimentos como o fascismo italiano. Neles, a Igreja reconhecia, em parte, um ideal de governo, onde a autoridade central rege a harmonia entre as classes, e o corporativismo imprime um sentido moral à economia. Mas ainda assim o fascismo era visto como mais um monismo, o qual o Estado estava absorvendo todas as funções, desde a econômica até a social, absorvendo também o indivíduo.

Ainda assim a Igreja apoiou os movimentos e ações contra o liberalismo laico e desumano, pois esse culminaria em algo *pior* que qualquer outro tipo de governo: o comunismo, que faria do indivíduo, como diria Plínio Salgado, um ser de sexo e estômago, sem qualquer orientação moral, regime que confessaria “seu materialismo e naturalismo, [e] deles se glorifica[ria] como sendo conquistas do socialismo científico”.²¹³ “Dentro deste mundo em crise, onde tudo se desmorona, desde a Economia até a Moral, a Igreja se tem como única força organizada e estável existente sobre a terra, capaz de reimpor (sic), pela sua disciplina, a ordem sobre a crise generalizada”.²¹⁴

No Brasil não foi diferente, e a República *afastou* o estado de Deus, tornando-o insensível às finalidades sobrenaturais. A ênfase da crítica se dá no sistema educacional, que, laico, afastou toda uma geração da preocupação moral, e formou uma elite desligada das coisas divinas: “Foi a concepção laica no ensino público que, sem chegar ao monopólio

²¹² Ibidem, p. 90. D. Leme defendia os princípios adotados pelo Vaticano, como a luta pelo rebanho afastado, criticando a distância do povo brasileiro do catolicismo oficial, devido ao seu relaxamento para com as obrigações religiosas e sociais, destacando-se como um grande impulsionador da mentalidade ultramontana no Brasil. Daí desdobram-se as medidas sugeridas pelo bispo, como a articulação com uma elite ligada à Igreja para que ela intervenha junto aos formuladores de idéias, e a doutrinação do operariado e outros setores das classes desfavorecidas. (Ibidem, p. 52-54).

²¹³ CURY, op.cit., p. 37.

²¹⁴ Ibidem, loc.cit.

pedagógico, gerou uma moral e um civismo artificiais”²¹⁵, no que resultou nos levantes tenentistas e nas *revoluções* de 1930 e de 1932. As soluções para a crise moral eram basicamente duas, segundo a Igreja: a via materialista, que terminaria com o caos levando o homem à ruína – são expoentes dessa via o liberalismo e a sua *conseqüência*, o comunismo; e a via cristã, a qual restauraria a ordem divina baseada na autoridade da Igreja.²¹⁶

A solução católica dizia respeito à “restauração de tudo em Cristo, já que a origem de todos os males foi o esquecimento de Deus”²¹⁷. Tornava-se necessário a reestruturação do homem de forma integral, ou seja, a partir não somente do seu coeficiente material, econômico, mas também espiritual, moral, e só a Igreja tinha a *verdadeira doutrina* para reaver o homem burguês para Cristo. “A Igreja, atuando indiretamente na sociedade terrena, produzirá cidadãos cumpridores de seus deveres, honestos, justos, onde as classes sociais se regravarão pela caridade e compreensão, harmonizando-se entre si”.²¹⁸ O que se desejava realizar, enfim, era a *Civitate Dei* – a Cidade de Deus; essa meta estava colocada para a Igreja no início do século XX.

A educação pensada pelos católicos era teleológica, totalmente voltada para a busca do Fim Último de todas as coisas. Estava ligada, antes, à uma visão de mundo, que a um método específico, e, para a sua efetuação, a formação do indivíduo teria que levar em consideração todos os aspectos do ser humano: moral, material e espiritual. Propunha-se, então, um ensino integral, porém, hierárquico, onde seriam estimuladas as capacidades do corpo e as faculdades racionais, ambas subordinadas aos ditames morais, regidos pela única detentora da verdade: a Igreja Católica.

Somente ela proveria o conjunto de regras e o conhecimento necessário para nortear as outras duas sensibilidades humanas para o caminho da salvação, já que ninguém menos que o próprio Salvador incumbira seus discípulos do santo magistério: “Toda autoridade foi dada a mim no céu e sobre a terra. Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que ordenei a vocês”²¹⁹. Baseada nessa autoridade, que *é superior* a qualquer

²¹⁵ Ibidem, p. 38.

²¹⁶ Ibidem, p. 40.

²¹⁷ Ibidem, loc.cit.

²¹⁸ Ibidem, p. 45.

²¹⁹ Mt 28, 18-20.

outra autoridade terrena²²⁰, é que a Santa Sé se investiu no papel de regulamentar o ensino moderno, pois

é direito inalienável da Igreja, e simultaneamente seu dever indispensável vigiar por toda a educação de seus filhos, os fiéis, em qualquer instituição (...), não só no atinente ao ensino aí ministrado, mas em qualquer outra disciplina ou disposição, enquanto estão relacionadas com a religião e a moral²²¹

Esses aspectos da educação (corpo e mente) estão entrelaçados harmonicamente, e, assim como a religião seria um freio para os *devaneios* da razão, lembrando-a da sua finalidade, também “não há educação física separada da educação moral. E os sentidos ganham um controle através de bons hábitos físicos”²²² – ou seja, sempre o primado do divino sobre o terreno. A mesma hierarquia que rege os fins da educação, rege também as partes responsáveis pela instrução do ser: a Igreja, a família, e o Estado – representado, aqui, pela escola.

Vimos, então, que as correntes de pensamento acima – liberais e católicos – eram as duas representantes efetivas do pensamento educacional dos anos 20 e 30. Elas eram as correntes majoritárias, e disputaram um lugar ao sol na Constituição de 1934, expondo algo que não era somente uma perspectiva pedagógica, mas projetos de sociedade específicos. Concomitantemente, os intelectuais da AIB estavam interados dessas tendências, discutindo-os sob a égide da ideologia integralista, enquanto os técnicos do movimento se esforçavam em aplicar os princípios da nova pedagogia nos grupos de escoteiros camisa-verdes, ensinando-os o ideário do Sigma de uma forma mais condizente com a personalidade e a dinâmica da vida da criança.

²²⁰ “...tudo ela pertence de modo sobreeminente à Igreja, por dois títulos de ordem sobrenatural que lhe foram exclusivamente conferidos, pelo próprio Deus, e por isso absolutamente superiores a qualquer outro título de ordem natural”. PIO XI, --.

²²¹ Ibidem. Espalhar a palavra de Deus pelo mundo é uma das bases do catolicismo – assim o foi com os bárbaros no fim do Império Romano, assim o foi com os “gentios” no Novo Mundo; porém, a conjuntura da época produziu essa reflexão específica para a situação em que se encontravam Igreja e sociedade.

²²² CURY, op.cit., p. 56.

2.2 – EDUCAR PARA A NOVA HUMANIDADE: INTEGRALISMO E EDUCAÇÃO

Os estudos sobre a estrutura educacional da Ação Integralista voltada à juventude, realizados no capítulo adiante, remetem a um interesse crescente na formação infanto-juvenil e uma preocupação cada vez mais técnica, desde o Congresso de Vitória, em janeiro de 1934. Aos poucos, grupos de escoteiros do Sigma foram criados, e toda uma prática em lidar com essa juventude foi adaptada do contexto intelectual que circundava os educadores-militantes, e também desenvolvida no cotidiano dos núcleos municipais e distritais.

Alguns artigos dos periódicos camisa-verdes apontam para essa hipótese, de se pretender adaptar métodos consagrados, antes de tentar algo novo, porém, sem garantia de eficácia. O tenente Hollanda Loyola, Chefe do Estado Maior da Província do Distrito Federal, afirma que, pelo menos no que tangia à educação física, “não nos cingiremos a um método (...); estudaremos todos os métodos para uma adaptação criteriosa que nos permitirá a organização de um sistema eclético em função de nosso clima, de nossa raça e de nossas necessidades político-sociais”.²²³ De forma parecida, o Chefe do Departamento de Juventude da então Secretaria Nacional de Organização Política comenta o uso do método do livro *Guia do Escoteiro*, do comandante Benjamin Sodré - este que trouxe o escotismo para o Brasil, e escreveu seu primeiro guia -: “Vulgarizar as boas idéias e os bons ensinamentos alheios é obra muito mais importante do que, por injustificada vaidade, querer produzir e vulgarizar trabalho inferior, sobre o mesmo assunto”.²²⁴ Assim, esses dois fragmentos indicam a busca de uma eficácia dentro do Integralismo e - até onde se pode enxergar - independente da sua origem, pois o escotismo, por exemplo, é tido como fruto do imperialismo britânico, porém, se bem adaptado, poderia até *abrasileirar* rapazes antes muito *desnacionalizados*²²⁵, segundo um texto do jornal *Anauê*.

Dessa maneira, nos discursos de pensadores integralistas, podemos encontrar uma miríade de idéias que apontam para várias influências, mas, que convergem em determinadas diretrizes. Esses textos surgem nas páginas camisa-verdes de forma fragmentária e intermitente, sem seguir uma espécie de esforço contínuo de se *pensar* a educação do movimento – isto se compararmos a quantidade de edições e a duração desses periódicos

²²³ ANAUÊ (J), nº 38, p. 1.

²²⁴ ANAUÊ (R), nº 1, p. 65.

²²⁵ “E a eficácia desse mesmo programa notamo-lo claramente dentro de nosso Movimento, onde rapazes antes muito desnacionalizados tornaram-se brasileiros entusiastas que amam sinceramente esta terra gigante”. ANAUÊ (J), nº 71, p. 2.

(sejam jornais ou revistas) e as menções à educação encontradas. Em raros casos esses textos fazem parte de uma série, mas não se prolongam por muitas edições.

Assim, dentre uma gama imensa de pontos levantados, os temas da finalidade da educação, das novas compreensões da infância e do uso de novos métodos pedagógicos, e da crítica ao liberalismo e seu descaso pela educação, aparecem em quase todos, e serão o foco da análise. Afirmava-se ser necessário educar e instruir a juventude não de forma cega, como se dizia da pedagogia da democracia liberal, mas com um fim específico, fosse para a formação do ser humano dentro dos cânones integralistas para assumir um papel ativo numa *pretensa* nova sociedade, fosse com finalidades moralistas, ou mesmo de corrigir aquilo que se chamava de *anomalias*. Ao mesmo tempo, os autores demonstram, em diferentes graus, uma compreensão da criança levando em conta as particularidades das suas diferentes fases de desenvolvimento, elaborando fórmulas para educar eficazmente aproveitando dessas energias infantis. E, por fim, criticava-se o liberalismo pela sua falta de finalidades na educação, o qual só fazia aprofundar os desníveis sociais, tanto pelas tentativas pontuais de nivelamento e harmonia social pela escola, quanto no âmbito sócio-econômico geral, apontando-se suas falhas como projeto de sociedade.

Vê-se isso expresso de diversas formas, como na visão higienista de Belisário Penna, onde a propriedade da casa, a manutenção da família e o culto ao trabalho eram as vias principais para a correção do homem e sua preparação para o Estado integral: “Do que depende a fortaleza e vitalidade da Família? Do lar próprio e higiênico e da ação e vigilância permanente da mulher”.²²⁶

Penna critica a sociedade liberal, culpando o “industrialismo, ao funcionalismo excessivo, ao êxodo das populações rurais para as cidades, ao gosto pelo luxo, as múltiplas instituições de caráter mais comercial do que social”²²⁷ pela desestruturação da família, esta cuja função principal seria a educação da infância, responsável esta que, “por si só, faz do lar um dos fundamentos da sociedade”.²²⁸ Para ele, somente

Num Estado constituído sobre o fortalecimento da família, pela propriedade do lar salubre; sobre a educação intelectual, moral e profissional; sobre o estímulo e o amparo ao trabalho, sob todas as suas modalidades, num Estado assim organizado, não se propagam as doenças, não se proliferam vícios e maus exemplos, não frutificam maus hábitos.

²²⁶ PENNA, 196-, p. 46.

²²⁷ Ibidem, p. 44.

²²⁸ Ibidem, p. 47.

Nele reinarão a paz, a saúde, a prosperidade e a alegria, em virtude das condições de vitalidade das células do organismo social.²²⁹

Mas, para esse *progresso social*, o higienista afirmava ser indispensável o “saneamento da família pela educação, pela assistência e pela propriedade do lar e da terra, de onde possa cada uma, pelo trabalho inteligente, fecundo e moralizador, suprir-se de alimentação variada e sadia”, para que se tornasse possível “garantir a saúde, elemento primordial do trabalho, por sua vez o fator da produção e do caráter”²³⁰, pois a habitação alugada ou arrendada despertaria o relaxamento quanto à manutenção, limpeza e melhorias, “tudo isso em prejuízo da educação, da disciplina da saúde e coesão da família, cujos membros se dispersam, as crianças para a rua ou para o campo, os homens para os botequins, bodegas e espeluncas”.²³¹

Assim, a educação teria um papel fundamental nessa coesão da família, base da sociedade segundo o Dr. Belisário, e caberia somente “às escolas integralistas o dever dominante de entreter nos alunos o sentimento vivo da responsabilidade da família e do lar no conceito social”²³², onde as mulheres teriam importante papel na persecução da finalidade da educação do Sigma, pois elas seriam, segundo o higienista, as responsáveis pela moralização da sociedade brasileira:

Blusas verdes! Bem sei que essa é a vossa mística – Praticando-a nos ditames da moral cristã, do amor à Pátria, influireis decisivamente na moralização da política, dos costumes públicos e particulares, dos colégios, das academias, da imprensa, da literatura, das fábricas, e na volta aos seus deveres naturais, de criaturas desviadas pela infiltração de ideologias materialistas.²³³

Dessa forma, a partir de uma visão médica de intervenção na sociedade, Belisário Penna liga necessariamente a higiene, os cuidados com o corpo, com a moralidade, a transmissão de *vícios* e *anormalidades* dos pais para a criança, a partir de um lar desequilibrado, decorrência dos descuidos com sua manutenção física.

De maneira similar, encontram-se nas páginas do jornal Alvorada, da cidade de Blumenau, Santa Catarina, autores que coadunam de posições similares. Um deles possui uma ênfase *sociológica*, embebida de forte moralismo, no que se refere ao cuidado com a educação

²²⁹ Ibidem, loc.cit.

²³⁰ Ibidem, p. 48.

²³¹ Ibidem, loc.cit.

²³² Ibidem, p. 52.

²³³ Ibidem, p. 53.

doméstica dos filhos, embora também compartilhe de alguns argumentos médicos do Dr. Belisário, enquanto o outro - comprovadamente um médico – ressalta o aspecto biológico das crianças *desviantes*, daquilo que se chamava de *anormais*. Ambos, porém, concordam que a finalidade da educação fosse a de corrigir esses possíveis desvios, objetivando um adulto com caráter firme, livre de vícios e inclinado ao bem.

O primeiro autor, identificado no jornal pelas iniciais J.S., inicia sua série chamada *Um pouco de pedagogia* expondo seu conceito de criança: “No começo da sua existência, a criança é um material que se amolda a ser formado ou deformado, conforme sejam as suas atividades anímicas latentes, aproveitadas e disciplinadas, ou viciadas, por uma orientação inepta”.²³⁴ Assim, ela é “propensa às perversões dos sentidos e à aquisição de hábitos desordenados”²³⁵, pois “ninguém contesta a lei da HEREDITARIEDADE na geração, pela qual o filho é mais ou menos a cópia fiel do físico e moral dos pais”, e “nem as taras patológicas escapam a este fato”.²³⁶ Nesse afã de se orientar a formação da personalidade da criança, o lar, para além da escola, tinha uma importância fundamental, pois ele era “a mais eficiente escola da virtude”.²³⁷ Dessa forma, “os pais são os mais poderosos exemplos para os filhos, e, por sua vez, os filhos tendem irresistivelmente a reproduzir os hábitos e costumes”²³⁸ dos mesmos, fazendo-se necessário que os progenitores também se educassem.

J.S. indica o lar cristão como sendo o único recomendável para uma educação sólida: “Não se discute que a moral evangélica é a única através dos tempos em que, peso ao labor das hostes adversas, tem contribuído a contento para a edificação e consolidação da família”.²³⁹ Aos pais pedia estima mútua e respeito, que vivessem o amor jurado aos pés do altar, pois “que impressão causará a um filho observar que entre os seus genitores reina a indiferença ou o desprezo recíproco?” e, por conseqüência, “como se arrogam tais pais o direito de induzir os filhos ao amor, ao respeito, se o exemplo desmente as palavras”?²⁴⁰ Por isso que o grande mote desse autor era “educa-te primeiro para educares teu filho, porque ‘ninguém dá o que não tem’”, diferente daquilo que ele dizia ser muito corrente, que era o “faze o que eu digo, mas não faças o que eu faço”.²⁴¹

²³⁴ ALVORADA, nº 28, p. 6.

²³⁵ Idem. nº 30, p. 2.

²³⁶ Idem. nº 29, p. 5.

²³⁷ Idem. nº 30, p. 2.

²³⁸ Idem. nº 29, p. 5.

²³⁹ Idem. nº 33, p. 3.

²⁴⁰ Ibidem, loc.cit.

²⁴¹ Ibidem, loc.cit.

Ele, então, acreditava que uma educação adequada corrigiria possíveis defeitos transmitidos para a prole: “Os pais cômicos de seu dever nunca desanimam quando descobrem qualquer defeito nos filhos. Pelo contrário, corrigem pacientemente”, por mais que o rebento fosse “portador de propensões más, de qualidades reprováveis”, trazidas “consigo pela herança natural”, pois esta, a herança, seria “o *subtractum* sobre que se há de fundar a sua educação” (itálico no original).²⁴² Assim, o autor sugere que os educadores - pais ou mestres - fossem especialmente preparados para esse fim, pois a educação, no dizer de J.S., “significa um trabalho complexo e harmônico para fazer evoluir as diversas potências do composto humano”, e, para assimilarem-se as várias matérias curriculares e aprimorarem-se as diversas competências da criança, “o intelecto precisa ser educado. Ou melhor ainda, o intelecto do educando precisa de *aprender a aprender*” (itálico no original).²⁴³

Por fim, vê-se uma sensibilidade na compreensão da criança, para além de considerá-la somente um diamante a ser lapidado. O articulista compreende o despertar intelectual infantil, e afirma que o período que os pequenos encham os pais de perguntas deveria ser melhor aproveitado: “Portanto, ao invés de aborrecerem os pais, esses primeiros surtos intelectivos do filhinho devem ser antes motivo de contentamento”, pois “é um fato psicológico que muito contribui para o progresso da formação espiritual”.²⁴⁴ Também diferencia a mentira *maldosa* da imaginação fantasiosa infantil, embora recomende a sua *correção* caso comece a extrapolar determinados limites do bom senso²⁴⁵: “Prouvera Deus que os pais e mestres soubessem dar a devida importância à faculdade imaginativa das crianças, satisfazendo-lhes a sede devoradora de tudo saber”.²⁴⁶ Inclusive, ele admite que o castigo físico é prática errônea, pois “a criança que é sempre fustigada pelos pais, *a priori* pode ser classificada como neurótica ou pusilânime, porquanto o efeito imediato do açoite é descontrolar os nervos”, e a função do educador é “convencer ao educando da obrigação de *evitar o mal e fazer o bem*, movido pelos ditames da sua consciência esclarecida e compenetração do dever”²⁴⁷, ensinando-o a não temer seus pais ou professores, caso contrário o resultado seria desastroso: “As ameaças, os rigores disciplinares descomedidos, a vigilância indiscreta, tem sido até hoje escola de perversão e de hipocrisia”.²⁴⁸

²⁴² Idem. n° 29, p. 5.

²⁴³ Idem. n° 28, p. 6.

²⁴⁴ Idem. n° 35, p. 1.

²⁴⁵ Idem. n° 36, p. 1.

²⁴⁶ Ibidem, loc.cit.

²⁴⁷ Idem. n° 32, p. 2.

²⁴⁸ Ibidem, loc.cit.

Sua análise possuía rasgos de moralidade, e pode-se perceber isto nas suas considerações, quando impõe um limite a determinadas perguntas, e até justifica uma *mentirinha* para desviar-se de certos assuntos, principalmente de ordem sexual, como fica subentendido no trecho a seguir: “a CURIOSIDADE do educando quase sempre urge ser satisfeita. De propósito disse *quase sempre*, para ressaltar algumas CURIOSIDADES descabidas e sem valor para a educação. Por exemplo, quando a criança indaga de certos *porquês* e de certos *comos* da vida”.²⁴⁹

Em outro grupo de textos, o Dr. Paulo de Carvalho volta sua atenção ao tratamento médico da infância problemática. Sua ênfase não é a de um especialista em educação infantil, mas de um médico, embora opine sobre escola e ensino: “Sendo as nossas palestras semanais dedicadas a assuntos de higiene e medicina social, ajustemos a fala de hoje [sobre educação] à norma que nos impusemos à seguir”.²⁵⁰

Primeiramente, destaca-se a importância que uma pretensa hereditariedade possui no seu discurso, onde os “filhos de tarados ou anormais, alcoólatras, epiléticos, sífilíticos”²⁵¹ mereceriam tratamento especial, os quais deveriam ser preservados das histórias de lobisomens e outras que visavam a obediência pelo medo, e também mereciam ser dispensados dos castigos físicos, pois “os cuidados com tais crianças devem ser apropriados, levados com doçura, mais do que com violências, evitando tudo o que possa agravar o mal congênito”, “visto que qualquer desvio em organismos tarados pode levar a conseqüências de todo imprevistas”.²⁵² Essa era a base com a qual os pais ou a escola deveriam lidar para desviar as tendências ditas *anormais*.

As escolas, por mais *higiênicas* e *instrutivas* que tivessem se tornado, segundo o médico²⁵³, em comparação com as instituições tradicionais das décadas anteriores as de 1930, tinham que se preparar para lidar não com os *normais*, pois esses acompanhariam as lições sem maiores problemas: “na educação das crianças normais, não aparecia tanto a deficiência da escola de então [dessas décadas remotas]”²⁵⁴; elas, então, que tratassem de “se amoldar à escola” que a acolheu, independente das suas aptidões.²⁵⁵ Em contraste, “as crianças inquietas, indisciplináveis, ficavam entregues ao seu infeliz temperamento, suportadas com

²⁴⁹ Idem, nº 35, p. 1.

²⁵⁰ Idem, nº 127, p. 3.

²⁵¹ Idem, nº 115, p. 4.

²⁵² Ibidem, loc.cit.

²⁵³ Idem, nº 127, p. 3.

²⁵⁴ Ibidem, loc.cit.

²⁵⁵ Ibidem, loc.cit.

paciência, quando não desligadas definitivamente da escola”.²⁵⁶ Ele chega a identificar e descrever o problema, e prescrever *certa* solução para o caso das crianças irrequietas. Afirmava que elas são *agitadas* devido a um distúrbio da vontade: elas “não são enérgicas, deixam-se simplesmente levar por seus impulsos naturais. Falta-lhes, portanto, força de vontade”²⁵⁷, a qual, com a persistência dos professores e a correção dos pais, poder-se-ia “encaminha-las caridosamente para o bom caminho”.²⁵⁸

Por isso, o médico recomenda cuidados especiais mediante diagnóstico. Se “educar e instruir uma criança normal não é tarefa por demais difícil”²⁵⁹, o mesmo não acontecia com aquelas que, segundo a medicina da época, fugiam dos estereótipos estabelecidos pelos *homens de ciencia*: “já assim não acontece com crianças que apresentam deficiências intelectuais ou de caráter rebelde. São crianças *difícilmente disciplinadas*, e que exigem grande esforço e paciência do professor”.²⁶⁰ Como “em geral esta má inclinação já vem do berço”, ou mesmo “outras vezes são disso culpados os pais, que não sabem refrear os maus ímpetos dos filhinhos, e com tudo e por tudo que os mesmos façam, acham graças”²⁶¹, o Dr. Carvalho recomendava, primeiramente, a educação doméstica, pois a dedicação e o exemplo dos pais poderiam evitar determinados *desvios* de caráter, já talvez latentes nos filhos: “a influência preponderante se exerce na idade infantil, quando tudo é novo à criança, e todas as normas do bem viver ainda lhe são desconhecidas, [cabendo] aos pais tal mister”.²⁶²

Assim como J.S., Paulo de Carvalho é sensível aos exemplos do lar: “E ninguém desconhece o valor inestimável que sobre o caráter do futuro homem preponderam as primeiras lições da vida, aprendidas no aconchego do lar”, necessitando a mulher estar “apta para o encargo que a natureza lhe confiou, de preparar o caráter dos seus filhos”, e ao pai a correção para que ele oriente “os filhos na adolescência, na transição de se fazerem homens, seguindo-lhe as pegadas honestas ou os vícios públicos”.²⁶³ Chega até a *permitir* o uso de certa coerção física, aplicada com moderação – “Nem os escrúpulos dos abolicionistas, nem os excessos dos entusiastas”²⁶⁴ -, diferente do primeiro articulista: “A vara de marmelo e o chinelo, quando bem aplicados em ocasiões oportunas, ainda que antiquados, são ótimos

²⁵⁶ Ibidem, loc.cit.

²⁵⁷ Ibidem, loc.cit.

²⁵⁸ Ibidem, loc.cit.

²⁵⁹ Ibidem, loc.cit.

²⁶⁰ Ibidem, loc.cit.

²⁶¹ Ibidem, loc.cit.

²⁶² Idem, nº 115, p4.

²⁶³ Ibidem, loc.cit.

²⁶⁴ Ibidem, loc.cit.

educadores. (...) Em todo caso, só em última instância, gorados os demais recursos persuasórios, devemos pedir auxílio ao chinelo”.²⁶⁵

Concomitantemente, a escola trabalharia na complementação dessa educação doméstica, a partir de sua estrutura *moderna e higiênica*, que possibilitaria não somente desenvolver-se a inteligência, mas “vai-se além e acima, procurando amoldar o caráter para o serviço da honra. De par com os primeiros passos da inteligência, vai-se conformando o coração da criança”.²⁶⁶ Assim, a escola, ao *modernizar-se*, “foi aos poucos perdendo seu caráter de essencialmente instrutiva, para sobraçar merecidamente o título de educandário físico, intelectual e moral”.²⁶⁷ Porém, ela ainda engatinhava no cuidado dispensado a alunos que necessitavam de uma atenção diferente dos outros, e, sabendo disso, o Dr. Carvalho afirmava que “nos casos mais graves de indisciplina e desatenção, não é aconselhável remete-la para a escola comum, onde o professor não pode dedicar a ela só atenção especial, se existem muitos alunos”²⁶⁸, e completa: “Neste caso os cursos particulares dão melhor resultado”.²⁶⁹ Dessa forma, todos os cuidados tornavam-se necessários para obter-se um adulto *sadio*, fruto de uma série de medidas de cautela e correção: “Vigiar desde cedo estes pequenos anormais é o cuidado dos educadores”.²⁷⁰

Vê-se, a partir da leitura desses três textos – o primeiro, um discurso por ocasião do primeiro congresso feminino integralista, o segundo uma série de artigos de jornal, e, o último, dois excertos de conferências radiofônicas -, que os seus autores compartilhavam uma determinada visão intervencionista. Para eles, alcançar determinadas finalidades da educação era intervir na infância de fora para dentro, por mais que conhecessem determinados aspectos da psicologia infantil como a curiosidade e a fantasia, e por mais que compreendessem que a escola deveria se moldar ao aluno, e não o contrário, ensinando-o a aprender, e não somente a memorizar conteúdos. Porém, isso não os isentava de uma compreensão menos apurada da criança em relação à ciência pedagógica da época, diferente dos outros autores a serem analisados a seguir, que possuíam uma visão mais técnica e compreensiva das finalidades educacionais, onde a baliza é o universo infantil, e não o interventor, o mestre, o médico.

Entretanto, os três textos acima estudados demonstram afinidade com determinadas correntes de pensamento da época que viam na intervenção médica, na higiene e disciplina do

²⁶⁵ Ibidem, loc.cit.

²⁶⁶ Idem, nº 127, p. 3.

²⁶⁷ Ibidem, loc.cit.

²⁶⁸ Ibidem, loc.cit.

²⁶⁹ Ibidem, loc.cit.

²⁷⁰ Ibidem, loc.cit.

corpo e da moral, as soluções para os males do Brasil. Esse discurso estava amplamente difundido, mas, embora estivesse impresso na mídia integralista, não possuía uma chancela oficial da AIB, pelo menos em relação aos seus aspectos e métodos específicos de intervenção. Porém, como não havia uma posição única sobre educação dentro do movimento que não fosse a do âmbito geral da divulgação doutrinária, esses discursos ilustram parte da constelação de idéias presentes nos jornais e revistas da Ação Integralista.

Entretanto, diferente dessa visão *médico-social*, o educador Everardo Backheuser expõe a questão das finalidades da educação de uma forma técnica, elaborando um estudo sobre o *seu* conceito de Escola Nova. Segundo ele, devido à dinâmica do mundo industrial, a “escola assumiu tão grande papel na vida social moderna”²⁷¹, impelindo os pais a deixarem seus filhos nessas instituições para garantir o seu sustento e a formação dos pequenos. Não somente por isso, mas também a criança não deveria ser educada “longe do convívio social, longe da luta de competições, em uma palavra, longe da vida”, pois em casa ela perderia a “noção de solidariedade humana, elemento indispensável ao seu e ao progresso da humanidade”²⁷², não formando, assim, “o cidadão útil, o cidadão prestante”.²⁷³

Porém, a escola não seria um organismo contrário à família. Caberia a ela não somente instruir, mas ser o lugar onde se “coordenam e se fortalecem os pendores sociais dos indivíduos sem perder de vista a formação da personalidade”.²⁷⁴ Sua função, assim, seria a de formar o homem para que não servisse somente aos seus interesses pessoais, mas que também participasse ativamente da vida social: “Eis, em essência, as duas grandes forças que cabe à educação o papel de disciplinar e orientar”, quais sejam, “o interesse próprio e o mútuo auxílio; a luta pela vida e a cooperação”.²⁷⁵ Esses dois pontos, segundo Backheuser, diziam respeito aos cânones da Escola Nova, segundo seu ponto de vista. Disso, ele tira o que ele chama de *Princípios cardeais da Escola Nova*, os quais seriam necessários para uma educação integral do ser humano: iniciativa, cooperação e o preparo para a vida pela vida.²⁷⁶

Os termos dessa educação integral variavam entre os defensores dessa nova pedagogia, segundo o professor Everardo. Porém, todos concordavam em relação à necessidade de formar o indivíduo por completo, desde seus aspectos físicos aos morais: “Podem divergir, e divergem, sobre o que seja educação integral, mas todos lhe proclamam a

²⁷¹ BACKHEUSER, 196-, p. 17.

²⁷² Ibidem, p. 18.

²⁷³ Ibidem, p. 19.

²⁷⁴ Ibidem, loc.cit.

²⁷⁵ Ibidem, p. 20.

²⁷⁶ Ibidem, p. 22.

indeclinável necessidade”, assim como “do equilibrado desenvolvimento a dar, durante o período primário, [a] cada uma das suas partes constitutivas”.²⁷⁷

Cabe aqui um parêntesis para ressaltar a desvinculação do movimento integralista em relação à assertiva escolanovista da *educação integral*, embora haja menções a ela em alguns textos estudados. Plínio Salgado escolheu postumamente este texto do professor Backheuser, ao que consta, não somente ao fato de tratar-se da educação integral²⁷⁸, mas por ele considerar que “o escrito de Backheuser está dentro da doutrina do Integralismo”, além de “ter sido o eminente Presidente da Confederação Católica Brasileira de Educação um entusiasta fervoroso da obra cultural da ‘Ação Integralista Brasileira’”.²⁷⁹ Seus escritos relativos à união dos novos métodos educacionais às finalidades morais afins daquelas pregadas pelo líder integralista talvez tenham, se não inspirado à época, mas sensibilizado postumamente Salgado, a ponto de inserir um texto deste educador na sua compilação sobre o Integralismo feita na década de 1950. Porém, o termo *educação integral* era usado pelos mais diversos educadores como sinônimo dessa compreensão de formação total do indivíduo.

O pedagogo explicava que a iniciativa, um dos pilares da sua compreensão da nova escola, deveria ser cultivada, na medida em que ela ensinaria o aluno a *auto-descoberta*, ou seja, ao invés “de receber preguiçosamente e sem esforço ensinamentos preparados pelo mestre, cabe à criança como que procurá-los por si mesma”.²⁸⁰ Como é apontado em diversos textos no decorrer desta pesquisa, é o *aprender a aprender*, dando à criança a autonomia de buscar seu próprio conhecimento a partir dos seus interesses e os do coletivo. Daí é que surge o segundo ponto: a cooperação.

O ensino dar-se-ia em classes, a partir de trabalhos coletivos, e não em lições individuais, incentivando-se, assim, o trabalho em equipe: “Cumpra que o aluno trabalhe, tenha iniciativas, mas as tenha na base do mútuo auxílio. **Trabalho em fraternal convívio** – eis, em síntese, o fundamento pedagógico-social da escola nova”.²⁸¹ Ele aponta como exemplo as *escolas do trabalho em comunidade* da Alemanha e da Áustria, que eram “a madura frutificação da moderna orientação pedagógica”.²⁸² E, por fim, amarrando esses dois conceitos, vem a educação para a vida, que, segundo o autor, “pressupõe no seu

²⁷⁷ Ibidem, loc.cit.

²⁷⁸ Ibidem, p. 11.

²⁷⁹ Ibidem, loc.cit.

²⁸⁰ Ibidem, p. 23.

²⁸¹ Ibidem, p. 24.

²⁸² Ibidem, p. 25.

desenvolvimento um **interesse**²⁸³, ou seja, um meio específico para despertar a atenção e o interesse da criança às tarefas dadas. Citando Claparède, ele afirma que “aula que não seja dada em torno de um interesse real e efetivo é aula tradicionalista, é aula passiva, é aula morta, é aula de autômatos. O interesse despertado por uma excursão, por um projeto, por um acontecimento fortuito, há de ser explorado pelo professor em benefício da classe”.²⁸⁴

Assim, através desses três pilares, Backheuser conclui que a educação integral do indivíduo “é a finalidade mesma da escola nova”, almejando “**a formação completa do homem**, desde o cuidado com a sua constituição física até a formação do seu caráter, sem descuidar o aperfeiçoamento de sua inteligência e da capacidade efetiva de ‘ganhar a vida’”, tendo em mente o desenvolvimento pessoal e coletivo.²⁸⁵

Já o padre Leopoldo Aires, este sim integralista e autor de dois textos publicados na revista *Anauê*²⁸⁶, coloca de forma clara a finalidade da educação na AIB: “A formação pliniana colima esse fim: educar a criança absolutamente integrada na plenitude dos ideais do Sigma, para que seja um brasileiro consciente de suas energias vitais”.²⁸⁷ Assim, é necessário entender que a formação do homem – e, por conseqüência, do homem integralista - estava “subordinada não a valores relativos e transitórios, mas a um ideal absoluto”²⁸⁸, pois, para além de se educar para uma sociedade capitalista em constante mutação, que exige uma “adaptação psíquica ao tempo”²⁸⁹, devia-se inculcar nos jovens valores que condissessem com a “compreensão do Ideal”, e que fosse “temperada pelas ardências do coração”, no “sentido de construir uma Pátria consciente, também, dos seus destinos magníficos”.²⁹⁰

O religioso critica a pedagogia liberal dizendo não haver finalidade nela, tornando-se, assim, perigosa: “Em educação, pretender não ter nenhum [fim] já é ter um, e, dentre todos, esse é dos mais funestos”²⁹¹. Ambicionar substituir valores absolutos, quais sejam a moral, o patriotismo, por outros relativos e inconstantes, “é tendencioso e gerador de uma agitação malsã”.²⁹² Segundo o autor, as gerações que se emanciparam dos ideais imutáveis “amoleceram as fibras da varonilidade e depressa envelheceram, na escravidão vergonhosa

²⁸³ Ibidem, loc.cit.

²⁸⁴ Ibidem, p. 25-26.

²⁸⁵ Ibidem, p. 26.

²⁸⁶ Julho e setembro de 1937.

²⁸⁷ ANAUÊ (R), nº 17, p. 42-43.

²⁸⁸ Ibidem, p. 42.

²⁸⁹ Ibidem, loc.cit.

²⁹⁰ ANAUÊ (R), nº 17, p. 42-43.

²⁹¹ Ibidem, loc.cit.

²⁹² Ibidem, loc.cit.

aos instintos deseducados”²⁹³, o que quer dizer que, àqueles educados sob um ideal, o Integralismo daria firmeza moral para enfrentar a vida, pois triunfa nela “quem sabe arrastar uma desilusão”, consolidando “a paz no coração pela serenidade forte”, ao contrário dos submetidos a uma educação liberal, que sofrem “a angústia no espírito pela ambição insofrida”, pois nem sempre alcançam seus ideais de riqueza, conforto e poder.²⁹⁴

A formação pliniana, portanto, seria “um foco em que se caldeiam as energias do brasileiro futuro, que nele adquire a inquebrantabilidade necessária para o legítimo êxito na vida”, onde a liberdade é orientada para o controle do que nos restou de animalidade, como já falava Plínio Salgado em seus livros. A educação necessita de um fim específico, segundo Aires, embora os adversários desse ponto de vista encarassem como sendo doutrinação: “Essa formação não implica – como pensam adversários dela – uma adaptação forçada a ideais pré-estabelecidos, que produziria assim uma obediência toda passiva”.²⁹⁵ Ao invés de fabricar autômatos, a educação integral “liberta o homem, pela disciplina espiritual e física, da tirania dos instintos”, objetivando a reforma do indivíduo, e tornando possível, assim, uma efetiva mudança social, pois “a educação integral dá ao homem aquilo de que ele impescinde para o êxito na vida”.²⁹⁶

Da mesma forma, o então padre Hélder Câmara enxergava o contraste entre a educação liberal, que dizia-se não ter finalidade, e aquela que almejava um determinado alvo, fosse a ideologia integralista, fosse a formação moral ou piedosa do homem. Ele questionava a pretensa harmonia social trazida pela escola, onde ensinar-se-ia a “harmonia de classes pela colaboração. Ricos e pobres trabalhariam juntos”²⁹⁷ - idéia defendida pelos liberais:

Admitamos que, na escola, se possa criar a ilusão de igualdade e fraternidade entre os alunos – todos irmãos, recebendo tratamento idêntico. Será isto viver a vida real? Mal transponham as crianças a soleira da escola e as distâncias sociais imensas, um instante escondidas pelo artificialismo liberal, de novo se abrirão gritantes e profundas – uns partirão de limusine para lindos bangalôs, outros irão a pé para míseros casebres.²⁹⁸

Afirma que sem uma reforma social – claro, a do Estado Integralista – não haveria uma organização das classes que permitisse colocá-las “em nível de viver”

²⁹³ Ibidem, loc.cit.

²⁹⁴ “Triunfa na vida aquele que sabe arrastar uma desilusão. E é um derrotado aquele que sonha sempre melhores quinhões”. Ibidem, loc.cit.

²⁹⁵ Ibidem, loc.cit.

²⁹⁶ Ibidem, loc.cit.

²⁹⁷ CÂMARA, 196-, p. 30.

²⁹⁸ Ibidem, p. 29-30.

harmoniosamente²⁹⁹, diferente da proposta *rival*, a qual, no ideal de convivência pacífica entre partes diversas da sociedade, acabaria *forçando* uma interação que não poderia existir: “Amizade entre o muito forte e o muito fraco, salvo exceção raríssima, é esmagamento com pretexto de proteção”.³⁰⁰ Assim, Câmara diz que “não intentaremos o reajustamento da sociedade pela escola. Implantaremos um regime novo e só então a nova escola poderá existir e atuar de maneira eficaz”.³⁰¹ Um regime onde as corporações conteriam as lutas de classe, e permitiriam o fim do conflito entre capital e trabalho, entre patrões e empregados, com justiça, educação e oportunidades para todos: “Substituiremos o regime de injustiças sociais e sobretudo caritativismo (...) por um regime de justiça social, sem predomínio exclusivista de classe alguma e com possibilidades verdadeiras de todas as classes se harmonizarem”.³⁰² Dessa forma, poder-se-ia realizar o ideal de educação integral, pois, com o fim dos conflitos classistas, as desigualdades seriam controladas³⁰³, e todos os aspectos do ser humano poderiam ser educados:

Os proletários não sendo mais reduzidos a animais ou máquinas, poderemos falar em educação intelectual.

Haverá para todos possibilidade de educação estética. Será viável uma educação social e a educação religiosa será segura e forte (...), e não mais o engodo precioso com que os burgueses querem que os sacerdotes acalentem as revoltas justas da massa que sofre, diante das explorações que as cruciam.³⁰⁴

Depois de vistas essas reflexões sobre educação feitas por simpatizantes do movimento, militantes, ou mesmo postumamente atribuídas como afins à AIB, voltemos, por último, nossas atenções aos escritos de um militante de base, o chefe municipal do Departamento da Juventude de Joinville, Silvio Prodoehl. Seus textos, publicados no jornal *Anauê*, reúnem várias das preocupações educacionais levantadas acima, revelando como esse pensamento, em parte elaborado pelas próprias elites integralistas, era interpretado pelas bases e aplicado na prática no cotidiano das tropas mirins, como será visto no capítulo posterior.

No texto *Instrução e disciplina*, de setembro de 1937, Prodoehl falou abertamente aos instrutores da juventude sobre os métodos e o trabalho com as crianças. Este artigo foi escrito uma semana após a segunda reunião dos responsáveis pelos plinianos, cujos “assuntos

²⁹⁹ Ibidem, p. 35.

³⁰⁰ Ibidem, loc.cit.

³⁰¹ Ibidem, p. 34.

³⁰² Ibidem, p. 34-35.

³⁰³ “nenhuma precisará de esmolos (a não ser em casos anormais) para proporcionar aos filhos ambiente razoável que permita educação física”. Ibidem, p. 35.

³⁰⁴ Ibidem, loc.cit.

abordados naquela reunião versavam sobre a organização interna das Diretorias Distritais e dos Grupos Plinianos nos Sub-Núcleos, e, principalmente, sobre o problema educacional pliniano”.³⁰⁵ Segundo as notas do jornal integralista, desde maio de 1937 fazia-se reuniões para organizar e aperfeiçoar a milícia juvenil: “pudemos notar [a direção do jornal *Anauê*], satisfeitos, um intenso entusiasmo pelo desenvolvimento desse Departamento [de Juventude], e dia a dia multiplica-se a atividade dos jovens companheiros que se acham à testa do movimento pliniano”.³⁰⁶

Assim, pode-se ver a ênfase de Silvio Prodoehl em relação ao respeito para com o ritmo próprio de desenvolvimento da criança, orientando os instrutores do município a perceberem “a necessidade de se dividir a tropa segundo as suas categorias, adotando, então, um programa instrutivo de conformidade com o desenvolvimento intelectual de cada criança”.³⁰⁷ Ele percebe a diferença entre a instrução dada às crianças e aos adultos: “não vamos pensar que esse aperfeiçoamento [moral, cívico, intelectual e físico] o conseguimos através de conferências que a nós pareçam simples (...), porque não podemos exigir que uma criança tenha o mesmo desenvolvimento intelectual de um adulto”.³⁰⁸ Não só isso, mas diferencia o trabalho nos plinianos daquele executado nas escolas: “Esse erro notamo-lo no excesso de matérias adotadas nas escolas, obrigando a uma criança a aprender o que a sua inteligência em desenvolvimento ainda não pode conceber e ainda mais analisar”.³⁰⁹ Dessa forma, vê-se, diferente da pedagogia tradicional, que há uma percepção de criança como sendo um ser “que tem um mundo, uma vida, uma idéia para si”³¹⁰, ou seja, que possui uma estrutura de desenvolvimento e aprendizado própria, e que deve ser respeitada para obter-se uma formação eficaz.

Sabendo disso, o chefe do DMJ joinvilense recomendava insistentemente aos seus comandados para que “jamais compareçam a uma reunião sem o seu programa traçado, conforme já tive ensejo de demonstrar”³¹¹, a ponto de sugerir que “uma parte das reuniões deve ser empregada na instrução, ministrada pelos graduados o mais possível”.³¹² Claro, para se fazer uma educação condizente aos *novos princípios* pedagógicos, era necessário todo esse cuidado na elaboração e aplicação dos programas educacionais. O cuidado também se dava na

³⁰⁵ ANAUÊ (J), nº 98, p. 4.

³⁰⁶ Idem, nº 97, p. 2.

³⁰⁷ Idem, nº 98, p. 2.

³⁰⁸ Ibidem, loc.cit

³⁰⁹ Ibidem, loc.cit.

³¹⁰ Ibidem, loc.cit.

³¹¹ Ibidem, loc.cit.

³¹² Ibidem, loc.cit.

relação entre instrutor e escoteiro, e Prodoehl recomendava o ambiente ideal para a efetivação da formação pliniana:

A jovialidade, o bom humor, a comunicabilidade de Chefe para subordinado devem ser mantidos acima de tudo. Se falarmos às crianças gravemente sobre o Código do Pliniano, os [seus] deveres, não se prende o seu interesse; entretanto, se fizermos isso por meio de jogos, palestras, historietas, exemplos, anedotas, etc, elas ouvem atentamente e entregam-se com todo o entusiasmo. Chama-se a isso ‘dourar a pílula’, e quanto mais doce for, tanto maior o apetite com o qual será ingerido.³¹³

O responsável deveria possuir a percepção de quando seus ouvintes estivessem enfadados com a lição, mudando, assim, de assunto ou abordagem de tempos em tempos, para atrair sua atenção: “O êxito do bom Chefe consiste unicamente em mudar rapidamente de assunto ao primeiro sinal de cansaço, aborrecimento por parte das crianças, evitando, entretanto, que isso vá ao exagero”.³¹⁴ Dessa forma, não só as instruções moldavam-se aos educandos, respeitando-os em sua especificidade de crianças – e não o contrário -, mas também objetivava-se cultivar a iniciativa e qualidades de caráter:

Cabendo aos Chefes, em primeiro lugar, despertar nas crianças as qualidades do caráter, deve-se conceder ao Pliniano a maior iniciativa possível nos jogos, enquanto que os chefes procuram deles participar o menos possível, a fim de que a sua autoridade não influa na **expansão livre dos sentimentos dos seus subordinados**. (grifo meu)³¹⁵

O Chefe deveria ser companheiro, “justo, no meio termo, não como superior, mas sim como um guia, um irmão mais velho”, mantendo a simpatia entre os seus subordinados, despertando, por esse comportamento, “o amor e o entusiasmo à causa”, implantando “aquilo que outros não conseguiram nem com carinho, nem com brutalidade: disciplina!”.³¹⁶ Ele deveria, assim, aproveitar a energia e a alegria da juventude para potencializar seu aprendizado, “aproveitando-se cada instante para educar os Plinianos, sem tornar ‘cacete’ a instrução”³¹⁷, ensinando-lhes a superar obstáculos e a serem independentes – ou, em uma frase, *educar para a vida*: “Nesse ambiente é que formamos a juventude da Pátria, habituando-a às intempéries, a fim de que se fortaleça, enfrentando o perigo pela frente, sozinho, confiante na suas forças, na sua capacidade”.³¹⁸

³¹³ Ibidem, loc.cit.

³¹⁴ Ibidem, loc.cit.

³¹⁵ Ibidem, loc.cit.

³¹⁶ Ibidem, loc.cit.

³¹⁷ Idem, nº 105, p. 2.

³¹⁸ Ibidem, loc.cit.

Por meio dos periódicos integralistas, a pesquisa revelou uma amostra da constelação de idéias educacionais e concepções de infância presentes na AIB, fruto não somente da ideologia própria do movimento, mas também da conjuntura intelectual do período. Diversas preocupações ocupavam as reflexões dos ideólogos camisa-verdes sobre a formação da *sua* nova geração, cada uma voltada à sua respectiva área de trabalho – desde a medicina até a pedagogia -, porém, como já vimos, havia convergências, mesmo sabendo-se que os textos foram elaborados em diversos momentos, ou em diversos pontos do país, tanto por intelectuais de expressão nacional quanto técnicos locais. Ainda que se observe uma certa unidade, a pesquisa não permitiu a percepção de um esforço único em direção à elaboração de uma pedagogia propriamente integralista. O que se notou, portanto, foram reflexões esparsas, o que também não impede de ter havido consistentes debates internos, ou documentação a qual não tive acesso e que prove que se buscava uma criação original.

3 – A JUVENTUDE INTEGRALISTA

3.1 - “O INTEGRALISMO MOBILIZOU A JUVENTUDE BRASILEIRA NUMA OBRA DE EDUCAÇÃO CÍVICA E FÍSICA, PREPARANDO-A PARA SER ÚTIL AO BRASIL”

De acordo com as evidências colhidas no decorrer da pesquisa, pode constatar que a história da instituição responsável pela juventude integralista é dividida em dois grandes períodos: um, sob a vigência do Congresso Integralista de Vitória, de 1934, e outro, a partir da reestruturação da AIB em 1936. Há mudanças expressivas não só quanto à organização, mas também quanto aos cuidados em relação aos plinianos.

Puxando um pouco pela história da AIB, segundo Elmer Broxson, os anos de 1932 e 1933 foram de união de grupos dispersos afins das idéias de Salgado, e de fundações de núcleos pelo país, chegando a um por Estado em fevereiro de 1934, com a inauguração da sede de Rio Branco, capital do então território do Acre.³¹⁹ Foi nesse período que Plínio articulou um movimento nacional, viajando pelo Brasil em busca de possíveis simpatizantes - como na sua viagem solitária para o Nordeste, em que colecionou êxitos (Salvador, Recife e Fortaleza, onde já havia núcleos organizados e grupos solidários à AIB) e revezes (Maceió, onde não conhecia ninguém, e fora à cata de alguém que o ouvisse, nos cafés da cidade)³²⁰ -, e firmando sua liderança, estabelecendo contatos e livrando-se das dissidências - principalmente com a expulsão de Severino Sombra, antigo líder da Legião Cearense do Trabalho, que retornara do exílio e articulava dentro da Ação Integralista para que ele fosse o Secretário Geral, auxiliado por um triunvirato composto por Salgado, Gustavo Barroso e Olbiano Melo.³²¹

Depois de fundados os primeiros núcleos, em fevereiro de 1934 ocorreu o Congresso Nacional Integralista de Vitória, cujo objetivo foi o de dar forma à AIB, aprovando seus estatutos, protocolos e estrutura. Assim, formaram-se as subdivisões organizacionais, e especificaram-se as suas respectivas funções dentro da estrutura. Foi desse congresso que se formalizou o hino *Avante*, os uniformes, a saudação romana e o *Anauê*, os códigos de conduta, entre outras características que marcaram o movimento.

³¹⁹ BROXSON, 1972, p. 76.

³²⁰ Ibidem, p. 71 a 74.

³²¹ Ibidem, p. 77 e 78.

De Vitória saiu, dentre outras, a Secretaria³²² de Organização Política (SOP)³²³, seção central da estrutura integralista dos primeiros tempos. Suas atribuições eram amplas, e iam desde a arregimentação de eleitores, contato com sindicatos, passando pelos serviços de inteligência (espécie de *polícia política*), chegando à organização feminina e da juventude.³²⁴ Portanto, suas atribuições eram amplas, e, entre elas, figurava o Departamento de Juventude, que tinha por finalidade, à época, “reunir, disciplinar e educar todos os brasileiros natos de ambos os sexos até 18 anos de idade”.³²⁵

O comando nacional do departamento cabia à Plínio Salgado, no que era assistido pelo chefe do SOP nacional, este que indicava o chefe do Departamento Nacional de Juventude, cabendo ao último “a direção e o sub-Comando Nacional da Juventude”.³²⁶ O “Chefe Nacional (...) [era] o Comandante Supremo da Juventude Integralista”³²⁷, ou seja, Plínio era o comandante de uma seção específica que fazia parte de um departamento dentre vários da AIB, demonstrando, assim, a importância desta para o Integralismo, pois respondia pela formação dos futuros militantes.

Outra característica importante do regulamento do Departamento de Juventude eram as suas divisões. Na versão elaborada em Vitória eram em número de quatro: *expediente*, *técnica*, *serviços* e *escolas*. A primeira era meramente administrativa, e a ela competia organizar a burocracia da seção. A *técnica* dizia respeito à execução de planos educacionais ligados à milícia juvenil, e a de *serviços* à manutenção do material e do pessoal do departamento, incluindo serviço de cuidados de saúde e justiça. Por fim, a divisão de *escolas* restringia-se às atividades escolares plinianas, como alfabetização, ensino formal de cultura geral e integralista, e atividades escolares como jogos e esportes.³²⁸ A leitura destes artigos do regulamento mostra que metade das 4 divisões dizia respeito a assuntos diretamente educacionais, e que as funções das subdivisões dessas quatro seções foram expostas de maneira muito geral, sem nenhum direcionamento filosófico ou pedagógico, o que não

³²² A notação é confusa. Trindade (1979) afirma que inicialmente as divisões dentro da AIB eram chamadas de “Departamentos”, no que foram substituídas, em 1936, por “Secretarias”. Porém, o próprio jornal “Monitor Integralista”, órgão oficial do partido, chamava essas divisões de “Secretarias” antes de 1936. Utilizarei a notação “Secretaria”, que é a constante no jornal.

³²³ Sua hierarquia constituía-se da seção nacional, provincial (em cada Estado), municipal e distrital. MONITOR INTEGRALISTA, a. 2, nº 8, p. 10, Capítulo II, art. 3.

³²⁴ TRINDADE, 1979, p.176 e 184.

³²⁵ MONITOR INTEGRALISTA, op.cit, Capítulo I, Art. 2.

³²⁶ Ibidem, Capítulo IV, art. 7, 8 e 9.

³²⁷ Ibidem, Capítulo IV, art. 7.

³²⁸ Idem, a. 2, nº 8, p. 10 e 11, Capítulo VII, art. 17 a 20.

acontece nas resoluções de 1936, onde há um detalhamento maior do caráter dos itens, como ver-se-á adiante:

Art.18 – **Divisão Técnica**, abrangendo os serviços seguintes:

- a) **Operações**: A quem compete a elaboração dos planos de Concentração e Excursões.
- b) **Organizações**: Que compreendem os planos de instrução pliniana, dos infantis, dos vanguardeiros e dos pioneiros.
- c) **Instrução**: Que abrange a Educação Física Geral e a Instrução Pliniana.³²⁹

Ressalta-se também a dependência dos integralistas em relação ao manual escoteiro do comandante Benjamin Sodré, conhecido também como *Velho Lobo*, que foi o pioneiro do escotismo no Brasil. Os materiais e as instruções são todas baseadas nele: “O material de cada terço será o exigido para cada grupo, de acordo com o Guia do Comandante Benjamin Sodré, ‘Velho Lobo’”³³⁰; e também “o equipamento coletivo para cada decúria será o mesmo adotado para a patrulha no **guia citado**” (grifo meu)³³¹, assim como várias outras menções. Isso mostra que a AIB não possuía ainda um programa próprio para a sua juventude e adaptava, “em tudo que (...) [fosse] aplicável”³³², o livro de Sodré. Seguindo o raciocínio, como afirma o então chefe do Departamento Nacional de Juventude, quando reproduziu e adaptou o Código Escoteiro para a publicação na revista *Anauê*: “Vulgarizar as boas idéias e os bons ensinamentos alheios é obra muito mais importante do que, por injustificada vaidade, querer produzir e vulgarizar trabalho inferior, sobre o mesmo assunto”.³³³ Naquele momento, então, preferiu-se copiar e adaptar, que criar algo totalmente novo e sob o risco da ineficácia. Desta forma, ver-se-á na seqüência que o movimento adquiriu profundidade e complexidade de elementos, desenvolvendo, com o tempo, recursos próprios para a lida com os jovens.

Além disso, é importante frisar também o conteúdo das instruções para a milícia juvenil, que constava na formação cívica e integralista (introdução aos ritos, símbolos e regulamentos do movimento), em atividades ligadas ao escotismo³³⁴, e na educação física para os *Vanguardeiros*, entre 8 e 14 anos. Para os *Pioneiros* – de 14 a 18 -, as recomendações

³²⁹ Ibidem, Capítulo VII, art. 18.

³³⁰ Ibidem, Capítulo IX, art. 24.

³³¹ Ibidem, Capítulo IX, art. 28.

³³² Ibidem, Capítulo XIV, art. 34.

³³³ ANAUÊ (R), nº 1, p. 65.

³³⁴ “A do pliniano, de acordo com o Guia referido, em tudo que for aplicável” MONITOR INTEGRALISTA, op.cit, Capítulo XIV, art. 34. Novamente observa-se a citação ao Guia de Benjamin Sodré.

eram para a instrução *milicianiana*³³⁵ de cultura geral, educação física, e, entre 17 e 18 anos, instrução militar, cujas diretivas “serão estudadas juntamente com o EMN”.³³⁶

Por fim, deve-se mencionar que os estatutos desobrigavam da mensalidade de mil réis os plinianos carentes, fazendo-se o possível para manter esse fato oculto dos outros meninos, “de modo a não ofender o amor próprio da criança”.³³⁷ O dinheiro pago por aqueles cujas famílias podiam custear o movimento serviria para cobrir as despesas coletivas do Departamento, e também compensar a falta dos que não podiam pagar, fornecendo-lhes uniformes e material gratuito: “As contribuições pagas pelos Plinianos constituirão fundos para a aquisição de material coletivo de cada Grupo e, quando possível, para a compra de uniforme, para Plinianos pobres”.³³⁸

A situação política do país e da AIB em 1936 inspirou uma mudança de tática no movimento. O crescente tamanho do partido, as eleições municipais daquele ano, as presidenciais previstas para janeiro de 1938, e uma crise interna³³⁹ impulsionaram uma reestruturação organizacional.³⁴⁰ Secretarias e departamentos foram desmembrados, o que reforçou, segundo Trindade, uma estrutura paraestatal, que abrangia diversos aspectos do cotidiano não só da Ação Integralista Brasileira, mas também da vida nacional³⁴¹, como uma Secretaria de Relações com o Exterior, uma de Assistência Social, e outra de Cultura

³³⁵ O texto não especifica o que seria essa formação “milicianiana”.

³³⁶ *Ibidem*, Capítulo XIV, art. 34 e 35. “EMN” talvez se refira ao Estado Maior Nacional integralista, mas o texto não especifica o que seria a sigla.

³³⁷ *Ibidem*, Capítulo XVI, art. 39.

³³⁸ AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, 1936b, Capítulo XVII, art. 45.

³³⁹ Diversos fatores incorreram para o surgimento da crise, segundo Broxson: a desmobilização da Milícia, que passou a ter caráter de prática de educação física – embora mantivesse o treinamento paramilitar -, o que causou descontentamento de alguns setores, além do apoio à Vargas oficializado por Salgado, quando disse que os integralistas deveriam dar suporte ao Governo porque “at this critical time [logo após a chamada “Intentona Comunista”, de 1935] it defends our homes, the honor of our families, our Christian traditions, our property and our liberty”. A OFENSIVA, 4/04/1936, p. 2, *apud* BROXSON, 1972, p. 185.

³⁴⁰ Elmer Broxson (1972) cita o pedido de cassação do registro da AIB em 1936 por parte de um tal “Workers Party of Brazil”, (a PCB front organization according to the New York Times)” (BROXSON, *op.cit.*, p. 186), que denunciou os integralistas por terem estatutos e organização não democrática, no que Salgado reage e cria os órgãos consultivos da Chefia Nacional (Câmara dos Quarenta, Conselho Supremo e as Cortes do Sigma) para dar a fachada necessária para evitar a cassação. (*Ibidem*, *loc.cit.*; TRINDADE, 1979, p. 173). Porém, acredito que seja necessário um aprofundamento na questão, o que está além dos propósitos desta pesquisa.

³⁴¹ “Portanto, o Estado integralista em potencial, implantado no seio do Estado brasileiro, é muito mais do que um ‘contragoverno’, ou gabinete de oposição. Ele funciona como um verdadeiro Estado totalitário que possui não somente uma ideologia de Estado e uma estrutura autoritária, mas utiliza-se de meios estatais como de um aparelho burocrático interno, de Forças Armadas paralelas (a Milícia), de uma política de socialização e redução dos militantes e de uma legislação própria (...), assim como de um tribunal e de um corpo de ‘magistrados’ para julgar as ações de seus membros” (TRINDADE, *op.cit.*, p. 176.)

Artística, por exemplo. Dentre essas 10 secretarias criadas ou reformuladas, uma interessa a esta pesquisa: a Secretaria de Arregimentação Feminina e Juventude (SAFJ)³⁴².

“A Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e da Juventude tem por fim orientar, dirigir, controlar e arregimentar todo o trabalho da Mulher e da Juventude Integralista”³⁴³, e nasceu desmembrada da antiga Secretaria de Organização Política. Era dividida em dois Departamentos: o Feminino e o da Juventude. Na organização de 1936 percebem-se grandes mudanças estruturais e qualitativas no trato com os plinianos, a começar pelos seus objetivos: “reunir, disciplinar e educar, através da **escola ativa**, todos os brasileiros, de ambos os sexos, até os 15 anos de idade, de modo a **realizar o seu aperfeiçoamento moral, cívico, intelectual e físico**”. (grifos meus)³⁴⁴

Observa-se, assim, que de 1934 para 1936 decidiu-se por uma diretriz educacional – a *escola ativa* –, colimando três objetivos distintos – aperfeiçoamento moral, intelectual e físico. Isso demonstra uma maturidade no enfrentamento da questão educacional dentro do Integralismo, fruto de uma preocupação crescente em relação a como os jovens deveriam ser educados na AIB. Os estatutos da primeira formação dos plinianos não especificavam qual diretriz fora tomada em nenhum momento, embora a mencionada acima pudesse estar contida em 1934, mesmo não sendo claramente colocada como em 1936. Porém, como o escotismo está ligado a esses métodos de *educação ativa* – mencionados no capítulo anterior –, é de se supor que já em 1934 os integralistas já tivessem uma posição firmada quanto ao uso dessas *novas pedagogias* sem que houvesse desacordo entre a ideologia do Sigma e a forma de educar os jovens.

Outra novidade foram as divisões dentro do Departamento de Juventude: de 4 passaram para 6, sendo 5 delas com funções **diretamente educacionais**: *expediente*, que cuida das questões administrativas; *estudos*, com quatro seções (Jardim de Infância, Alfabetização, Escolas Profissionais e Cultura Geral); *educação*, com cinco seções (*Educação Integralista*, *Esportiva*, *Moral e Cívica*, *Educação Sanitária*, e, por fim, *Boas Maneiras*); *escolas de férias*, para ocupar o tempo livre dos plinianos, com as seções de *Escolas de campo*, *de montanha* e *à Beira-Mar*; *divertimentos*, com seis seções (*Parques infantis*,

³⁴² Novamente há confusão na nomenclatura. Trindade (1979) e Cavaliari (1999) chamam de SNAFP (Secretaria [Nacional] de Arregimentação Feminina e Plinianos). Porém, os documentos oficiais da AIB não referem-se ao termo “Plinianos”, mas sim “Juventude” (SNAF e da **Juventude**), como denominação oficial, embora o primeiro seja a denominação geral, uma espécie de sinônimo de integrante mirim. Seguir-se-á a nomenclatura encontrada nas fontes primárias, indicando-se quando a seção for nacional, provincial, municipal ou distrital (DNJ [Departamento Nacional de Juventude], DPJ, DMJ e DDJ).

³⁴³ AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, 1936c, Cap. I, art. 1.

³⁴⁴ Ibidem, Capítulo I, art. 2.

Cinema, teatros e circo, Feiras e exposições, Excursões, Visitas a estabelecimentos, fábricas e museus, e Jogos esportivos, recreativos e educativos); e, finalmente, a *divisão de escotismo*, com duas seções, subdivididas cada uma em três serviços: *Seção Técnica*, com os serviços de *Organizações, Operações e Instrução*, e a *Seção de Serviços*, composta por *Intendência, Saúde, e Disciplina e Justiça*.

A grande maioria destas divisões, seções e serviços, possuía funções educacionais, aproveitando-se de cada atividade para desenvolver alguma habilidade nos plinianos, condizendo com os princípios da *escola ativa*, diretriz proposta logo no início dos regulamentos: no *Jardim de Infância*, “a aplicação de todos os métodos da moderna pedagogia”³⁴⁵; *Parques infantis*, onde, “ao ar livre, desenvolverão o corpo e o espírito”³⁴⁶; *Excursões*, as quais seriam “administrados às crianças conhecimentos sobre a natureza”, e estimuladas a descreverem o que vivenciaram “não só para o desenvolvimento da inteligência, como servirão de testes de observação, de memória e outros”³⁴⁷, e *Visitas a estabelecimentos*, servindo como “meio instrutivo de relevância”, despertando o gosto artístico e o amor pelo trabalho.³⁴⁸

Outra diferença marcante é a divisão da tropa, que em 1934 era dividida em *Infantis* (de 5 a 8 anos), *Vanguardeiros* (8 a 14 anos) e *Pioneiros* (14 a 18 anos), e em 1936 ficou como *Infantis* (de 4 a 6 anos), *Lobinhos* (7 a 9 anos), *Vanguardeiros* (10 a 12 anos) e *Pioneiros* (13 a 15 anos). Isso permitiu uma convivência mais igualitária dentro de cada faixa etária no sentido social e pedagógico, diferente do contraste da antiga organização (crianças de 8 anos misturadas a adolescentes de 14!), demonstrando novamente uma melhor percepção do que era a criança e como desenvolver um trabalho proveitoso com ela:

Uma lição pode estar ao alcance de alguns, entretanto, não estar ao alcance de todos, e, por isso, notar-se-á muitas vezes a necessidade de se dividir a tropa segundo as suas categorias, adotando, então, um programa instrutivo de conformidade com o desenvolvimento intelectual de cada criança.³⁴⁹

Nestas últimas diretrizes surgiram também os compromissos dos jovens de acordo com sua idade, sendo os *Vanguardeiros, Pioneiros* e *Lobinhos* reproduzindo um juramento específico na ocasião de seu ingresso:

³⁴⁵ Ibidem, Art. 7, item a).

³⁴⁶ Ibidem, Art. 11, item a).

³⁴⁷ Ibidem, Art. 11, item d).

³⁴⁸ Ibidem, Art. 11, item e).

³⁴⁹ ANAUÊ (J), nº 98, p. 2.

Prometo ser um soldadinho de Deus, da Pátria e da Família; prometo ser obediente a meus pais, a meus mestres e aos meus chefes; prometo ser amigo de meus irmãos, colegas e companheiros, prestando-lhes serviços, defendendo-os e amando-os; prometo ser aplicado nos estudos para tornar-me útil à Deus, à Pátria e à Família; prometo ser fiel ao código de escoteiro Integralista.³⁵⁰

Os dois primeiros ainda tinham que jurar à Bandeira Nacional³⁵¹, de acordo com os cânones integralistas, e, depois de dois meses de tropa, serem submetidos ao “juramento à Bandeira do Sigma e o de fidelidade ao CHEFE NACIONAL”.³⁵² Os *Infantis* eram recebidos no movimento com um “ritual escoteiro”³⁵³ próprio - o que não era descrito pelo regulamento. Assim, observa-se, se não a criação, o aperfeiçoamento dos meios de socialização dos militantes mirins, onde foram criadas práticas, rituais em comum, visando não somente a estandardização da transmissão doutrinária, mas a identidade coletiva dos plinianos.

Nesse esforço de padronização, o uniforme da milícia da juventude cumpria um importante papel. Ele não só identificava os plinianos, mas representava a sua moral, e, segundo o chefe do DMJ de Joinville, o caráter *semi-selvagem* dos soldadinhos do Sigma³⁵⁴:

... em fila indiana as oito patrulhas embrenhavam-se pela mata (...). O seu **manto verde** confraternizava harmoniosamente com o **verde de nosso uniforme**, e o lenço branco assinalando (sic) a **pureza** que ali existia. (...) O mar, na sua imensa grandeza, e no seu gigantesco seio, as ilhas pequeninas e verdes, **verdes como nosso uniforme**, e as águas também verdes. (grifos meus)³⁵⁵

O uniforme consistia basicamente em uma camisa verde, calça branca ou azul, lenço branco, casquete, cinto com o sigma na fivela e botinas pretas. No quadro 2, mais à frente, há uma comparação entre os uniformes propostos em 1934 e 1936. Quanto a outros símbolos, os regulamentos só especificam a bandeira dos plinianos, que consistia num retângulo azul de 0,7m por 0,5m, “tendo ao centro um círculo branco de 0,3m de diâmetro, com uma cercadura

³⁵⁰ AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, 1936c, Capítulo XIII, art. 34.

³⁵¹ “BANDEIRA DA MINHA PÁTRIA. PROMETO SERVIR AO BRASIL – na hora da alegria, e na hora do sofrimento – no dia da glória – e no dia do sacrifício. Prometo respeitar a liberdade – a justiça – e a lei. Prometo defender, na sua Pureza, o legado moral – e na sua integridade – o patrimônio territorial – que recebi dos meus antepassados. – SALVE BANDEIRA DO BRASIL!”. Ibidem, Capítulo XIII, art. 33.

³⁵² Ibidem, loc.cit. (parágrafo único)

³⁵³ Ibidem, loc.cit.

³⁵⁴ Essa identificação com a natureza, que pode também ser compreendida como uma extensão de um certo anti-cosmopolitismo da doutrina integralista, não era exclusividade da AIB. O próprio movimento escoteiro mundial compartilhava dessa idéia: “O escotismo endossava uma nostalgia romântica que criticava o que considerava como a corrupção do caráter causada pela vida urbana e enaltecia a vida no campo como um ideal para a correta formação equilibrada entre corpo e espírito”. CYTRYNOWICZ; ZUQUIM, 2002, p. 51.

³⁵⁵ ANAUÊ (J), nº 106, p. 2.

preta e o Sigma com cinco estrelas azuis representando o Cruzeiro do Sul”.³⁵⁶ Ela diferia da bandeira oficial da AIB somente pela constelação.



Fotografia 1 – Exemplo de uniforme dos plinianos.³⁵⁷

O regulamento de 1936 especifica também as ações e objetivos das instruções dadas aos escoteiros integralistas, aprofundando-se na descrição e justificativa das atividades executadas com os plinianos. Assim, o Departamento de Juventude

procurará desenvolver (...) o sentimento de civismo, aprimorando-lhes o caráter, (...) [promovendo] o seu desenvolvimento físico pela prática de jogos desportivos, excursões e passeios, e o desenvolvimento intelectual, moral e profissional, ensinando-lhes todos os serviços úteis à coletividade, trabalhos domésticos, além da instrução primária e da educação moral e profissional (...). Formando-lhe o caráter, dar-lhes-á energia e nobreza de sentimentos.³⁵⁸

Vemos, então, que ao Departamento não cabia ensinar a juventude da maneira tradicional, com o professor à frente da sua classe sentada, pacientemente ouvindo-lhe.³⁵⁹ Sua

³⁵⁶ AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, 1937, art. 21, parágrafo único.

³⁵⁷ MONITOR INTEGRALISTA, a2, nº 8, p 10.

³⁵⁸ AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, 1936b, Capítulo XV, art. 38.

³⁵⁹ “Se falarmos às crianças gravemente sobre o código do Pliniano, os deveres destes, não se prende o seu interesse; entretanto, se fizermos isso por meio de jogos, palestras, historietas, exemplos, anedotas, etc, elas ouvem atentamente e entregam-se com todo o entusiasmo. Chama-se isso ‘dourar a pílula’, e quanto mais doce for, tanto maior o apetite com o qual será ingerido”. ANAUÊ (J), nº 98, p. 2.

metodologia era desenvolver o aprendizado na vivência, aprender não somente uma profissão ou alguma arte escoteira, mas moldar a personalidade das crianças de acordo com a doutrina integralista, inculcando-lhes valores caros ao movimento, fazendo com que aprendessem a viver o Integralismo “não filosoficamente”, como os adultos, “mas sim, por amor”³⁶⁰: “Eis, em traços gerais, o que foi a última excursão. Cheia de vida, de entusiasmo, de alegria, aproveitando-se cada instante para educar os Plinianos, sem tornar ‘cacete’ a instrução”.³⁶¹

No *Suplemento dos Plinianos* da revista *Brasil Feminino* foi encontrado um esboço do *Programa de vida de campo* de um Departamento Provincial da Juventude de 1937. Além dos outros pontos que tratam de assuntos específicos do treinamento escoteiro, destaca-se a formação moral e integralista nos quatro primeiros:

Ponto 1 – Lei pliniana – Interpretação dos seus artigos, com a citação de exemplos elucidativos.

Ponto 2 – Bandeira Nacional – O que representa; de que se compõe; que representam as estrelas; quais as constelações a que pertencem; que são constelações, espécies, modo de içar a bandeira; honras que lhe são devidas.

Ponto 3 – Hino Nacional; Hino à Bandeira; Hino Integralista; Canções Integralistas; Hino da Independência; Hino da Proclamação da República.

Ponto 4 – Saudações e insígnias – Distintivos e graduação entre Plinianos e Integralistas; flâmulas de autoridades.³⁶²

Tanto o juramento pliniano quanto o fragmento de programa de campo visto acima mencionam o Código do Pliniano. Ele constava de um conjunto de 10 pontos que orientavam a conduta dos escoteiros integralistas, e fora adaptado do código escoteiro de Baden-Powell, provavelmente por via do *Guia* do Comandante Sodré.

Ele *surge* em janeiro de 1935 na documentação colhida, quando é mencionado pela revista *Anauê*, numa se o reservada à juventude.³⁶³ Nesta ocasião, o Capitão Maurício Braz de Araújo – chefe do DJ do SNOB – expõe e comenta três pontos do código: “O pliniano sabe obedecer. Compreende que a disciplina é uma necessidade de interesse geral (...). O pliniano aceita, em todas as circunstâncias, a responsabilidade de seus atos (...). O pliniano   leal e cort es com todos”.³⁶⁴

³⁶⁰ Idem, n  58, p. 1.

³⁶¹ ANAUÊ (J), n  105, p. 2.

³⁶² BRASIL FEMININO, n  36, p. 2.

³⁶³ Deve-se mencionar que não havia uma se o regular que tratasse dos assuntos dos plinianos na revista *Anauê*. Esta s o apareceria em BRASIL FEMININO, quando esta revista adere ao integralismo, em 1937.

³⁶⁴ ANAUÊ (R), n  1, p. 64-65.

Destaca-se no texto original ainda uma justificativa do uso do *Guia* do Cmte Sodré, pois o texto é uma “transcrição e adaptação”³⁶⁵ do mesmo: “Vulgarizar as boas idéias e os bons ensinamentos alheios é obra muito mais importante do que, por injustificada vaidade, querer produzir e vulgarizar trabalho inferior, sobre o mesmo assunto”.³⁶⁶

Nota-se, então, mais uma evidência de que os integralistas estavam buscando construir um método próprio de educação, como atestam também as observações do Tenente Hollanda Loyola, chefe do Estado Maior da Província do Distrito Federal, no seu texto *A educação física no Integralismo*:

Em princípio não nos cingiremos a um método (erro crasso dos nossos centros de instrução); estudaremos todos os métodos para uma adaptação criteriosa que nos permitirá a organização de um sistema eclético em função de nosso clima, de nossa raça e de nossas necessidades político-sociais.³⁶⁷

Dessa forma, não é mesmo de se espantar que os coordenadores da Juventude se inspirassem no escotismo inglês para edificar seu próprio sistema, com seus métodos e finalidades específicos, que o fariam distinguir-se de outros métodos educacionais. O objetivo, ao que tudo indica, era obter-se a máxima eficiência doutrinária, moldando eficazmente o caráter dos plinianos à doutrina integralista. Para tanto, percebe-se a ênfase nas *pedagogias modernas* que permeia os textos educacionais camisa-verdes, assunto comentado no capítulo anterior.

Dentre os documentos consultados, o *Código Pliniano* aparece somente numa segunda ocasião, completo, e com comentários do chefe do Departamento de Juventude de Joinville. Ocasionalmente essas leis eram acompanhadas por comentários que explicavam e exemplificavam as suas aplicações. O código constituía-se por 10 pontos:

- 1 – O Pliniano não mente
- 2 - ... é leal, delicado... [tem] boa educação...
- 3 - ... auxilia sempre seu semelhante...
- 4 - ... não maltrata os animais [e]... plantas...
- 5 - ... é obediente [e] disciplinado...
- 6 - ... é alegre, sorri nas dificuldades...
- 7 - ... é econômico...
- 8 - ... é solidário...
- 9 - ... não é relaxado com a roupa...

³⁶⁵ Ibidem, p. 65.

³⁶⁶ Ibidem, loc.cit.

³⁶⁷ ANAUÊ (J), nº 38, p. 1.

10 – O Pliniano, pelo cérebro e pelo braço, fará do Brasil uma Pátria grande, uma e indivisível.³⁶⁸

Assim, esses preceitos determinavam um comportamento padrão para os escoteiros integralistas, encaixando-os numa determinada moral, pois os valores transmitidos visavam, dentre muitos outros exemplos, criar um Camisa Verde ideal (assim como também no caso do escotismo *inglês* criar o *súdito do rei* ou o *cidadão ideal*), pois valores como sinceridade, lealdade, solidariedade, obediência e disciplina, e impassibilidade ante as vicissitudes, eram essenciais à coesão, à constância na luta e à eficácia do movimento integralista. Outros pontos estimulavam o senso de cidadania do escoteiro, como a delicadeza no trato social, a solidariedade, o cumprimento dos deveres, a frugalidade e a justiça.

Para atestar isso, veio socorrer-me uma nota no jornal *Anauê*, confirmando os pontos deduzidos acima:

MENINO! Na Milícia Integralista Infantil aprenderás a ser um **verdadeiro cidadão**. Num ambiente são, **cultivarás o teu caráter**, dentro de um **espírito de camaradagem e disciplina**. (...) cultivarás todas as **virtudes que te farão nobre**, que te fortificarão a alma, impregnando-te de uma fé absoluta em ti mesmo, na tua capacidade, em tua vitória. Aprenderás a conhecer Deus, cultivando o amor da Pátria e da Família. Inscreve-te. (grifos meus)³⁶⁹

Vê-se, assim, não somente valores *gerais*, ligados, como já dito, à cidadania e à convivência em sociedade, além de autoconfiança e espírito de iniciativa, mas também o aprendizado dos valores caros à ideologia integralista – “conhecer Deus, cultivando o amor da Pátria e da Família”.

Outra característica importante é a menção às meninas na tropa. As plinianas seriam “dirigidas por uma Monitora, nomeada pela SNAF e da J dentre as que melhores provas apresentarem de obediência, cumprimento do dever e de inteligência”³⁷⁰, para fazer da menina a mulher que seria “a guardiã da Pátria no altar do berço”³⁷¹, segundo Salgado. Os regulamentos não indicam tratamento nem instrução diferenciados para ambos os sexos, mas os regulamentos do Departamento Feminino recomendavam que a Divisão de Cultura Física mantivesse “aulas de ginástica” e promovesse “a prática de esportes apropriados ao sexo feminino”, sendo “expressamente proibido à mulher Integralista tomar parte em paradas

³⁶⁸ Idem, nº 80, p. 2.

³⁶⁹ Idem, nº 5, p. 3.

³⁷⁰ AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, 1936c, Capítulo XV, art. 38, parágrafo 1.

³⁷¹ BRASIL FEMININO, nº 38, p. 48.

esportivas que não sejam adequadas para sua compleição”³⁷², o que já permite inferir que não seria diferente no caso das plinianas: “o ensino das danças regionais visará aprimorar **a graça própria do sexo** já pelo controle rítmico, já pelas atitudes estéticas, obtidas com naturalidade e prazer evidentes” (grifo meu).³⁷³ Assim, à mulher não cabiam determinados tipos de atividade física que pusessem em *risco* (ou em dúvida, talvez?) a sua vocação *natural* para a maternidade, para os cuidados domésticos e conjugais, e isso, presumo, já era ensinado desde a infância.

Por fim, cabe descrever alguns aspectos técnicos da organização da juventude. Um era a hierarquia dos membros - divididos em *graduados* e *oficiais*, sendo os primeiros, em ordem crescente, *Sub-Decurião*, *Decurião*, *Sub-Monitor*, e os oficiais *Monitor-Assistente* e *Monitor* para o primeiro regulamento, e *Monitor* e *Guia* para o segundo regulamento. Outro ponto importante era a divisão da tropa, organizada por *decúrias*, *terços*, *bandeiras* e *legiões*, seguindo o esquema do quadro que se segue.

Percebe-se a presença da Milícia na disposição dos primeiros plinianos, tanto nos postos de liderança (“Monitor Miliciano...”, “Bandeirante”, ambos *oficiais* da Milícia) quanto na organização: “Os quadros da Juventude Integralista terão a mesma organização dos da Milícia e os respectivos Chefes ou graduados usarão os mesmos títulos”.³⁷⁴ Da mesma forma, de acordo com o regulamento do Congresso de Vitória, a milícia estava presente também no uniforme pliniano, com sua “camisa verde igual à do miliciano, com friso branco na gola”³⁷⁵, sem contar na calça ou culote preto, diferente da exigência de 1936, que pedia somente uma camisa verde, mas agora com o detalhe das calças brancas ou azuis, junto a uma indumentária mais variada:

³⁷² AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, 1936c, Capítulo 8, e, em seqüência, Parágrafo único.

³⁷³ BRASIL FEMININO, n° 36, p. 43.

³⁷⁴ AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, 1936b, Capítulo IX, art. 23.

³⁷⁵ MONITOR INTEGRALISTA, a2, n° 8, p. 10, Capítulo XI, art. 26.

Regulamento de 1934

- a) A Decúria, será composta dos 10 primeiros plinianos de um núcleo, chefiados por um decurião, e em elementos chefiados por sub-decuriões;
- b) O terço será constituído de três decúrias e será chefiado por um Monitor (Oficial) Miliciano ou aspirante com mais de 17 anos e de reconhecida idoneidade e competência, auxiliado por um Sub-Monitor com os mesmos requisitos de Monitor;
- c) A Bandeira será constituída por três terços e mais a decúria de serviço e a guarda da Bandeira Integralista;
- d) Será comandada por um Bandeirante (Oficial Miliciano) que terá como assistente um Monitor-pioneiro.
- e) A Legião será composta de 3 Bandeiras, mais o terço de serviço e a guarda da Bandeira Nacional;
- f) Será comandada por um Mestre de Campo, assistido por um ajudante de Campo (Bandeirante), um secretário Bandeirante, um médico (Bandeirante), um engenheiro (Monitor), um intendente Bandeirante e auxiliares de Secretaria (Sub-Monitor), etc.³⁷⁶

Regulamento de 1936

- a) DECÚRIA – composta de 10 Plinianos, chefiados por um Decurião. Cada Decúria será dividida em duas Patrulhas, dirigidas por um Sub-Decurião.
- b) TERÇO – composto de três Decúrias e será chefiada pelo Chefe da DMJ, assistido de um Monitor escolhido entre os componentes da tropa, auxiliado por um Sub-Monitor os quais não poderão ser menos de 15 e 13 anos, respectivamente.
- c) BANDEIRA – Constituída por três terços e mais a Decúria de serviço; será dirigida por um “GUIA” assistido por um Monitor, e será seu comandante o Chefe do DPJ. Além da tropa já citada (efetivo), a Bandeira terá a Guarda da BANDEIRA INTEGRALISTA.
- d) LEGIÃO – composta de três Bandeiras, o terço de serviço e a guarda da Bandeira Nacional. Será comandada pelo Chefe do DNJ, assistido por um Secretário assistente, por dois ajudantes de ordens, por um médico, um engenheiro e um intendente, além dos auxiliares da Secretaria.³⁷⁷

Quadro 1 – Comparativo entre a organização da tropa pliniana do regulamento de 1934 e de 1936

Regulamento de 1934

- a) Camisa verde igual à do miliciano, com friso branco na gola;
- b) Calça ou culote preto com meias ou perneiras pretas;
- c) Lenço branco com passador de couro ou pano verde;
- d) Botinas pretas;
- e) Casquete integralista;
- f) Cinto preto (tipo escoteiro), com o sigma na fivela;
- g) Pelerine de pano preto.

Regulamento de 1936

- a) Camisa verde
- b) Calça branca ou azul; culote preto com meias ou perneira de couro ou lona, quando em excursões ou acampamentos.
- c) Lenço branco com passador de couro ou de pano verde.
- d) Botinas pretas
- e) Casquete integralista, preto, para passeio, e chapéu para as excursões, bivaques e acampamentos.
- f) Cinto preto com o Sigma na fivela.
- g) Pelerine de pano preto, facultativo.

Quadro 2 – Comparativo entre o uniforme pliniano do regulamento de 1934 e de 1936

³⁷⁶ MONITOR INTEGRALISTA, a. 2, n° 8, p. 10, Capítulo IX, art. 23.

³⁷⁷ AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, 1936b, Capítulo VIII, art. 25.

3.2 – ATIVIDADES DOS PLINIANOS

3.2.1 – “Cultivarás todas as virtudes que te farão nobre, que te fortificarão a alma”

Seguindo algumas diretrizes da Escola Nova, como já visto no capítulo anterior, o aprendizado proposto em várias *frentes* pelos técnicos integralistas se dava pelo uso do lúdico e de atividades pelas quais dava-se um sentido próprio, objetivando a transmissão de determinado conhecimento ou valor moral.

Dessa forma, a revista *Brasil Feminino*, no seu *Suplemento dos Plinianos*, era estruturada para não somente informar, mas também formar. A seção para os jovens era composta, principalmente, por contos de conteúdo moralizante, sugestões de jogos escolares, piadas, curiosidades e informativos, interessando à análise somente os dois primeiros devido ao seu conteúdo específico, pois as piadas e curiosidades não faziam parte da estrutura doutrinadora do periódico. Também foram encontrados exemplos de aprendizado no jornal *Anauê*, nas descrições das práticas cotidianas dos pequenos militantes.

Os *Suplementos dos Plinianos* consultados³⁷⁸ eram profícuos em contos moralizantes. Suas mensagens diziam respeito à honestidade (“O corredor da sedução”³⁷⁹), compaixão (“Ninguém deve de alheias desgraças rir”³⁸⁰, e “A causa”³⁸¹), Deus (“Os dois meninos”³⁸², e “Deus”³⁸³), e bondade (“A melhor profissão”³⁸⁴), porém, com exceção do conto “Os dois gigantes”³⁸⁵, nenhum deles possuía uma mensagem doutrinária integralista, mas sim valores que extrapolavam o âmbito da AIB.

E é rompendo os *muros* doutrinários que a própria *Brasil Feminino* sugeria jogos educativos para os plinianos brincarem na hora do recreio escolar. Foram encontrados somente dois, porém, são suficientes para ilustrar a preocupação com a educação mesmo nos momentos de lazer das crianças.

³⁷⁸ Ou seja, 2 de 4, pois não se teve acesso aos outros 2 números integralistas de BRASIL FEMININO, dado que a revista aderiu ao Sigma em meados de 1937, publicando 4 edições de editorial camisa-verde.

³⁷⁹ BRASIL FEMININO, nº 38, p. 47.

³⁸⁰ Ibidem, p. 44.

³⁸¹ Idem, nº 36, p. 26.

³⁸² Idem, nº 38, p. 44.

³⁸³ ANAUÊ (R), nº 17, p. 54.

³⁸⁴ BRASIL FEMININO, nº 36, p. 3.

³⁸⁵ Essa estória é um longo e simplório conto cuja mensagem principal é a de que Plínio Salgado estava salvando o Brasil do comunismo. Idem, nº 38, p. 45.

Um deles consistia em dividir-se uma turma em dois bandos, onde uma facção faria perguntas para a outra, sobre uma determinada matéria. Cada acerto valia 2 pontos, um acerto depois da primeira resposta errada valia 1 ponto, e ninguém acertando, zero.³⁸⁶ O outro era mais complexo, pois exigia certo raciocínio, consistindo de um grupo tentando adivinhar um provérbio que o outro escolhera:

o capitão do grupo contrário aproximar-se-á e fará uma pergunta ao jogador. Este responderá, anunciando uma frase em que entre a primeira palavra do provérbio. O chefe dirigirá ao jogador imediato outra pergunta, cuja resposta deverá ser uma sentença que inclua a segunda palavra. O terceiro jogador empregará o terceiro vocábulo e, deste modo, continuará o jogo, até que todas as palavras sejam citadas.³⁸⁷

Há uma série de contos chamada *Sinhá*, que nos dois números obtidos demonstra um objetivo educativo, uma vez falando sobre a escravidão, e outra ensinando as meninas a fazer uma roupinha para suas bonecas.

Na primeira estória da série é apresentada a personagem principal: “Sinhá é uma menina inteligente e viva (...). Tem apenas oito anos e é já uma mulherzinha bastante curiosa (...) Vive fazendo perguntas!”.³⁸⁸ E é por meio de sua curiosidade que a tia Dindinha ensina Sinhá e as crianças que lêem a coluna.

Ao perguntar sobre a origem do seu apelido, Dindinha remete-se à ama-de-leite negra de Sinhá, ligando este assunto familiar com as relações entre senhores e escravos, acusando os primeiros de seres maus, e os cativos de serem todos vítimas: “Chi! Dindinha, coitado dos escravos. Os Sinhôs eram diabos, não (...)? – Não. Eram criaturas egoístas e más, sem escrúpulos, e possuíam verdadeiros corações de pedra”.³⁸⁹

Por outro lado, as *mães pretas*, que cuidavam dos “filhos dos seus algozes”,³⁹⁰ eram dóceis, e “sentiam-se orgulhosas por poderem amamentar os sinhozinhos. Ficavam envaidecidas ao ouvirem os meninos brancos chamando-lhes de Mãe Preta”.³⁹¹ Note-se o forte moralismo e uma visão idílica, estereotipada da escravidão, porém, era o conteúdo da *lição* dada por Dindinha à Sinhá e a seus pequenos leitores. Essa visão é consonante com a de Plínio Salgado na sua visão sobre a democracia racial no país, onde este jogava a culpa pela

³⁸⁶ Idem, nº 36, p. 11.

³⁸⁷ Ibidem, p. 47.

³⁸⁸ Ibidem, p. 6.

³⁸⁹ Ibidem, loc.cit.

³⁹⁰ Ibidem, loc.cit.

³⁹¹ Ibidem, p. 43.

“mancha indelével” da escravidão somente a “alguns fazendeiros indignos”, que tratavam o cativo “como um animal, uma besta sem alma”³⁹², pois as relações entre o senhor e o escravo tinham, segundo o chefe integralista, “o mesmo caráter das relações entre pais e filhos”.³⁹³

A próxima parte da série ensina as leitoras a fazer uma roupa para suas bonecas. Nesta, Sinhá teima em ser costureira – o *gancho* para a lição -, porém, se perde entre carretéis, tesouras e agulhas, sem saber o que fazer com tudo aquilo. Recorre à tia, sempre pronta a ajudar:

- Dindinha... eu quero fazer uma camisola para o Paulinho [o boneco].
- Pois faça, Sinhá!
- Mas... eu não posso... é difícil demais... Você quer me ensinar Dindinha?
- Se for para você prestar atenção e fazer como eu mandar (...) ensino.³⁹⁴

Ao invés de sua tia tomar as rédeas e fazer o vestido para o brinquedo, ela ensina a sobrinha a manusear as ferramentas e o material necessário para aquele fim. A criança teria que aprender a fazer se quisesse incrementar seu boneco. E não só aprender as técnicas, mas também a ter ordem e paciência para chegar ao objetivo, pois a educação moral não era separada do aprendizado prático de costureira:

- Depressa Dindinha! O Paulinho está com frio, coitado!
- Calma menina! Com essa afobação você não fará nada que preste.
- (...)
- (...) Uma costureira tem que ter tudo em ordem para trabalhar bem.³⁹⁵

Da mesma forma os organizadores do *Clube de Aviação Santos Dumont* recomendavam aos entusiasmados plinianos que “vinham pressurosos solicitar a fundação de esquadrilhas em seus núcleos”,³⁹⁶ a terem calma e entusiasmo, pois, por mais paradoxal que pudesse parecer – segundo a revista -, necessitava-se de muita calma “para que as coisas possam ser feitas com acerto e com firmeza” e entusiasmo “para que a idéia não se apague com os contratempos que teremos que vencer”.³⁹⁷

E é ainda no caso do Clube de Aviação, criado em meados de 1937 na cidade do Rio de Janeiro, que temos um outro exemplo de aprendizado prático. Esses clubes visavam criar

³⁹² SALGADO, 1957c, p. 137.

³⁹³ Ibidem, p. 138.

³⁹⁴ BRASIL FEMININO, n° 38, p. 43.

³⁹⁵ Ibidem, loc.cit.

³⁹⁶ Idem, n° 36, p. 4.

³⁹⁷ Ibidem, loc.cit.

entusiastas da aviação dentro do Integralismo, oferecendo instrução técnica específica para a manutenção e pilotagem de aviões. Para o Sigma, era “necessário criar para nossa infância e juventude os meios com que pudessem vir a se tornar, em futuro próximo, os técnicos que tanto carece a nossa incipiente indústria aeronáutica, e os voluntários de nossas forças aéreas civis e militares”.³⁹⁸

Assim, no trabalho de divulgar a aeronáutica no país, é que a AIB resolveu que “toda seção de Plinianos dos Núcleos Integralistas de todo país [fosse] considerada desde já filial do Clube..., e seus dirigentes, Sócio Correspondentes”.³⁹⁹ Claro, para contornar o problema de instrução especializada – principalmente a disponível para a AIB – é que se resolveu utilizar as páginas do *Suplemento dos Plinianos da Brasil Feminino* para ministrar os cursos “sobre os assuntos atinentes aos problemas aviatórios”.⁴⁰⁰ O esboço dos seus estatutos previa o financiamento de cursos de especialização em aeronáutica, fosse manutenção ou pilotagem, além de empregos em fábricas nacionais de aeroplanos, para os vencedores de concursos próprios para a seleção dos mais interessados, por meio da premiação dos melhores aeromodelos.⁴⁰¹

No esforço de implementar esses clubes, o aviador da Marinha de Guerra Comandante Neto dos Reis, numa conferência para a Juventude do sub-núcleo de Ipanema, sugeriu que as filiais do clube possuíssem seções dotadas de oficinas “de consertos, para que os plinianos não só consertassem brinquedos para serem distribuídos aos pobres no Natal, mas também para eles mesmos produzirem seus próprios papagaios, planadores e aviões”,⁴⁰² no que a sua implementação “já está sendo posta em prática pelo Chefe Municipal de Ipanema”⁴⁰³:

... diversas seções, que se poderiam denominar de Escolas de Artífices e nas quais fossem os plinianos aprendendo com os operários especialistas e que fazem parte de todos os Núcleos, os primeiros ensinamentos de marcenaria, carpintaria, pintura, eletricidade, lataria, etc, consertando brinquedos de toda espécie, para as futuras distribuições de Natal e esboçando os arcabouços das futuras Escolas Profissionais do Integralismo.⁴⁰⁴

³⁹⁸ Ibidem, loc.cit.

³⁹⁹ Ibidem, loc.cit.

⁴⁰⁰ Ibidem, p. 5.

⁴⁰¹ Ibidem, loc.cit. É muito curioso esse interesse *repentino* da AIB pela aviação, mas soa estratégico se pensarmos que o Brasil não possuía uma Arma própria para a guerra aérea – a Força Aérea Brasileira só seria fundada por força da Segunda Guerra Mundial -, e os integralistas poderiam “sair na frente” oferecendo pessoal qualificado para ocupar posições de destaque no caso de uma seção aérea nas Forças Armadas.

⁴⁰² Ibidem, p. 2.

⁴⁰³ Ibidem, loc.cit.

⁴⁰⁴ Ibidem, loc.cit.

Assim, vê-se a intenção de se operar um ensino prático, onde “os plinianos muito aprenderiam, **divertindo-se** e consertando tudo”⁴⁰⁵ (grifo meu), usando da curiosidade e disponibilidade da juventude para se ensinar não somente uma profissão, mas também valores e a própria doutrina integralista, preparando o pequeno Camisa-Verde para a vida adulta com mais independência e senso de iniciativa:

Neste ambiente é que formamos a juventude da Pátria, habituando-a às intempéries, a fim que se fortaleça, enfrentando o perigo pela frente, sozinho, confiante nas suas forças, na sua capacidade (...), [para] que encare a vida e vença os obstáculos segundo lhe foi ensinado nessa escola de educação moral, intelectual, física e espiritual.⁴⁰⁶

E é da Juventude Integralista de Joinville que tiro os últimos exemplos de educação ativa, pois estes, diferentes dos primeiros – que se mantiveram no plano das sugestões e diretrizes -, foram aplicados na prática, sendo alguns dos seus resultados publicados no jornal local.

3.2.2 - “Um, dois, três plinianos sentados à sombra de uma árvore, contemplavam aquele lindo quadro, tão vivo e tão belo”

Descrita a estrutura e as atividades propostas para a educação da juventude integralista, cabe mostrar como funcionavam os departamentos na prática, com o exemplo da cidade de Joinville, no nordeste do estado de Santa Catarina. Ela foi escolhida para este rápido estudo de caso porque o jornal do núcleo local, o *Anauê*, registrou informações valiosas sobre o cotidiano dos plinianos locais.

Vê-se, por exemplo, que no dia 19 de agosto de 1934 realizou-se a primeira reunião de interessados em formar o núcleo juvenil do Integralismo em Joinville. Aos que compareceram, o chefe municipal Aristides Largura proferiu um discurso fazendo-os ver “a responsabilidade que assumiam, dos deveres que se lhes impunha desde aquele momento, terminando por concitá-los a unir seu esforço, de pequeninos, mas resolutos, ao que está fazendo a mocidade brasileira, em prol do engrandecimento da Pátria”.⁴⁰⁷ Note-se, portanto, que desde o início há um trabalho para solidarizar os plinianos locais com os do resto do país,

⁴⁰⁵ Ibidem, loc.cit.

⁴⁰⁶ ANAUÊ (J), nº 10, p. 2.

⁴⁰⁷ Idem, nº 5, p. 4.

mostrando-os que, por mais que fossem poucos naquele momento, eles solidarizavam com companheiros de norte a sul do Brasil. Terminada a reunião, o miliciano Silvio Prodoehl guiou-os em “um quarto de hora de exercícios”.⁴⁰⁸

O jornal não especifica o número de participantes dessa primeira reunião, porém, em 3 de novembro do mesmo ano – portanto, quase três meses após a fundação do Departamento de Juventude -, o *Anauê* publica em suas páginas que “o número atual dos inscritos no Núcleo de Joinville é de 350, sendo 250 da Milícia Integralista, 65 dos Escoteiros Integralistas e 35 do Departamento Feminino”.⁴⁰⁹ Dessa data até 9 de janeiro de 1937 o movimento acolheu mais 255 plinianos, totalizando 320 jovens em todo o município. Em 10 de julho de 1937, no discurso de inauguração da sede própria do Departamento, o chefe municipal dos plinianos, Silvio Prodoehl, discursou sobre a força do movimento local, aludindo ao número de escoteiros da cidade: “E quando no dia 7 de setembro desfilarem as duas Legiões Plinianos de todo Município de Joinville (...)”.⁴¹⁰ Se o chefe usou a terminologia correta, então ele afirmou haver 660 jovens. Porém, linhas mais a frente, o mesmo diz: “o pendão auriverde ostentado garbosamente no punho de aço de 1200 plinianos joinvilenses”.⁴¹¹ Será que ele quis dizer *1200 punhos de aço*, o que tornaria a conta correta? Enganou-se, fosse com a terminologia (*Legião*), fosse com o próprio número (*1200*), ou, quiçá, inflacionou a quantidade para dar um efeito bombástico ao discurso? Mesmo assim, as adesões foram suficientes para justificar uma sede própria para o Departamento de Juventude do município, e, provavelmente, elas ultrapassaram em muito a cifra de 320 da última contagem publicada – é de se imaginar, pois a AIB cresceu muito, no país e na cidade, e a prova disso foi a eleição de integralistas para muitos cargos públicos, inclusive a prefeitura.

O jornal retrata também algumas das atividades dos plinianos, como excursões, assistência social e uma festa, além de noticiar sobre uma escola de preparação dos *oficiais* plinianos, e apresentar a descrição do congresso de chefes da juventude de todo município.

Sete atividades de campo foram descritas em aproximadamente 3 anos de jornal. São excursões dos plinianos, geralmente às áreas rurais de Joinville, onde eram levantados acampamentos, efetuadas atividades físicas, como ginástica, marcha e jogos, e também atividades *cívico-integralistas*, como o hasteamento das bandeiras nacional e do sigma, discursos, e o canto dos hinos nacionais e do partido. A formação para essas excursões era

⁴⁰⁸ Ibidem, loc.cit.

⁴⁰⁹ Ibidem, loc.cit.

⁴¹⁰ Idem, nº 90, p. 2.

⁴¹¹ Ibidem, loc.cit.

feita geralmente aos domingos, e a descrição delas era entremeada com frases laudatórias à bravura dos escoteiros. Destaco aqui três dessas excursões, pela sua importância e conteúdo.

A primeira excursão da juventude integralista de Joinville fora somente para reconhecimento do futuro terreno que iriam freqüentar, e ocorreu em 28 de outubro de 1934. Os meninos, após uma marcha de vários quilômetros, se alojaram da chuva num salão, onde eram esperados. Lá, após assentarem-se, “entrou-se na ‘parte musical’ que consistia de uma gaita de boca e tambores”, depois “quase todos [entretiveram-se] em lutas ‘romanas’”, o que no fim “o instrutor dos Escoteiros expunha a musculatura, convidando três rapazes a subirem em seus ombros”, para depois formarem pirâmides humanas, fazerem ginástica e divertirem-se.⁴¹² Claro, ainda era uma primeira sondagem, e talvez não houvesse nem programa para aquele dia, que não fosse só socializar a turma e averiguar o local.

Em outra dessas atividades, já em 1937, tem-se uma descrição mais rica em detalhes. Vê-se, por exemplo, que o Departamento da Juventude crescera bastante, tornando-se patente as divisões da tropa: “Às sete horas da manhã formaram **quatorze patrulhas**”⁴¹³ (grifo meu); “Foram escaladas a **1ª e 2ª Decúrias dos Pioneiros**”. Foi nesta ocasião que o recém-formado pela *Escola de Preparação Juvenil* – responsável pelo quadro de *oficiais* plinianos, como veremos adiante – Ary Henkel-Schmidt tomou posse como *sub-Monitor* da 1ª Decúria do DMJ de Joinville devido à sua “disciplina, vontade de trabalho, entusiasmo com que vinha se distinguindo na Tropa, e, essencialmente, pelas suas nobres virtudes morais”. A atividade daquele domingo fora um exercício de emboscada, onde a 1ª e a 2ª Decúrias de Pioneiros, liderados pelo seu novo chefe, se embrenhariam nas matas próximas a um campo de aviação da cidade, e tentariam pegar de surpresa o restante da Tropa, organizada como um exército, auxiliada por patrulhas: “As patrulhas de exploração avançavam separadamente (...) em fila indiana (...). O sinaleiro avançava na retaguarda da 1ª Patrulha para poder transmitir os sinais ao sinaleiro da 2ª Patrulha, ao qual competia retransmitir ao grosso da Tropa”. Por fim, 15 minutos depois após sua partida, foram surpreendidos pelo *inimigo*, o qual fora subjugado.⁴¹⁴

Após esse *combate*, os plinianos fizeram exercícios físicos, e depois lancharam, cada um dividindo a comida com quem esquecera de trazer, “satisfeito de ter cumprido, como em todos os dias, o artigo 3º do Código do Pliniano, que reza: ‘O Pliniano auxilia sempre a seu semelhante e pratica, diariamente, uma ação nobre’”. Em seguida, jogaram futebol e, findo o

⁴¹² Idem, nº 15, p. 1 – Todas as citações do parágrafo.

⁴¹³ Sete Decúrias, ou, aproximadamente, 70 pessoas.

⁴¹⁴ Idem, nº 105, p. 2.

programa elaborado pelos responsáveis, a tropa ficou livre para outras diversões, retornando-se para a sede, a fim de cantarem o Hino Nacional.⁴¹⁵

Por fim, cabe descrever a última excursão publicada em *Anauê*, em 24 de outubro de 1937, pois ela contém importantes elementos discursivos, sem contar o evento *sui generis* que foi a visita à Ilha Grande, no litoral norte de Santa Catarina, local de natureza selvagem, e onde o narrador da excursão se esforçava, no texto, para unir as imagens de uma pujança pliniana com o ambiente natural: “Seu manto verde confraternizava harmoniosamente com o verde de nosso uniforme, e o lenço branco [também do uniforme] assinalando a pureza que ali existia”.⁴¹⁶

Logo ao chegarem na ilha, os meninos iniciaram a educação física, porém, não sem a vontade de aproveitar o mar, que, segundo o discurso, desafiava a sua disciplina integralista: “O mar convidava, seduzia... e só a disciplina rija podia reter a petizada”. Porém, o instrutor compreendeu a ansiedade dos seus comandados, e, após a ginástica, deixou-os brincarem no mar. Após refrescarem-se na praia, almoçaram ostras, e, em seguida o descanso, perfilaram-se para explorarem a mata: “entraram em forma, uniformizados, para explorar a ilha. (...) Exercício de orientação: ‘onde fica o Norte’? – ‘Ali, não, aqui, não, mais para Oeste’ – e as respostas zuniam febris, revelando os conhecimentos de cada um”. Por fim, tomaram o barco e retornaram à cidade, onde rumaram para a sede, a fim de saudar as bandeiras do Brasil e do Sigma, entoando hinos e despedindo-se.⁴¹⁷

Na maioria desses eventos destaca-se a alegria com a qual os jovens faziam as tarefas, segundo o narrador. O aprendizado era feito em meio a uma vivência descontraída e natural, aproveitando da vitalidade da gurizada, visando ensinar os preceitos integralistas sem fazer-se necessário qualquer tipo de imposição ou explanação tediosa. Além disso, vemos o programa escoteiro de Baden-Powell sendo executado, com acampamentos, exercícios de emboscada – até mesmo o tal *Código do Pliniano* é uma adaptação do *Código Escoteiro*. Claro, a milícia juvenil nada mais era do que um grupo escoteiro, porém, com suas finalidades e estrutura modificadas para atender às necessidades de reprodução da ideologia integralista.

Havia uma discussão sobre a questão do escotismo dentro da AIB. Tanto é que, comparando-se os estatutos de 1934 e de 1936, a evocação ao *Guia do Escoteiro* do Comandante Sodré, altamente presente no primeiro, é praticamente abolida no segundo,

⁴¹⁵ Ibidem, loc.cit.

⁴¹⁶ Idem, nº 106, p. 2.

⁴¹⁷ Ibidem, loc.cit.

embora se possam reconhecer muitas semelhanças com o movimento inglês até os últimos dias do Integralismo. O próprio Departamento da Juventude do núcleo de Joinville discutia isso, quando foi mencionado que “o secretário de Estudos, bandeirante E.C. de Bessa, fará uma palestra sobre ‘Escotismo badeniano’⁴¹⁸ e a Juventude Integralista”.⁴¹⁹ Quem comenta isso também, mas sobre as diferenças entre os dois movimentos, é o reverendo Gastão de Oliveira, cuja carta de exoneração dos cargos de Diretor Técnico Geral e de delegado junto ao órgão máximo escoteiro no país - a União dos Escoteiros do Brasil - é publicada no primeiro número da revista *Anauê*⁴²⁰, e, dois meses depois, no jornal *O Jaraguá*, de Jaraguá do Sul, Santa Catarina – de onde transcrevi o artigo completo.

Na carta, o reverendo afirma ter sido fruto de sua *evolução mental* o seu desligamento do movimento de Baden-Powell, pois

a Escola Badeniana, em essência, não pode ser nacionalista, e não é; pelo contrário, ela constitui um perigoso movimento internacionalista. Perigoso porque sutil e imperceptivelmente instila o ideal do enfraquecimento da idéia de Pátria em proveito do exagerado sentido de fraternidade internacional que coloca a juventude de todos os países sob a chefia dum Lord da Inglaterra, sob um súdito do Império Britânico, que é o venerado e obedecido ‘Chief Scout’.⁴²¹

Assim, devido à pretensa subordinação do escotismo ao Império Britânico, e não a finalidades brasileiras, é que o Sr. Gastão desligou-se. E ainda segue: “O ESCOTISMO É UM MAL que enfraquece o que já quase não possuímos – o nacionalismo (...)” e conclui que “este internacionalismo, senhores, é PIOR QUE O DE MOSCOU, porque é disfarçado e tem o poder de operar insensivelmente e subjetivamente por um processo demorado de educação das novas gerações, desde a tenra infância”.⁴²² Portanto, segundo o dissidente, “não tolero mais um ‘chief’ inglês para a mocidade brasileira”, e, depois de ter conhecido o Integralismo por intermédio de Gustavo Barroso, afirma que “não mais vos serei, porém, solidário no movimento Badeniano; ser-lhe-ia, porém, no movimento Pliniano”⁴²³, embora não tivesse confirmado sua adesão, e nenhuma outra menção a ela fosse feita nas páginas posteriores da revista.

⁴¹⁸ Relativo ao escotismo de Baden-Powell, que os integralistas faziam questão de diferenciar do seu tipo.

⁴¹⁹ Idem, nº 36, p. 4.

⁴²⁰ ANAUÊ (R), nº 1, p. 77.

⁴²¹ O JARAGUÁ, nº 57, p. 3.

⁴²² Ibidem, loc.cit.

⁴²³ Ibidem, loc.cit.

Para a AIB, o desligamento dessa alta autoridade escoteira nacional, e a sua denúncia de um *internacionalismo pior que o de Moscou* dentro daquele movimento, serviu como uma luva para promover o seu próprio ideal de grupo de juventude, com um chefe brasileiro, no comando de um movimento que se dizia genuinamente nacional – tanto foi que mereceu o destaque nas páginas do primeiro número da primeira revista do sigma, a *Anauê*.

Argumento similar é divulgado no jornal *Anauê* de 23 de fevereiro de 1937, onde um membro da Juventude escreve sobre educação e toca no ponto do escotismo: “O programa escotista (sic) de Baden-Powell é indiscutivelmente nobre e elevado, tendo por base a educação sã e pura da juventude universal, e, por ser universal, não nos convém adota-lo desde que possuímos habilidade suficiente para formarmos um programa puramente brasileiro”.⁴²⁴ Assim, o autor demonstra a eficácia do “programa puramente brasileiro”, “onde rapazes antes muito desnacionalizados tornaram-se brasileiros entusiastas (...); onde outros, que pouco ou quase nenhuma noção tinham sobre a sua nobre finalidade, a sua futura missão, tornaram-se também bons brasileiros”.⁴²⁵ Provavelmente os rapazes *desnacionalizados* eram filhos de imigrantes alemães, pois o texto foi escrito numa região de forte colonização germânica, o que o jornal *Alvorada*, de Blumenau, quando da visita de Salgado à cidade, corrobora na descrição das atividades do evento: “E como nos confortou, mais tarde, no trem, ver aquele menino de cabelos loiros e olhos azuis, desses a quem se diz serem educados sob o influxo estrangeiro, fazer a viagem toda cantando, com os pais, o hino nacional”.⁴²⁶

Os plinianos também participavam de atividades de caridade, em conjunto com o Departamento Feminino, como retratado no jornal *Anauê* anterior ao Natal. O Integralismo destacava-se pela assistência social, e, no Natal, eles distribuíam brinquedos e comida aos pobres, e, no caso da matéria do jornal, de crianças carentes, solicitando, também, o auxílio do comércio local, para ajudar a *engordar* a festa: “No dia 24 à noite, com a presença da Chefia dos dois Departamentos [Juventude e Feminino] e outras autoridades integralistas, se dará a distribuição de balas, doces, e onde também será oferecido aos plinianos uma farta mesa de doces, cafés, chocolates, gasosas, capilés, etc”.⁴²⁷

As festas eram lugares de socialização ideológica, onde os integralistas de todas as idades confraternizavam e faziam propaganda do seu movimento, tanto pela própria presença e comportamento, quanto pelos discursos e atividades executadas. Exemplo disso foi a

⁴²⁴ ANAUÊ (J), nº 71, p. 2.

⁴²⁵ Ibidem, loc.cit.

⁴²⁶ ALVORADA, nº 22, p. 1.

⁴²⁷ ANAUÊ (J), a. 2, nº 19, p. 4.

inauguração da sede própria do Departamento de Juventude, tamanho vulto este obtivera no município. Uma semana antes da inauguração, já era divulgado que a sede estava sendo adaptada e pintada pelos próprios milicianos juvenis, “que assim demonstram espírito de solidariedade e capacidade de realização”.⁴²⁸ No dia anterior à festa, o jornal dedicou duas notas separadas, nas páginas 2 e 4, para a divulgação da programação e para o convite:

As 10h30min: inauguração solene com a presença de altas autoridades integralistas. Sessão franqueada a todas as pessoas. Esse ato será abrilhantado por uma excelente orquestra.

As 12h: formidável churrascada; Cafés, doces, sanduíches, bebidas, chopes, etc

As 13h: Grande Domingueira.⁴²⁹

Além disso, viriam comitivas de vários sub-núcleos de Joinville e até de fora para preencher o programa: “Chegarão hoje de tarde [véspera do evento] e amanhã, pela manhã, caravanas de Camisas Verdes de Rio Bonito, Corveta, Jaraguá, Bananal, e de todos os sub-núcleos das estradas deste município”.⁴³⁰ Além disso, haveria a “solenidade da entrega dos diplomas aos novos Instrutores Plinianos”⁴³¹, formados pela Escola de Preparação.

A festa transcorreu “com grande brilhantismo”, segundo a descrição na edição seguinte de *Anauê*, e seguiu até a noite, com a orquestra contratada. “Fizeram-se ouvir diversos oradores, que exaltaram a obra educacional do Integralismo”, dentre eles o próprio chefe do Departamento de Juventude, Silvio Prodoehl, que agradeceu os que contribuíram com a reforma do casarão onde foi instalada a sede, e exaltou efusivamente os seus comandados: “(...) é a verdadeira Juventude da Pátria que se movimenta, que se coordenou sob uma só Bandeira, que marcha viril para um destino mais glorioso, garantindo a Honra e a Dignidade da Nação, forjada no fogo da trilogia sagrada de ‘DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA’”.⁴³²

O núcleo de Joinville contou também, como já visto, com uma *Escola de Preparação Juvenil*, responsável pela formação dos *graduados* plinianos. Assim, em “1º de agosto do ano passado [1936] foi fundada a Escola de Preparação Juvenil, que visa instruir devidamente Plinianos e Vanguardeiros”.⁴³³ A previsão de formatura da primeira turma era para fevereiro de 1937, pois, ao que tudo indica, já estavam treinando todas as terças-feiras “à noite, na Sede

⁴²⁸ Idem, nº 88, p. 1.

⁴²⁹ Idem, nº 89, p. 2.

⁴³⁰ Ibidem, p. 4.

⁴³¹ Ibidem, loc.cit.

⁴³² Idem, nº 90, p. 2.

⁴³³ Idem, nº 65, p. 1.

Central, em ambiente animado”⁴³⁴. Porém, por algum motivo não anunciado, os exames só foram realizados nos dias 18, 19 e 20 de maio do mesmo ano, onde os dez formandos puderam demonstrar aquilo que aprenderam no decorrer do curso.

Complementando o caso da *cidade das flores*, a revista *Brasil Feminino* informou, no seu número 36, a inauguração de um Curso de Preparação de Instrutores de Educação Física Feminina no estado da Guanabara, em junho de 1937. Este fato aproxima-se muito da situação analisada aqui: “o curso se propõe a preparar a mulher integralista para o desempenho da missão que o CHEFE NACIONAL lhe confiou – a do **preparo das gerações vindouras**”.(grifo meu)⁴³⁵ O programa constituía-se de “noções de psicologia, pedagogia e metodologia da educação física, danças regionais e noções de primeiros socorros”, e as moças seriam “entregues à prática da recreação salutar, (...) [suscitando] oportunidades para educar o espírito de cooperação e sacrifício pessoal”, o que estava de acordo com “as diretrizes da educação moderna”⁴³⁶, em relação ao uso do lúdico como forma de educação. A partir daí podemos supor o conteúdo do programa da escola joinvilense, pois esta formação foi elaborada sob os mesmos auspícios – os da Secretaria de Arregimentação Feminina e da Juventude -, além de tratarem da educação dos respectivos grupos juvenis, sejam eles de rapazes ou moças.

Vê-se em ambos os casos o empenho integralista no aperfeiçoamento da formação de seus instrutores da juventude, pois a uniformização desses por meio da escola preparatória pode ter sido feita no intuito de uma padronização das ações e do conteúdo reproduzidos nas instruções de campo e em outras ocasiões educativas, o que provavelmente aumentou não só a eficácia pedagógica, refletindo-se numa maior presença de pessoal devidamente capacitado na liderança das patrulhas e tropas, mas também, em tese, a coesão da ação doutrinária da AIB em todo o país.

Essa preocupação também é percebida quando da organização do I Congresso Municipal Pliniano, onde chefes de juventude de toda Joinville se reuniram a fim de receberem as novas instruções para o ano de 1937, como dizia a chamada do periódico camisa-verde: “O Congresso tem por finalidade essencial assentar o programa a ser desenvolvido no corrente ano, a fim de que o movimento pliniano alcance o máximo desenvolvimento neste Município”.⁴³⁷ Então, numa cerimônia repleta dos protocolos de praxe

⁴³⁴ Idem, nº 69, p. 1.

⁴³⁵ BRASIL FEMININO, nº 36, p. 43.

⁴³⁶ Ibidem, loc.cit.

⁴³⁷ ANAUÊ (J), nº 84, p. 1.

– vários anuês, hinos, discursos e aplausos -, o chefe do Departamento da Juventude “fez a leitura do seu programa sobre a orientação a ser seguida por todos os Chefes Plinianos dos Núcleos Distritais e Sub-Núcleos”, demonstrando “nos mínimos detalhes a larga visão e compreensão da finalidade do Departamento Pliniano”.⁴³⁸ Prodoehl explicou cada ponto para que ficasse claro aos responsáveis pelas outras seções de juventude do município, e repassou as duas primeiras instruções para as chefias dos sub-núcleos, “sendo a primeira com referência aos jogos instrutivos a serem aplicados aos Plinianos, e a segunda sobre a organização interna do DMP”.⁴³⁹

Por fim, na ocasião deste congresso, marcou-se uma reunião para dois meses depois (29 de agosto de 1937), na qual discutiu-se “o problema educacional pliniano”, além de questões organizacionais.⁴⁴⁰ Essas reuniões indicam mais uma vez a maturidade e o grau de complexidade do movimento que os líderes municipais e locais estavam lidando, e também que ele estava fazendo-se ainda, pois deste encontro foi marcado outro para 31 de outubro, no qual foram discutidos:

- 1) Organização dos grupos;
- 2) Equipamento e uniforme;
- 3) Programa de instrução geral;
- 4) Instalação de seções de agricultura;
- 5) Organização esportiva;
- 6) Diversos.⁴⁴¹

Os pontos 1) e 4) são os mais intrigantes, pois indicam não somente que poderia haver problemas de organização local - pois a ênfase nesse *problema* é encontrada não somente nessa nota sobre a terceira reunião, mas também na pauta da segunda reunião, e nas instruções sobre a nova disposição organizacional do Departamento Municipal de Juventude -, mas que o movimento já tratava de criar seções especializadas em determinados tipos de educação – que seja a agricultura, neste caso, ou mesmo, como no exemplo da *Revista Brasil Feminino*, nos Clubes de Aviação que a Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e de Juventude estava planejando implementar aos poucos.

Pôde-se ver que essa experiência integralista no campo da educação infanto-juvenil foi tomando forma no decorrer dos anos. O pensamento dos ideólogos e técnicos do

⁴³⁸ Idem, nº 85, p. 1.

⁴³⁹ Ibidem, loc.cit.

⁴⁴⁰ Idem, nº 98, p. 4.

⁴⁴¹ Idem, nº 106, p. 3.

movimento se materializou em hierarquia, tropas, equipamentos, uniformes, esquemas educacionais, hinos, brincadeiras e muita doutrinação. A complexidade e o tamanho dos Departamentos de Juventude cresceu na medida da expansão integralista pelo país, principalmente de 1936 em diante, devido ao episódio revolucionário socialista de 1935 e outros fatores internos, como as dissidências já mencionadas e a busca por uma maior eficácia na propaganda e arregimentação de militantes.

3.3 - “UMA JUVENTUDE INVENCÍVEL CRESCEU EM TORNO DE MIM. A ELA PERTENCERÁ O BRASIL”

Camisas Verdes. Quando quiserdes ver o vosso Chefe, olhai para os vossos companheiros. Quando quiserdes ouvir a voz do Chefe, rufai vossos tambores (...). E se, nos recessos do sertão da nossa pátria (...) não tiverdes nem companheiro, nem tambor (...) e, mesmo assim, quiserdes ver o Chefe, procurai no espelho dos rios (...) a vossa própria imagem: e se nos seus olhos rutilar esta fé que nos abrasa, nos destinos grandiosos do Brasil, tereis visto, no brilho dos vossos próprios olhos, a presença do Chefe.
O Chefe não é uma pessoa: é uma idéia.⁴⁴²

Este gesto de desprendimento de Plínio Salgado em relação ao culto de sua imagem, na ocasião de ter recusado a homenagem de uma turma de formandos de São Paulo⁴⁴³, nos revela uma tentativa de afirmar que a idéia do Integralismo está acima de qualquer figura da Ação Integralista Brasileira. Embora seu vulto se estenda à totalidade da AIB, seus escritos apontam para essa recusa do *culto ao Chefe*: “O Brasil aprendeu a falar. Já não precisa mais de caudilhos. (...) Já rejeita os medalhões, os protetores, os ‘pais da Pátria’. (...) Despede os procuradores em causa própria ou com mandatos especiais. Não lhe falem em cicerones ou intérpretes”.⁴⁴⁴ Se o próprio Brasil já teria rejeitado os *condottieri* tradicionais, então não seria o Integralismo – pelo menos em teoria – que traria um outro *medalhão* para a cena política. O próprio Chefe afirma: “Não estou chefiando este movimento por ambição pessoal. À proporção que ele cresce vou-me sentindo desobrigado perante a História”⁴⁴⁵; e ratifica: “Quero ser a raiz obscura enterrada no coração da Pátria”⁴⁴⁶. Ele afirma sua condição de impulsionador primeiro do Integralismo: “A Grande Árvore já está de pé. A seiva que a

⁴⁴² SALGADO, Plínio. **Cartas aos Camisas-verdes**. RJ: José Olympio, 1935, p. 19-20, *apud* ARAÚJO, *op.cit*, p. 74.

⁴⁴³ Cf. ARAÚJO, *op.cit*, p.74.

⁴⁴⁴ SALGADO, 1957b, p. 220.

⁴⁴⁵ *Ibidem*, p. 229.

⁴⁴⁶ *Ibidem*, p. 230.

alimenta não sobe através de mim apenas. Eu já me multipliquei em numerosas raízes. Que raízes são essas? A mocidade da Pátria”⁴⁴⁷.

Salgado indica que o pensamento que engendrou é circunstancial, e os que virão saberão mantê-lo vivo, pois “o desenvolvimento do Integralismo, até seu triunfo, terá de obedecer a leis próprias, inerentes à psicologia social de determinada massa humana, em determinadas circunstâncias geográficas, históricas, econômicas e, principalmente, espirituais”⁴⁴⁸. Por isso, é à mocidade, e não a si próprio, que o Chefe dedica seu projeto de Nação: “Uma juventude invencível cresceu em torno de mim. A ela pertencerá o Brasil. Quando? Não me interessa. A ela é que interessa”⁴⁴⁹. Dessa forma, Plínio sugere que sua obra não é propriamente sua, mas das gerações vindouras, como segue o texto: “E os moços não permitirão que nenhum aventureiro se apodere da **sua idéia** para desvirtuá-la”⁴⁵⁰ (grifo meu).

Esse desprendimento também é visto por Araújo (1986), no momento que o autor analisa o caráter de mobilização da AIB. Ele afirma que Plínio repudiava drasticamente os vínculos personalistas cultivados no Brasil, e via na sujeição cega a um chefe a continuação não só do caudilhismo, mas também do messianismo, onde, tanto em um quanto em outro, espera-se algo do chefe ou do além:

(...) “o integralismo é, exatamente, o contrário do messianismo político. É um combate permanente às ‘esperas’ insensatas, ao sonho vago, ao taumaturgismo e ao caudilhismo líricos”⁴⁵¹, pois baseia-se unicamente na incondicional e definitiva adesão de todos aos impessoais princípios que orientam o seu programa, cuja implementação vai exigir, na sua visão, não a “espera”, mas a mais absoluta mobilização.⁴⁵²

E Salgado, em sua Carta de Natal de 1935, só faz confirmar a análise acima, quando critica as proporções místicas do Nacional-Socialismo, afirmando ser o nazismo “um misticismo transportado do campo religioso, onde sempre deveria estar e de onde nunca deveria sair, para o campo das atividades políticas”, e apontando o absurdo da “concepção do Chefe como um homem diferente dos outros, um semi-deus, a encarnação de Odin”⁴⁵³. É diante do fenômeno místico-político nazista e das proporções que o seu movimento tinha tomado, que Plínio confessa:

⁴⁴⁷ Ibidem, loc.cit.

⁴⁴⁸ Ibidem, loc.cit.

⁴⁴⁹ Ibidem, loc.cit.

⁴⁵⁰ Ibidem, loc.cit.

⁴⁵¹ SALGADO, Plínio. **A doutrina do Sigma**. RJ: Schmidt, 1937, p.68, *apud* ARAÚJO, op.cit., p. 73.

⁴⁵² ARAÚJO, op.cit., p. 73.

⁴⁵³ SALGADO, 1957b, p. 293.

(...) muitas vezes percebi o perigo que poderíamos preparar para o futuro do meu Povo e para mim próprio. Eu mesmo poderia perder a consciência da minha própria personalidade, porque me julgaria, a cada passo, diante do formidável milagre nacional do Integralismo, único na História, **alguma coisa de muito superior ao que realmente sou**. Mas eis que (...) cai sobre mim a luz mais viva (...) que me mostra toda uma paisagem: sinto a humanidade de César e a humanidade do Estado. Sentindo-a (...), surge uma claridade tranqüila, a consciência de homem de Estado, e nessa claridade vejo a imagem dAquele que nos ensina as lições da harmonia (...). (grifo meu)⁴⁵⁴

Vê-se a evocação de Cristo (...dAquele que nos ensina as lições de harmonia...), que, dentro do discurso, é uma figura apaziguadora, e dá ao Chefe a *tranqüilidade* para não se enxergar como um semi-deus (“sim, porque César é um homem, ainda que os romanos possam acreditar na sua divindade”⁴⁵⁵), mostrando aos militantes que ele nada mais é do que um homem, e que o princípio da autoridade no Integralismo é “permanente e imutável, transitoriamente encarnado num simples Camisa Verde”⁴⁵⁶. Afirma, diferentemente do hitlerismo, que o Integralismo distingue “o campo religioso da área política”, e concebe “a autoridade, não segundo o furor místico, exacerbado, doentio dos adeptos em torno do Chefe, porém, como um princípio de manutenção das estruturas orgânicas da sociedade”⁴⁵⁷. Desta forma, ele rejeita a devoção à sua figura, legando à própria doutrina o papel de liderança: “Os ‘Camisas Verdes’ devem ter como chefe supremo a doutrina integralista”⁴⁵⁸.

Porém, na prática percebe-se um certo culto à personalidade de Salgado em diversas ocasiões, a começar pelos *Protocolos e Rituais*, documento que, conforme já dito, regulamenta a ritualística do Sigma. Enquanto esse guia afirma que “o Chefe Nacional (...) é mais que uma pessoa: é uma idéia”⁴⁵⁹, também diz ser inatingível a sua pessoa (Art. 11, parágrafo *a*), e proíbe a qualquer militante comentar os seus atos (Art. 11, parágrafo *b*), além de vetar interpelações ou opiniões a Salgado (Art. 11, parágrafo *c*), ajudando a solidificar uma imagem imbatível. Aliado a isso, o capítulo dos *Protocolos...* relativo às sedes da AIB previa a obrigatoriedade de fotos do líder em todos os estabelecimentos integralistas, sendo ela sempre a de maior destaque, e aquela que jazeria sobre a mesa principal de reuniões, velando as decisões dos Camisas Verdes.⁴⁶⁰

⁴⁵⁴ Ibidem, p. 297.

⁴⁵⁵ Ibidem, p. 294-295.

⁴⁵⁶ SALGADO, Plínio. **A doutrina do Sigma**. RJ: Schmidt, 1937, p. 69, em ARAÚJO, op.cit., p. 73.

⁴⁵⁷ SALGADO, 1957b, p. 294.

⁴⁵⁸ SALGADO, Plínio. **A doutrina do Sigma**. RJ: Schmidt, 1937, p. 75, em ARAÚJO, op.cit., p. 73.

⁴⁵⁹ AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, 1937, Art. 11.

⁴⁶⁰ AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, 1937, Art. 86, parágrafo I, alíneas “a” e “c”; Art. 87; Art. 93, parágrafo “b”; Art. 96; Art. 102, parágrafo “c”.

A sua evocação também figura nos textos doutrinários da revista integralista de circulação nacional, a ilustrada *Anauê*. Edgard da Rocha Miranda, falando sobre a nova geração despertada pelo movimento do Sigma, expressa alívio ao constatar que, caso a Divina Providência não tivesse enviado Salgado, o Brasil estaria *perdido*:

Ah! Brasileiros, jovens companheiros meus, **não fora** (sic) **a graça da Divina Providência havendo-nos enviado um CHEFE** que prega uma doutrina regeneradora e sã, ao alcance de todos aqueles que querem salvar-se num esforço supremo de desespero, (...) **muito triste e muito desgraçado seria o nosso fim prematuro.**⁴⁶¹ (grifos meus)

Note-se o apelo à divindade, à sua ação redentora (...*todos aqueles que querem salvar-se...*), e a sua aproximação com a figura do Chefe, o que se repete no texto *Educação popular*, do padre Leopoldo Aires: “Quando olho assim o extenso panorama da Pátria e vejo que surgem as forças maravilhosas que o liberalismo recalcaria, mas que a voz de Plínio Salgado chamou num grito poderoso, eu sinto uma grande emoção, a emoção profundamente consoladora de **sentir que Deus assiste aos destinos do Brasil**” (grifo meu)⁴⁶². Tom similar é adotado no jornal integralista de Joinville, o *Anauê*, numa curta nota doutrinária: “(...) o Brasil, este gigante que dormia em berço esplêndido, teve, para a sua felicidade, um gênio bendito, que, enviado por Deus, veio acordá-lo (...). E este enviado de Deus apareceu vestido de camisa verde”⁴⁶³. Percebe-se, então, que Plínio não é retratado somente como um líder político, mas também como um enviado divino para salvar o Brasil e os brasileiros.

Embora até certo ponto esforce-se para combater esse culto, o veto do escritor d’*O Esperado* não consegue penetrar nas expressões mais pontuais de seus militantes, sejam eles intelectuais do movimento, como o padre Leopoldo Aires⁴⁶⁴, ou meros jornalistas locais - dificuldade esta que fez com que a AIB mantivesse responsabilidade oficial somente sobre um único impresso, o *Monitor Integralista*, espécie de *Diário Oficial* do partido⁴⁶⁵. Um estudo pormenorizado sobre a exaltação da figura de Salgado não estaria completo sem que se

⁴⁶¹ ANAUÊ (R), nº 8, p. 31.

⁴⁶² Idem, nº 19, p. 37.

⁴⁶³ ANAUÊ (J), nº 41, p. 4

⁴⁶⁴ Como vimos, o padre Leopoldo Aires fez uma reflexão sobre a educação integralista que, tamanha sua importância, figuraria, quase 20 anos após a publicação na revista *Anauê*, na compilação “Enciclopédia do Integralismo”, como uma das sínteses das *idéias pedagógicas* do Sigma.

⁴⁶⁵ “O Chefe Nacional (...) resolveu por um termo à imprensa oficial do Integralismo em todas as Províncias, conservando essa qualidade a um órgão apenas – o ‘Monitor Integralista’, do Rio de Janeiro – subordinado diretamente à Chefia Nacional.

Todos os demais órgãos Integralistas não envolvem nas suas publicações a responsabilidade da Ação Integralista Brasileira, o que, entretanto, não lhes tira, de maneira alguma, o dever de obediência à orientação da Secretaria Nacional de Imprensa (...).” AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, 1937, cap XVII, art. 219.

compreenda a diferença entre os textos aprovados pela Secretaria de Doutrina, e os *outros*, que não passavam pelo crivo oficial.

A constatação da exaltação da sua imagem não foi diferente no universo doutrinário voltado à juventude, a começar pela própria denominação das milícias juvenis do Integralismo: *Plinianos*, ou seja, *pertencentes a Plínio* - denominação similar à *Juventude Hitlerista* (*Hitlerjugend*). A leitura dos textos dos jornais e revistas revela como era construída a imagem do Chefe para as crianças, e propicia uma questão que pode ser levantada para o Integralismo em geral: havia um culto sistemático à personalidade de Salgado?

Começemos com algo emblemático: uma matéria da revista *Anauê*, de folha inteira, sobre uma parte da infância do Chefe Nacional, com fotos da sua família. Ele nasceu em São Bento do Sapucaí no ano de 1895, cidade que é cortada por um rio do mesmo nome indígena, o qual a revista arrisca o seu significado em português: “rio Sapucaí, cujo nome, segundo alguns estudiosos, significa, em língua tupi, ‘rio onde se espera’, ou ‘rio da espera’, ou ‘**da esperança**’” (grifo meu).⁴⁶⁶ A esse detalhe, somam-se outros sinais que demonstrariam a sua *vocação*, como a fotografia de Salgado com 12 anos de idade, a qual a revista oferecia “aos Plinianos da nossa Pátria”⁴⁶⁷, onde ele posa com 4 medalhas cravadas no peito pelas melhores notas da turma. Adicione-se a isso a informação de que seu pai fora *chefe local*, e, sua mãe, “senhora de grande ilustração”⁴⁶⁸.

Ou seja, Salgado, como o texto sugere de forma quase *profética*, estava *predestinado* a ser um líder, começando por nascer numa localidade cujo nome do rio que a corta significa, segundo a revista, *esperança*, e, desde a infância, destacando-se como o melhor aluno da escola, além de ter como *antecedentes* o fato de seu pai ter sido o líder político da cidade, e sua mãe ter possuído *grande ilustração*. O texto de *Anauê* mistifica desta forma, embora, segundo Trindade (1979), a sua infância pareça ter sido realmente marcada por uma educação religiosa e nacionalista, cuja mãe, normalista, ensinara-lhe as primeiras lições de história, religião, geografia, matemática e francês, e seu pai, admirador de Floriano, “tinha o hábito de, à noite, reunir seus filhos para lhes contar as proezas de Caxias, Osório e os episódios da vida dos grandes homens de Estado do Império”⁴⁶⁹, sem revelar-lhes os Estados de origem destes

⁴⁶⁶ ANAUÊ (R), n° 14, p. 11.

⁴⁶⁷ Ibidem, loc.cit.

⁴⁶⁸ Ibidem, loc.cit.

⁴⁶⁹ OBRA COLETIVA. **Plínio Salgado**. SP: Revista Panorama, 1936, p. 7 *apud* TRINDADE, 1979, p.36.

personagens para incuti-los um sentimento nacionalista, e não regionalista.⁴⁷⁰ A diferença entre o que é dito sobre Salgado na revista e nas fontes colhidas por Trindade é o grau de messianismo/finalismo da primeira, onde ele é posto como uma espécie de *esperado*⁴⁷¹: “O misterioso destino dos homens e dos povos reservava para esse menino a mais grave missão entre os seus contemporâneos”.⁴⁷²

Plínio, de acordo com o ideário integralista, era o homem que havia despertado o Brasil. Ou, *descoberto*, como no dizer de Télinho, uma criança de 3 anos de idade, que brincava de escola com seus coleguinhas. Uma menina de 6 anos era a professora, e *tomava a lição* dos seus aluninhos, conforme a história contada na revista *Anauê*. Ninguém respondeu quando ela perguntou à *classe* quem havia descoberto o Brasil, “e o bolo cantou”⁴⁷³ nas mãos dos alunos, até o momento que “Télinho levantou-se, pôs-se firme, ergueu o bracinho direito e falou alto, com força e entusiasmo: - Plínio Salgado!”.⁴⁷⁴ Um narrador reforça a afirmação espontânea do menino, complementando: “Foi, foi Plínio Salgado, disseram todos a uma voz, dando por terminada a aula com esta formidável lição de história do Brasil contemporâneo”.⁴⁷⁵ Assim, a brincadeira infantil serviu de exemplo para o discurso integralista afirmar a importância do Chefe na história, pois tinha sido ele quem havia despertado o país: “o Brasil, este gigante que dormia em berço esplêndido, teve, para sua felicidade, um gênio bendito, que, enviado por Deus, veio acordá-lo daquele sonho profundo”.⁴⁷⁶

E esse *gênio bendito* ainda foi fonte de inspiração para estes outros dois exemplos de atitudes de filhos de integralistas. Cabe ressaltar que na mídia integralista eram publicadas histórias possivelmente reais de crianças em momentos pitorescos, e de onde geralmente se tira alguma lição. A primeira história é de um menino cujo pai não conseguia fazê-lo tomar óleo de rícino, onde ele apela à autoridade do líder integralista:

Depois de muito trabalho infrutífero, veio ao pai do Télinho uma idéia luminosa!
- Télinho, toma o remédio. Foi o Chefe Nacional que mandou.
- O Chefe Nacional?

⁴⁷⁰ TRINDADE, op.cit., loc.cit.

⁴⁷¹ “O Esperado” também é o título do segundo romance de Salgado, de 1931, cuja história passa-se naquele mesmo período, e retrata a confusão de idéias e a falta de direção do país, refletida na falta de um personagem principal.

⁴⁷² ANAUÊ (R), n° 14, p. 11.

⁴⁷³ Idem, n° 17, p. 19

⁴⁷⁴ Ibidem, loc.cit.

⁴⁷⁵ Ibidem, loc.cit.

⁴⁷⁶ ANAUÊ (J), a. 2, n° 41, p. 4.

- Sim, meu filho. Para você ficar forte e poder trabalhar pelo bem do Brasil... Não terminara o “discurso”, e Têlinho já havia tomado o óleo de rícino, sorrindo e fazendo caretas simultaneamente. Ordem do Chefe Nacional não se discute...⁴⁷⁷

A outra conta uma discussão familiar na hora da janta, onde o pai ordena que o filho tire o boné para comer, no que ele se nega:

- Filho, tira o boné, senão te bato!
 - O senhor me bate que eu contarei à minha mãe!
 - Eu bato em ti e em tua mãe! Quem, afinal, é o chefe?
 Nesta altura, o pliniano, todo garboso, erguendo-se da cadeirinha, gesticulando seus bracinhos para o ar, brada:
 - O Chefe é Plínio Salgado!⁴⁷⁸

Vimos, nos dois casos, uma imagem bem clara do Chefe Integralista: a invocação de seu nome já bastava para passar por cima da autoridade do pai, tanto aquele que não conseguia fazer o filho tomar o remédio - pois *ordem do Chefe Nacional não se discute*, diferente da do pai -, quanto no caso do mal entendido do filho, que diz ser chefe não o pai, mas Salgado - onde o texto sugere que Plínio paira sobre a autoridade paterna, mesmo tendo sido uma *confusão* do menino quanto à compreensão do conceito de *chefe*.

O chefe também é mostrado como o médico da nação, num conto infantil de Míris Wanderley, escritora assídua nas páginas de *Brasil Feminino*. Ela narra a história de um gigante bondoso, com as características físicas do Brasil (“Os pés do gigante são o Rio Grande do Sul. As pernas, São Paulo, Paraná, Santa Catarina. O tronco Minas Gerais...”⁴⁷⁹), que fora envenenado por feiticeiros de uma fria e distante terra, cuja intenção era deixa-lo fraco. Porém, um médico decidiu não somente diminuir as dores do doente, mas extirpar o mal pela raiz. Por fim, curou o gigante e “os diabólicos discípulos do feiticeiro foram mortos”⁴⁸⁰.

Este é um conto anticomunista, como revela a autora, onde os feiticeiros são Lênin e seus *discípulos*, a terra distante é a Rússia, o gigante é o Brasil, o médico, claro, “Plínio Salgado, e o meio que ele emprega para salvar o Brasil é educando seus patrícios e pondo-os em guarda para que não se deixem apanhar pelos comunistas”.⁴⁸¹ Míris convoca, por fim, os

⁴⁷⁷ ANAUÊ (R), nº 3, p. 24.

⁴⁷⁸ ANAUÊ (J), nº 58, p. 1

⁴⁷⁹ BRASIL FEMININO, nº 38, p. 45

⁴⁸⁰ Ibidem, loc.cit.

⁴⁸¹ Ibidem, loc.cit

soldadinhos do Sigma: “Plinianos do Brasil que Plínio Salgado está salvando do comunismo: nessa hora tão pungente de nossa história, de braço erguido, reafirmem que estão prontos para auxiliá-lo, e que jamais o abandonarão, e que o secundarão, diante da vida e da morte, pelo bem do Brasil”.⁴⁸² Vê-se, novamente, a figura central do político paulista tomando as rédeas de um processo – neste caso, educando o país e salvando do comunismo. Não deixemos também passar em branco o apelo ao sacrifício dos pequenos em nome do Chefe, *pelo bem do Brasil* – o que será discutido adiante.

Por fim, tem-se uma última referência que trata sobre o culto ao escritor de São Bento do Sapucaí, que é a ostentação de um retrato do líder na capa da primeira edição do *Suplemento dos Plinianos*, como forma de inspiração para as novas gerações, segundo a própria revista: “As crianças brasileiras precisam conhecer o mais possível esta figura inconfundível para mais admirá-la e para amá-la com mais ardor, entusiasmo e confiança”⁴⁸³. Ele representa, segundo a nota doutrinária que consta no *Suplemento*, “todo um programa de realizações puras e de amor ao Brasil”.⁴⁸⁴ Ela finaliza afirmando que o desenho “simboliza a figura deste grande brasileiro como se acha gravada nos corações de seus pequeninos compatriotas”.⁴⁸⁵

Os divulgadores da doutrina na mídia integralista tendem, como pude mostrar, a exaltar a figura de Plínio Salgado. Desse trabalho, destacam-se pelo menos três características presentes nos textos, seja em conjunto, ou isoladamente. Uma delas é a **mistificação** da figura do líder, na medida que se utiliza uma linguagem religiosa para referir-se à sua vocação para liderança, seja como enviado divino (*gênio bendito (...) enviado por Deus, Divina Providência havendo-nos enviado um CHEFE*), seja por destino (*O misterioso destino (...) reservava para este menino a mais grave missão*). Embora em seus livros Plínio aparentasse lutar contra essas manifestações, elas acabavam incorporando-se aos discursos integralistas. Estudando esse fenômeno, Araújo (1986) justifica-o baseado nos escritos de Salgado:

sua figura de chefe continuava a receber inúmeras homenagens, sendo alvo de um verdadeiro endeusamento. Afinal, um país não abandona as suas tradições [messiânicas e “caudilhescas”] de uma hora para outra e, por isso mesmo, muitos militantes integralistas se comportavam como se do destino pessoal de Plínio dependesse o futuro do movimento e do Brasil.⁴⁸⁶

⁴⁸² Ibidem, loc.cit

⁴⁸³ Idem, nº 36, p. 3.

⁴⁸⁴ Ibidem, loc.cit

⁴⁸⁵ Ibidem, loc.cit.

⁴⁸⁶ ARAÚJO, op.cit., p. 73-74.

Porém, não eram simples militantes, mas, sim, ideólogos, e, mais ainda, ideólogos que se propunham a formar a juventude a partir dos seus escritos nas revistas e jornais da AIB. Portanto, o resultado é, ao menos restrito a este universo documental, claramente o de um culto à personalidade de Salgado: “As crianças brasileiras precisam conhecer o mais possível esta figura inconfundível para mais admira-la e para amá-la com mais ardor, entusiasmo e confiança”.⁴⁸⁷

Outra característica que pude perceber no decorrer das leituras dos textos doutrinários foi a centralização da figura de Salgado como **agente**, pois, de acordo com os textos, é ele quem *salva*, quem *chama*, quem *acorda* o país. Embora os próprios integralistas também estivessem imbuídos dessa tarefa de *levantamento* do Brasil, como é revelado também por conta desses mesmos ideólogos, há uma diferenciação entre o Chefe e os militantes.

Plínio é mostrado como o *médico* – ou seja, aquele que tem o *poder*, o conhecimento para combater as doenças - que “está salvando do comunismo” o Brasil, e também é quem chama as forças recalcadas do país “num grito poderoso”, tendo sido “enviado por Deus” para acordá-lo. É ele quem “prega uma doutrina regeneradora e sã, ao alcance de todos aqueles que querem **salvar-se**” (grifo meu) - como mencionado nas exposições acima -, e convoca a juventude para formar com ele: “Eles surgiram [os escoteiros integralistas de Joinville]... Surgiram sob o brado de PLÍNIO SALGADO”.⁴⁸⁸

Mesmo quando os integralistas agem, fazem-no por sua inspiração, segundo o esquema discursivo camisa-verde, pelo princípio da autoridade e da disciplina: “É esta geração de hoje, Plinianos agora, Vanguardeiros amanhã, e Integralistas depois, que, sob a orientação profundamente brasileira de Plínio Salgado, **nós libertaremos** (sic) o Brasil desta que nos prende intelectualmente, economicamente e cientificamente à Europa decrepita ou à América esnobe” (grifo meu)⁴⁸⁹, nos dizeres de um pliniano joinvilense. Um outro autor, pelo contrário, acentua o sacrifício de cada Camisa Verde em prol do movimento, sem destacar a figura do líder da AIB: “Homens e mulheres de todas as idades e condições sociais, com ou sem recursos, todos igualmente se sacrificam e dão o que podem para a concretização desse ideal”.⁴⁹⁰ São os próprios militantes que fazem o movimento viver: “O Integralismo não

⁴⁸⁷ BRASIL FEMININO, op.cit., loc.cit.

⁴⁸⁸ ANAUÊ (J), nº 13, p. 1.

⁴⁸⁹ Idem, nº 40, p. 1.

⁴⁹⁰ ANAUÊ (R), nº 3, p. 36 e 38.

promete nem dá coisa alguma aos seus Camisas Verdes. Ao contrário, eles que fazem o Integralismo viver, pela força do seu ideal imorredouro.”⁴⁹¹ A ideologia “operou o milagre, criou o homem novo, símbolo de força e de estoicismo, que vai estruturar a nação nova, a grande Pátria brasileira”.⁴⁹² Desta forma, tudo indica que havia *um* culto à figura de Salgado, embora houvesse a consciência de que os militantes também eram importantes nessa mobilização para implementar o regime integral.

Por fim, compreendo ser a terceira das características encontradas nos textos a **presença da autoridade** do Chefe. Assim, Salgado paira sobre todos como se sempre estivesse acima dos militantes, por mais que ele se considerasse um “simples Camisa Verde”⁴⁹³ cuja doutrina nele estivesse transitoriamente encarnada, como mencionado anteriormente. Pode-se ver seu vulto sempre presente pela ordenação de que seu retrato estivesse presente em todas as sedes, sempre em destaque, e sobre a mesa de reuniões:

Todas as sedes da AIB deverão ter:

I – Na sala principal:

a) O retrato do Chefe Nacional, entre as bandeiras Nacional e Integralista cruzadas;

(...)

c) Uma mesa longa ou balcão que servirá para a mesa das sessões, colocada de maneira que se veja o fundo, no alto, o retrato do Chefe.⁴⁹⁴

(...)

Art. 87 – Quando a sede possuir apenas uma sala, poderão nela existir outros retratos, além do Chefe Nacional, porém sempre de dimensões menores que a do Chefe.⁴⁹⁵

Percebe-se, então, como sua presença é constante no cotidiano dos Camisas Verdes. Salgado parece ter mais autoridade até que os próprios pais de família, pois a sua simples evocação faz os filhos obedecerem, já que “ordem do Chefe Nacional não se discute”, como mostrado numa historieta de veracidade duvidosa, publicada na revista Anauê, com o menino que tomou óleo de rícino devido ao apelo do pai para a figura do líder. Ou o filho que, mesmo tendo respondido com espontaneidade infantil, serviu de exemplo para dizer que o Chefe não era o pai: “Quem, afinal, é o chefe?”, pergunta o pai briguento, em que o filho responde: “O Chefe é Plínio Salgado”. Mesmo sendo um texto pretensamente verdadeiro, nele mesmo é afirmado, logo na sua introdução, que o trabalho dos militantes era o de lapidar nas

⁴⁹¹ Ibidem, loc.cit.

⁴⁹² Ibidem, loc.cit.

⁴⁹³ SALGADO, Plínio. **A doutrina do Sigma**. RJ: Schmidt, 1937. p. 69. *apud* ARAÚJO, op.cit., p.73.

⁴⁹⁴ AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, 1937, art. 86, parágrafo I, alíneas a) e c);

⁴⁹⁵ Ibidem, art. 87.

consciências dos brasileiros, especialmente das crianças, a doutrina⁴⁹⁶, e que “a criança, esta sim, em maior parte, compreendeu o Integralismo não filosoficamente, mas sim por amor”⁴⁹⁷, ou seja, elas teriam a capacidade de compreender os princípios ideológicos de forma *natural*, e o reflexo disso está presente no texto, independente de o exemplo ser verídico ou não.

Nesse processo de criação do Homem Integral - expressão máxima do Estado Integralista -, a AIB trataria de somente “aparar as arestas” dos pequenos, pois eles, segundo a retórica camisa-verde, seriam os legítimos herdeiros da obra de Plínio Salgado – “a estas crianças, futuras autoridades de nosso torrão pátrio, caberá formar e moldar este novo sistema de governo”.⁴⁹⁸ Elas já traziam a imagem de Salgado - personificação da doutrina - em seus corações, pois sua doutrinação dentro das hostes do Sigma já havia inculcado-lhes o amor ao seu Chefe, e seria questão de tempo transformarem-se nos futuros guardiões dessa nação *despertada* por Plínio Salgado.

3.4 - “MAMÃE, EU HOJE NÃO QUERO IR AO CINEMA, QUERO FAZER MORTIFICAÇÃO PELA VITÓRIA DO INTEGRALISMO!”

A Ação Integralista Brasileira era um movimento formado basicamente por jovens. Diferente da política tradicional de então, marcada pelos velhos caciques, aproximadamente 3/4 dos dirigentes nacionais e regionais estavam abaixo dos trinta anos em 1933, assim como a maioria dos militantes de base:⁴⁹⁹

Esta juventude constata-se inclusive nas funções de direção nacional: o Chefe, Plínio Salgado, é quase uma exceção, porque tinha ultrapassado os 35 anos; [Miguel] Reale, no entanto, responsável por um dos setores mais importantes do movimento (Departamento de Doutrina), era um jovem bacharel em Direito com menos de 25 anos.⁵⁰⁰

⁴⁹⁶ “Assim, nós, os integralistas, labutando ininterruptamente pela estruturação do futuro Estado Integral (...), nada mais fazemos que cinzelar ou desenhar (...) na consciência das nossas crianças e jovens, o regime Integralista”. ANAUÊ (J), nº 58, p. 1.

⁴⁹⁷ Ibidem, loc.cit.

⁴⁹⁸ Ibidem, loc.cit.

⁴⁹⁹ TRINDADE, op.cit., p. 144.

⁵⁰⁰ Ibidem, p. 144-145.

Em entrevista a Héglio Trindade, Cândido Mota Filho, que acompanhou a AIB sem ter se filiado, afirmou que “a juventude é o traço fundamental do Integralismo”⁵⁰¹, e isto é que Plínio Salgado ressalta em um texto publicado em 1936 no livro *Palavra nova dos tempos novos*: “E nós gritamos: é preciso iluminar-se de perpétua juventude para formar em nossas fileiras.”⁵⁰²

Para o Chefe Nacional, “ser moço não é apenas ter vinte anos, ou pretender atitude de vinte anos. Ser moço é ser livre. É ser tão livre ao ponto de guerrear a licença e criar a disciplina”.⁵⁰³ Isso lembra o princípio da *Quarta Humanidade*, que o Integralismo pretendia implementar, pois não era a disciplina do espírito que comandaria a libertinagem da matéria?

Ao raciocínio [o materialismo] responde com o impulso. À idéia, responde com o insulto. Ao sentimento, responde com a brutalidade. À delicadeza opõe a grosseria; à virtude contradiz com o vício, a explosão dos instintos e a cegueira dos prazeres fúteis.⁵⁰⁴

Plínio evoca a energia da juventude para o combate, pois seriam embebidos de mocidade que os integralistas teriam a capacidade de lutar contra o inimigo maior: o materialismo, esteja ele encarnado no liberalismo (“Calibã manda apagar as estrelas para acender reclames luminosos. Porque ele é também a concorrência comercial desenfreada e sem controle de nenhum Poder com base no Espírito e no equilíbrio humano”.⁵⁰⁵) ou no comunismo (“Calibã é a (...) lei do ódio dos comunistas, a grosseria de uma sociedade governada pelo sexo e pelo estômago”⁵⁰⁶).

Juventude é tomada de posição, é enfrentamento e virilidade: “Um povo não deve esperar pelo Futuro. Deve marchar para ele. Deve precipitá-lo. A História escreve-se com pensamentos transformados em ação. Só a mocidade realiza esse milagre. Porque ela é força, otimismo e energia criadora”.⁵⁰⁷ É na ação, como diz o Chefe Nacional, que a juventude se faz. “Mocidade, porém, não é análise: é síntese; não é crítica: é energia fecundadora”.⁵⁰⁸ Os velhos de espírito, sejam eles com vinte ou noventa anos, são narcisistas, ficam mirando-se no espelho, cultivando o passado. São “pesados juristas, (...) tardos magistrados, (...) medalhões

⁵⁰¹ Entrevista concedida a Héglio Trindade, em junho de 1970, no Rio de Janeiro, *apud* TRINDADE, *op.cit.*, p. 144.

⁵⁰² SALGADO, 1957b, p. 191.

⁵⁰³ *Ibidem*, p. 190.

⁵⁰⁴ *Ibidem*, p. 329.

⁵⁰⁵ *Ibidem*, p. 327-328. Lembremos que Calibã, em oposição a Ariel, representa o materialismo presente no constante jogo de forças entre os dois princípios, segundo o esquema ideológico de Plínio Salgado.

⁵⁰⁶ *Ibidem*, p. 327.

⁵⁰⁷ *Ibidem*, p. 188-189.

⁵⁰⁸ *Ibidem*, p. 189.

da política e da literatura”⁵⁰⁹ que “se reúnem em conciliábulos, em igrejinhas, para se apalparem medrosos e iludirem a realidade, exclamando uns aos outros: ainda somos viris!”.⁵¹⁰

O texto estudado - *Mocidade eterna!* - é recheado de expressões que ligam a juventude a um princípio virilidade, de coragem. Segundo esse discurso, a juventude fecunda, não se deixa fecundar; não se permite sentir saudade, pois ela “é uma renúncia às seduções do Presente e um desprezo de incapazes pelas maravilhas que o Futuro nos promete”.⁵¹¹ Ela é revolucionária, pois a revolução “é ato de força, portanto, de juventude. Movimento revolucionário é movimento de mocidade. Da eterna mocidade dos heróis”.⁵¹² Esses heróis são jovens, são os que clamam pela violência do mundo, e não os que ficam se lamentando da existência dela, como os “temperamentos melancólicos” que produzem uma literatura que faz apologia às “dores dos vencidos, dos doentes, dos degenerados, dos oprimidos”, e que se comportam diante dos problemas humanos “como mulheres diante de uma tempestade”.⁵¹³ Salgado opõe um masculino viril e jovem a um feminino débil e velho. Um, pleno de força, energia, vitalidade e dinamismo. Outro, decrépito, saudosista, preso a um mundo estático e reflexivo.

É de forma similar que os plinianos eram retratados na mídia integralista. Interessante observar que, tanto na revista *Anauê* quanto nos jornais integralistas locais estudados, a imagem da mocidade é parecida, onde sempre é mostrada como corajosa, enfrentando e vencendo as adversidades: “De nada valeram os boatos de ataques à metralhadora, e os poucos que se intimidaram envergonharam-se em seguida ante a coragem das mulheres e das crianças do Paraná” (grifo meu).⁵¹⁴ Além das ameaças de ataque *comunista* ao desfile dos pequenos integralistas paranaenses, devido ao sol escaldante daquele dia o chefe provincial ofereceu à meninada um transporte adequado para que eles pudessem chegar ao local onde seria servida uma churrascada: “Cerca de dez meninos, mais fatigados, cederam, mas os demais sentiram-se ofendidos por julgarmos crianças sem forças. A resposta foi: o Departamento da Juventude quer marchar e não aceita o oferecimento”.⁵¹⁵ Por fim, segundo o narrador, “os homenzinhos do Paraná, alguns de 4, 5 e 6 anos, meninos das melhores famílias de Curitiba, irmanados com os filhos dos operários, vibrantes e fortes,

⁵⁰⁹ Ibidem, p. 191.

⁵¹⁰ Ibidem, loc.cit.

⁵¹¹ Ibidem, p. 188.

⁵¹² Idem, 1957c, p. 55.

⁵¹³ Idem, 1957b, p. 189-190.

⁵¹⁴ ANAUÊ (R), nº1, p. 26.

⁵¹⁵ Ibidem, loc.cit.

enérgicos e destemidos, deram à população edificada, admirável exemplo de patriotismo e de coragem”.⁵¹⁶

Outro exemplo desse comportamento é o da menina Lygia, de três anos, que, de acordo com uma historieta da revista *Anauê*, desafiou a proibição da polícia local de os integralistas não poderem usar o uniforme nem os distintivos:

Lygia saiu a passeio com uma pessoa da família, e, de espaço em espaço, ia fazendo a ‘saudação indígena’. Em dado momento, a pessoa que a acompanhava, observa-lhe: ‘- Minha filha, não faça assim que o Delegado lhe prende!’. Ela, elevando a cabecinha num gesto meio altivo e meio audacioso, respondeu-lhe: ‘É *pá sê pêsá* mesmo *qui eu to fazendo*’. E, muito convencida, ergueu o braço para o céu, repetindo: ‘Anauê!’⁵¹⁷

Note-se que a menina demonstrou mais coragem do que a própria pessoa que a acompanhava – que provavelmente devia ser militante também - pois o clima naquela cidade era de perseguição, e os integralistas andavam receosos de se exporem, segundo a mesma nota. Esse comportamento é ressaltado em vários outros textos dedicados aos pequenos, como nas excursões do Departamento de Juventude do núcleo de Joinville, verdadeiras odes aos plinianos:

O chuvisco caía monotonamente, cobrindo a turma que, ao rufar dos tambores, marchava sem abrigar-se em lugar algum. Todos estavam sorridentes, alegres, entusiasmados. Fora da cidade, mais ou menos no km 3, o chuvisco tornava-se mais intenso, forçando-nos a marcha. Os Escoteiros, sempre alegres, atravessaram o lamaçal que cobria toda a estrada. Mostravam que não são bonecos que se derretem quando apanham um pouco de chuva.⁵¹⁸

Ou, mesmo, enfrentando o sol, novamente em marcha: “O suor banhava o corpo dos escoteiros, que marchavam cantando o hino integralista”⁵¹⁹; ou sob o frio: “Apesar do frio intenso, a valente rapaziada do Sigma não deixou de tomar parte nessa excursão. (...) O frio (...) era intenso, mas ao passo ritmado da marcha os plinianos pouco frio sentiam”.⁵²⁰ Nessa mesma excursão, enquanto os meninos jogavam futebol sem sentir frio algum, “estranhos encapotados e enluvados apreciavam os plinianos, estes em calções e camiseta, banhavam-se em suor”⁵²¹, contraste que só fez aumentar a ênfase discursiva na intrepidez pliniana. Calor, chuva, frio, cansaço, nada podia deter os meninos do Sigma, futuros batalhadores da causa

⁵¹⁶ Ibidem, loc.cit.

⁵¹⁷ Idem, nº 14, p. ?

⁵¹⁸ ANAUÊ (J), nº 15, p. 1.

⁵¹⁹ Idem, nº 19, p. 3.

⁵²⁰ Idem, nº 48, p. 4.

⁵²¹ Ibidem, loc.cit.

integralista, pois o pliniano “sorri nas dificuldades e não conhece a palavra IMPOSSÍVEL”. Ele “jamais deixar-se-á vencer nessa marcha gloriosa, nem se deixar titubear; marchará de frente erguida, esmagando as cobras venenosas e asquerosas que lhe querem picar a alma, para derruba-lo e afasta-lo do caminho da Glória e Redenção da Pátria”.⁵²²

Os soldadinhos da pátria eram retratados na propaganda integralista não somente como corajosos, mas também com um tom selvagem. Essa era a demonstração de sua energia, sua vivacidade de jovens: “Essa juventude que não admite críticas nem observações. Que não conhece a palavra ‘impossível’, que não reconhece prudência nem reserva; mas que quer demonstrar a pujança de seu sangue novo e viril, quente como o sol que profusamente distribuía os seus raios, acariciando o corpo vigoroso e jovem”.⁵²³ Plínio Salgado, ao criticar a atitude *senil* dos que não acompanhavam o ritmo de sua *revolução*, recomenda: “Aos decrépitos de vinte anos que se estiolaram compondo versos fúnebres e lúgubres novelas, aconselhamos as escolas de ‘jiu-jitsu’ e de luta romana”.⁵²⁴ E era nesse enfrentamento que a juventude era formada, nos dizeres da mídia partidária, e também essa imagem combativa que se divulgava: “Ouviam-se, então, os primeiros ruídos da ‘batalha’, e esta devia estar renhidíssima, pois chegava o sinal de ‘reforço’. Os que foram escalados para o mesmo diziam convictos: ‘Nós daremos conta do inimigo’ – enquanto os que ficaram soltavam suspiros de tristeza por não poderem estar no seu lugar”.⁵²⁵

Não só em exercícios de emboscada e combate como o visto acima - próprios do escotismo -, que eles eram educados, mas também na prática de lutas no decorrer das excursões, como na Fotografia 2, mostrada abaixo, ou na primeira saída de campo dos plinianos de Joinville, onde “quase todos entretinham-se em ‘lutas romanas’, que foram disputadas inúmeras vezes”.⁵²⁶ Mas esse comportamento espontâneo, selvagem, não era somente retratado nas lutas, mas também na interação dos meninos com a natureza, e na alegria com que eles eram mostrados brincando, soltos, sem a supervisão dos chefes.

⁵²² Idem, nº 80, p. 2.

⁵²³ Idem, nº 106, p. 2.

⁵²⁴ SALGADO, 1957b, p. 191.

⁵²⁵ ANAUÊ (J), nº 105, p. 2.

⁵²⁶ Idem, nº 15, p. 1.



Fotografia 2 – Plinianos do Núcleo Integralista da Ilha do Governador, RJ.⁵²⁷

Na excursão dos pequenos joinvilenses à Ilha Grande – reduto de natureza selvagem -, por exemplo, vemos em todo o texto provas dessa imagem, e, também, imagem esta que acabava construindo uma contraposição ao urbano, ao cosmopolita, de forma subjetiva, ao firmar esse pliniano ligado às coisas da terra, da natureza das matas e animais, como ressaltou o próprio chefe do DMJ, Silvio Prodoehl:

Com imenso prazer noto que em nossos Escoteiros desperta o amor à natureza, o amor de marchar pela imensa terra brasileira, e, voltando o olhar para o futuro, vemos a Mocidade Brasileira, com a mochila nas costas, marchar para a mata e pelas estradas desse gigantesco Brasil. Conhecerão a beleza de nossa terra, de nosso querido Brasil. Nascidos, criados nas cidades, nunca chega-lhes a oportunidade para mirarem a natureza de nossa amada Pátria, e, se a tiverem, preferem o ambiente dos salões, os sons de uma orquestra. (...) Mas eis que surge o ‘novo’ brasileiro, o ‘verdadeiro’ filho desta terra; ele começa a conhecer sua Pátria e saberá aproveitá-la.⁵²⁸

No texto, vê-se uma contraposição, conforme o ideário integralista, entre o *verdadeiro* e o *falso* brasileiro, entre aquele que conhece e aproveita a terra em que nasceu e o que se limita às cidades, a se fechar nos salões – ou, ao gosto de Plínio Salgado, opõe-se o campo à cidade, o mundo rural ao cosmopolita: o espírito à matéria -, como na volta dos plinianos da sua última excursão documentada: foi ao desembarcarem e desfilarem pela cidade que encontraram “olhos mal intencionados, olhos de remorso, olhos de escárneo”⁵²⁹,

⁵²⁷ ANAUÊ (R), nº 10, p. 11.

⁵²⁸ ANAUÊ (J), nº 19, p. 3.

⁵²⁹ Idem, nº 106, p. 2.

embora também encontrassem manifestações favoráveis a eles – ou seja, diferentemente da ilha, local selvagem, longe da *civilização*, a cidade continha elementos considerados *impuros*, os quais poderiam ameaçar a *candura* pliniana. Por isso, era nas próprias matas que os *novos brasileiros* se realizavam: após banharem-se no mar, os escoteiros em excursão à Ilha Grande experimentaram “ostras. Grande descoberta. Um fogo, e as ostras, num estalo seco e rouco, diziam estarem ‘boas’. ‘Eta que coisa boa! É melhor que galinha! É melhor que um peru!’, asseguravam os Plinianos”.⁵³⁰

Seja no exótico cardápio, ou mesmo no ambiente selvagem, os meninos se deliciavam com as novas experiências, e eram identificados, pelo narrador, ao verdejante ambiente: “‘Que belo’ – foi a exclamação quando, do alto da Ilha, se desenrolava o lindo panorama que a natureza oferecia. O mar, na sua imensa grandeza, e no seu gigantesco seio, as ilhas pequeninas e **verdes (...)** **como o nosso uniforme**, e as águas, também verdes” (grifo meu).⁵³¹ Eles eram como um “filho das selvas brasileiras”,⁵³² pois seus corpos se assemelhavam aos dos indígenas, segundo Prodoehl: “O suor que corre pelas faces, pelo corpo, banhando-o completamente, e quando te vejo assim, à luz do dia ou à luz artificial das lâmpadas, pareces o índio das selvas brasileiras, radiante de saúde e de alegria, onde em tua pele bronzeada os raios solares refletem a virilidade do teu físico”.⁵³³

Essa identificação entre os escoteiros integralistas e a natureza, no caso específico sugerido pelo narrador do fato, chega a colocar as crianças acima da moral, quando ele narra o momento em que alguns plinianos se despem e unem-se a outros meninos que brincavam no mar:

Um, dois, três plinianos, sentados à sombra de uma árvore, contemplavam aquele quadro, tão vivo e tão belo. Seus olhos falavam a mesma linguagem dos outros, que também queriam compartilhar daquela alegria. E tudo impedido por um pequenino trapo de pano, uma pequenina e irrisória invenção do homem civilizado – o calção. O menor dos três, animado e tranqüilizado com as palavras dos seus superiores, não pode mais resistir. Foram-se os preconceitos de uma **falsa educação**.⁵³⁴

Assim, a propaganda integralista os transformava em herdeiros do Sigma, possuindo uma conduta específica, uma moral própria, que os tornavam *diferentes* dos outros meninos. Eram camaradas, e compartilhavam dos mesmos ideais: “O último banho! O mesmo quadro, a

⁵³⁰ Ibidem, loc.cit.

⁵³¹ Ibidem, loc.cit.

⁵³² Idem, nº 63, p. 2.

⁵³³ Ibidem, loc.cit.

⁵³⁴ Idem, nº 106, p. 2.

mesma alegria, o mesmo ambiente de leal e sincera camaradagem. Pertenciam todos a uma só família, a um só grande ideal, a uma só grande Bandeira”.⁵³⁵ O seu Código ressaltava essa característica como norma, pois deveriam formar a legião “que marcha viril para um destino mais glorioso, garantindo a Honra e a Dignidade da Nação”⁵³⁶:

Quer nas dores como nas alegrias, o Pliniano estará sempre ao lado de seus companheiros. Com eles compartilhará de tudo quanto vier nesta grande Marcha. Jamais abandonará seus companheiros ombro a ombro; batalhará pela conquista da Pátria, demonstrando bem alto os laços indestrutíveis de camaradagem que os une. Viveu nas alegrias, também viverá nas dores.⁵³⁷

A propaganda reforça: “As estradas inverter-se-ão em uma imensa nuvem de pó, levantada pelos milhares de passos dos teus companheiros, que marcham para uma nova vida, para uma época inapagável (sic) na memória brasileira”.⁵³⁸ E logo no primeiro encontro para a formação dos escoteiros integralistas, o chefe do núcleo municipal joinvilense, Aristides Largura, ressaltava essa grande comunidade nacional da juventude, que aqueles pioneiros estavam por engajar-se: “Fez-lhes ver a responsabilidade que assumiam, os deveres que se lhes impunham desde aquele momento, terminando por concita-los **a unir seus esforços**, de pequeninos mas resolutos, **ao que está fazendo a mocidade brasileira** em prol do engrandecimento da Pátria” (grifos meus).⁵³⁹ O mesmo chefe, na ocasião da primeira excursão do grupo, elogiou-lhes o comparecimento e “em poucas palavras chamou a atenção de todos para a disciplina, educação e **camaradagem**, três das **virtudes principais** do integralista” (grifos meus).⁵⁴⁰

Outras duas características imputadas à juventude integralista, e divulgadas nos periódicos, eram a disciplina e a capacidade de sacrifício pela causa do Sigma. Os jovens eram retratados como a ponta de lança do Integralismo, os heróis que viviam *verdadeiramente* a doutrina: “pois vós sois os legítimos e verdadeiros baluartes de um novo Brasil, de uma nova Pátria, que se orgulha destes seus filhos que não medem sacrifícios e nem temem a própria morte em defesa da trilogia DEUS, PÁTRIA e FAMÍLIA”.⁵⁴¹

⁵³⁵ Ibidem, loc.cit.

⁵³⁶ Idem, nº 90, p. 2.

⁵³⁷ Idem, nº 80, p. 2.

⁵³⁸ Idem, nº 9, p. 2.

⁵³⁹ Idem, nº 5, p. 4.

⁵⁴⁰ Idem, nº 15, p. 1.

⁵⁴¹ Idem, nº 48, p. 4.

A mocidade guerreava a licença e criava a disciplina, como nos dizeres de Salgado, e isso era expresso em alguns exemplos, historietas de crianças que, verídicas ou não, serviam para expor um determinado ponto doutrinário – no caso, o compromisso dos pequenos com a pátria, como no ocorrido com uma pliniana de Pernambuco. Dione, de sete anos, inicia a nota dizendo para sua tia que comungara pela salvação do Brasil. Naquele mesmo dia,

à hora da matinê infantil do cinema local, vendo que Dione não se aprontava como as outras crianças, perguntou-lhe sua mãe: - Então Dione, você não vai ao cinema? (...) – Mamãe – disse (...) em voz baixa, chegando-se perto dela – eu hoje não quero ir ao cinema; quero fazer mortificação pela vitória do Integralismo!⁵⁴²

Ainda na mesma nota, o narrador ressalta a atitude da moça: “Privar-se dum prazer, fazer um sacrifício pelo bem do Brasil! E isso espontaneamente! Uma menina de sete anos!”.⁵⁴³ E finaliza, dizendo que os inimigos deveriam temer o Integralismo, pois “nenhuma força humana deterá mais a marcha gloriosa dos ‘Camisas Verdes’”.⁵⁴⁴ Da mesma forma, a menina Lygia, cujo caso fora analisado mais acima, *desafiou* a polícia, demonstrando mais coragem que os próprios adultos, a ponto de querer submeter-se ao sacrifício da prisão pelo Integralismo: “É pá sê pêsá mesmo qui eu to fazendo”.⁵⁴⁵ Também pode-se constatar outra *lição* de sacrifício, na história de um menino doente, submetido a um tratamento dolorido:

Pouco tempo depois [de aderir à AIB] adoecia o pequeno integralista, e era submetido a tratamento de dolorosas injeções, as quais, de lábios fechados, e com os olhos inundados de lágrimas, suportava sem um gemido. Alguém admirado comentou a valentia do doentinho, e ele justificou-a com voz trespassada de dor: **Integralista não chora.** Dois dias passados e o pliniano heróico pede que lhe vistam a camisinha verde. Despede-se dos presentes com um anauê, que era mais um suspiro de alívio, e morre. (grifo meu)⁵⁴⁶

A *lição*, independente de ter ocorrido ou não, atingiu o seu propósito. Por meio de uma situação comovente, que foi a agonia do tratamento de saúde de uma criança de cinco anos, *demonstrou-se* que até as crianças viviam verdadeiramente a doutrina, pois “este fato foi-nos revelado como prova sensível de que o Integralismo está evidentemente enraizado em nossa terra, na alma da infância, da mocidade e da velhice”⁵⁴⁷; claro, a juventude, “esta sim, em maior parte, compreendeu o Integralismo não filosoficamente, mas, sim, por amor”.⁵⁴⁸ Desta forma, o narrador diz aos Camisas Verdes para tirarem “das três palavras do pequeno

⁵⁴² ANAUÊ (R), nº 19, p. 45.

⁵⁴³ Ibidem, loc.cit.

⁵⁴⁴ Ibidem, loc.cit.

⁵⁴⁵ Idem, nº 14, p?

⁵⁴⁶ ANAUÊ (J), a. 2, nº 11, p. 2.

⁵⁴⁷ Ibidem, loc.cit.

⁵⁴⁸ Idem, nº 58, p. 1.

companheiro um grande ensinamento, uma esplendida lição de moral: Integralista não chora. É impassível ao sofrimento, por mais feroz que seja, porque ele próprio é a encarnação da grande dor nacional”.⁵⁴⁹

Os militantes, então, deveriam oferecer sua vida em sacrifício pela causa, e quem ensinava-lhes isso era uma criança. Os plinianos, em sua espontaneidade, na força de sua juventude, é que deveriam servir “de exemplo heróico aos adultos, humilhando-os com vossa galhardia, com vosso orgulho, com vossa felicidade”.⁵⁵⁰ Era assim que eles disponibilizavam-se em nome da salvação do Brasil: “Teu braço pequenino, em firme saudação ao Chefe Nacional, demonstrou tua fidelidade a ele. Tua fisionomia espelhou o entusiasmo de ser ESCOTEIRO INTEGRALISTA. (...) Teu busto dilatado mostrou que o sacrificarias pelo Bem de tua grandiosa Pátria”.⁵⁵¹ Ou seja, seu corpo tornara-se peça doutrinadora, e sua vida era oferecida em holocausto em prol de uma cosmogonia irracional que congregava política e espiritualidade num movimento autoritário que almejava, antes de tudo, a tomada do poder.

⁵⁴⁹ Idem, a. 2, nº 11, p. 2.

⁵⁵⁰ Idem, nº 13, p. 1.

⁵⁵¹ Idem, nº 9, p. 2.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, sob o enfoque da educação nas milícias juvenis integralistas, objetivei preencher certas lacunas deixadas no fim da minha graduação, e ampliar o conhecimento já elaborado naquela ocasião da monografia, visando não somente contribuir com a historiografia da educação, mas também trazer à tona uma face inexplorada da Ação Integralista Brasileira, que era a preocupação com a formação da juventude.

Porém, mesmo com um suporte metodológico mais aperfeiçoado e com todo o apoio de um curso de Pós-Graduação, várias questões foram deixadas de lado, principalmente devido ao acesso às fontes históricas, tornando esta pesquisa somente um ponto de partida para futuras incursões no campo de estudos dos *plinianos*. Acredito que um enfoque político-institucional que revelasse as relações de força dentro do partido e, em específico, nos departamentos de juventude, assim como um estudo sobre quem eram e quais relações mantinham os meninos matriculados nos escoteiros da AIB, ajudariam a completar este quebra-cabeças histórico, podendo ser um ponto de partida para futuros estudos.

Assim, ao estudar mais a fundo a ideologia de Plínio Salgado – fundador e líder da Ação Integralista -, pude compreender seu caráter educacional como um todo, cujo afã era o de não somente mudar o regime político vigente, substituindo os velhos grupos assentados no poder federal por outros, vestidos com uma camisa verde, mas promover, segundo esse esquema doutrinário, uma transformação interior nos seres humanos a ponto de estes sobrepujarem as forças dos instintos e poderem levar a humanidade a uma era de harmonia social e intensa espiritualidade.

Vi também como esse aspecto do pensamento integralista se refletia na organização institucional da AIB, permitindo que sua estrutura moldasse os futuros cidadãos da *pátria integral* em todos os níveis, dos adultos às crianças, com um conjunto de comportamentos pré-estabelecidos e de ritos que acompanhavam os militantes do nascimento à passagem para as *milícias do além*.

Pude constatar que os integralistas estavam à par das discussões pedagógicas dos anos de 1930, desenvolvendo, se não um raciocínio próprio, mas pelo menos adaptado às suas necessidades ideológicas, na medida que estavam inseridos no contexto de um entusiasmo pela educação que caracterizou aquela época, o qual apreenderam as idéias da Escola Nova à

luz da ideologia camisa-verde, e aplicaram alguns princípios desses métodos educacionais - de vanguarda na época - no cotidiano dos seus grupos de escoteiros.

Por fim, descrevi e analisei alguns aspectos da seção integralista de juventude, como sua organização, metodologia, formação e conteúdo doutrinário.

Quanto à organização, me ative não somente a descrever a estrutura e a hierarquia *pliniana*, mas acompanhei as mudanças que a seção de juventude sofreu no decorrer da vida política da AIB, percebendo a importância e a complexidade que ela foi adquirindo com o tempo, compreendendo isso basicamente a partir das modificações dos estatutos.

A metodologia acaba se entrelaçando, em partes, com essa análise da organização, na medida em que a estrutura formativa *pliniana* impunha os limites da aplicação das técnicas educacionais. Mesmo assim, percebi a funcionalidade dos periódicos – em especial a revista *Brasil Feminino*, no seu encarte voltado ao público infanto-juvenil – no auxílio da doutrinação, e, especialmente, na divulgação de métodos afins das concepções educacionais da Escola Nova, especialmente no tocante ao *aprender a aprender*, desenvolvendo um espírito prático de iniciativa no aluno/leitor/escoteiro.

Ilustro as observações acima com um estudo de caso das atividades do Departamento Municipal de Juventude da cidade de Joinville, nordeste de Santa Catarina, não só mostrando como funcionava na prática todos esses regulamentos partidários e métodos didáticos, mas também comparando questões locais com nacionais, como no caso da caracterização das influências do escotismo de Baden-Powell na Juventude Integralista, ou na descrição das escolas de formação de instrutores para os *plinianos*.

O culto à figura de Salgado, embora negado pelo próprio, é analisado sob o ponto de vista da sua projeção em relação aos jovens Camisas Verdes. Demonstro com isso que o Chefe Nacional era colocado acima até mesmo da autoridade paterna dentro da família, tido quase como um salvador enviado pela Divina Providência, responsável pelo despertar do Brasil, cuja fotografia, posta sempre em evidência em relação às outras, velava as reuniões da AIB, ratificando sua onipresença e - porque não dizer? - onipotência.

Por fim, estudei a forma como os integralistas retratavam sua juventude nos seus periódicos, caracterizando meu objeto de estudos sob a perspectiva do partido, revelando, assim, o ideal de escoteiros para a AIB, e, por extensão, o ideal do futuro cidadão para o Estado integralista. As narrativas sobre os *plinianos* mostram-nos, na grande maioria das vezes, como intrépidos soldadinhos, superando todo tipo de dificuldades, e enfrentando até o

chamado *perigo comunista*. Eram vistos como *selvagens*, inclinados, como num impulso natural, à vida do campo, e identificados, nesse esquema ideológico, como os *verdadeiros* brasileiros. Verdadeiros, de acordo com a oposição que Salgado faz entre espiritualismo e materialismo, porque ligados ao interior do país, em oposição à cidade cosmopolita, tida como o antro dos males vindos *de fora*. Segundo a propaganda do Sigma, eles eram retratados como disciplinados a ponto de sacrificarem não somente alguns prazeres da infância em prol do movimento camisa-verde, mas também a vida, na defesa dos valores integralistas.

Essa estrutura formativa esteve presente em todo o Brasil. Se todos os núcleos suportavam grupos escoteiros, e se esses possuíam os mesmos cuidados despendidos aos jovens nas regiões de maior concentração de militantes, não se sabe. Porém, essa vivência doutrinária desde os primeiros anos de vida, tanto no seio da família quanto nos grupos *plinianos*, ajudou a formar toda uma geração que mais tarde dividiu postos-chave na sociedade brasileira com ex-militantes adultos, fosse nas Forças Armadas, na burocracia estatal, ou no jogo político-partidário. Sabe-se que alguns ex-integralistas, tanto da militância adulta quanto juvenil, apoiaram e participaram do governo de Getúlio Vargas entre 1938 e 1945, participaram de eleições e assumiram cargos pelos mais diferentes matizes partidários na *redemocratização* propiciada pelo pós-guerra, ajudaram na efetivação da instituição do regime de exceção de abril de 1964, e na sustentação do mesmo, dentre outras inserções na sociedade brasileira.

Acredito que este estudo contribuiu, mesmo de forma modesta, não só para a compreensão de uma determinada época, mas, se lido sob um ponto de vista mais amplo, também pode ajudar a entender processos históricos que se estendem até hoje, cujos responsáveis tiveram seu *nascimento para a vida pública* nas fileiras do Sigma, formados por uma doutrina que tem suas raízes na intolerância – mesmo que por vezes velada -, e numa concepção irracional, estática, hierárquica e autoritária de mundo.

REFERÊNCIAS

LISTA DE FONTES

AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. **Manifesto-programa com que a Ação Integralista Brasileira comparecerá às eleições de Presidente da República.** RJ: Secretaria Nacional de Propaganda, 1936a.

AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. **Protocolos e rituais.** --: --, 1937.

AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. **Regulamento do Departamento da Juventude.** RJ: --, 1936b.

AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. **Regulamento da Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e da Juventude.** RJ: --, 1936c.

ALVORADA. Blumenau, SC: Núcleo Integralista de Blumenau. 1934-1937. Jornal.

ANAUE. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira. 1935-1937. Revista ilustrada. (R)

ANAUE!. Joinville, SC: Núcleo Integralista de Joinville. 1934-1937. Jornal. (J)

BACKHEUSER, Everardo. Integralismo da educação. *In*: SALGADO et. al., **Enciclopédia do Integralismo.** RJ: Livraria Clássica Brasileira, 196-. Vol. 9. p. 17-26.

BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira. 1937. Revista ilustrada.

CÂMARA, Hélder. Pedagogia Integralista. *In*: SALGADO et. al., **Enciclopédia do Integralismo.** RJ: Livraria Clássica Brasileira, 196-. Vol. 9. p. 29-37.

MONITOR INTEGRALISTA. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira. 1934. Jornal

O JARAGUÁ. Jaraguá do Sul, SC: Núcleo Integralista de Jaraguá do Sul. 1934-1937. Jornal.

PENNA, Belisário. A mulher, a família, o lar e a escola. *In*: SALGADO et. al., **Enciclopédia do Integralismo**. RJ: Livraria Clássica Brasileira, 196-. Vol. 9. p. 41-59.

SALGADO, Plínio. A quarta humanidade. *In*: **Obras completas**. SP: Ed. das Américas, 1955. Vol 5.

SALGADO, Plínio. Madrugada do Espírito. *In*: **Obras completas**. SP: Ed. das Américas, 1957a. Vol 7.

SALGADO, Plínio. Palavra nova dos tempos novos. *In*: **Obras completas**. SP: Ed. das Américas, 1957b. Vol 7.

SALGADO, Plínio. Psicologia da revolução. *In*: **Obras completas**. SP: Ed. das Américas, 1957c. Vol 7.

SALGADO, Plínio. O que é integralismo? *In*: **Obras completas**. SP, Ed. das Américas, 1957d. Vol 9.

SALGADO, Plínio. Para se compreender esse livro. *In*: SALGADO et. al., **Enciclopédia do Integralismo**. RJ: Livraria Clássica Brasileira, 196-. Vol. 9. p. 7-14.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Totalitarismo e revolução**. O integralismo de Plínio Salgado. RJ: Zahar, 1988.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de Ivo Storniolo. SP: Paulus, 1995. 14ª impressão.
- BROXSON, Elmer R. **Plínio Salgado and Brazilian Integralism, 1932-1938**. 1972. Tese de doutoramento. Graduate School of Arts and Sciences, Catholic University of America, Washington D.C., 1972.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a república e outros ensaios**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.
- CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**. Ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru, SP: Edusc, 1999.
- CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. *In*: CHAUÍ, Marilena; FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. **Ideologia e mobilização popular**. RJ: Paz e Terra/CEDEC, 1978.
- CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. Lembranças do esquecimento: datas e comemorações do movimento integralista brasileiro. *In* CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro; DOTTA, Renato Alencar; POSSAS, Lídia Maria. (Orgs) **Integralismo: novos estudos e interpretações**. Rio Claro, SP: Arquivo Público do Município de Rio Claro, 2004. P. 17-26.
- CURY, Jamil. **Ideologia e educação brasileira**. São Paulo: Cortez - Associados, 1986.
- CYTRYNOWICZ, Roney; ZUQUIM, Judith. Notas para uma história do escotismo no Brasil: A “psicologia escoteira” e a teoria do caráter como pedagogia de civismo (1914 – 1937). **Educação em Revista**, Belo Horizonte, nº 35, p. 43-58, julho 2002.
- DIAS, Romualdo. **Imagens de ordem**: a doutrina católica sobre autoridade no Brasil (1922-1933). São Paulo: UNESP, 1996.
- FIGUEIREDO, Carlos. **100 discursos históricos brasileiros**. Belo Horizonte: Leitura, 2003.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Pedagogia e luta de classes no Brasil** (1930-1937). Ibitinga, SP: Humanidades, 1991.

LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista e modernização. *In*: COSTA, Wilma Peres da. DE LORENZO, Helena Carvalho. **A década de 20 e as origens do Brasil moderno**. SP: UNESP/FAPESP, 1998.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na primeira republica**. 2ª Edição. RJ: DP&A, 2001.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Escotismo e nacionalismo no Brasil. **Educação é história**. [Diário Eletrônico (Blog)]. http://jorge.carvalho.zip.net/arch2006-12-31_2007-01-06.html. Postagens de 1, 2 e 5 de janeiro de 2007. Acessado em 5/12/2007.

NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. Educação e civismo: o movimento escoteiro em Minas Gerais (1926 – 1930). **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, SP, nº 7, p. 43-73, jan/jun 2007.

PIO XI. **Divini Illius Magistri** [encíclica]. http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_31121929_divini-illius-magistri_po.html. Acessado em 10/03/2007.

VELLOSO, Mônica. A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 6, nº 11, p. 89-112, 1993.

ROSA, Fátima de Sousa. A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira. **Cadernos CEDES**, Campinas, SP, ano XX, nº 52, p. 104 – 121, novembro de 2000.

TRINDADE, Hélió. **Integralismo**. O fascismo brasileiro na década de 30. SP/RJ, DIFEL: 1979.

TRINDADE, Hélió. Integralismo: Teoria e práxis política nos anos 30. *In*: FAUSTO, Boris (dir). **História Geral da Civilização Brasileira**. RJ: Difel, 197-. Vol. 3, tomo 3.